

# Convergência

509

MARÇO • 2018 • ANO LIII

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil – CRB  
ISSN 0010-8162



**CRB**

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad  
Editor: Irmão Lauro Daros, frns  
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Frei Moacir Casagrande, ofmcap  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jaldemir Vitório, sj  
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes  
Diagramação: Marília da Silva Ferreira  
Revisão: Agda Sã  
Impressão: Editora Gráfica Ipiranga  
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 - Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409  
E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73



EDIÇÕES CNBB  
SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014  
Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019  
E-mail: [vendas@edicoescnbb.com.br](mailto:vendas@edicoescnbb.com.br)  
[www.edicoescnbb.com.br](http://www.edicoescnbb.com.br)

## Sumário

### Editorial

CRISTO, A VIDEIRA VERDADEIRA	5
------------------------------	---

### Mensagem do Papa

ENCONTRO COM OS SACERDOTES, CONSAGRADOS, CONSAGRADAS, SEMINARISTAS E SUAS FAMÍLIAS	8
--	---

### Santos/Mártires

VENERÁVEL PADRE RODOLFO KOMÓREK SALESIANO DE DOM BOSCO D. Hilario Moser	16
---	----

### Informes

SEMINÁRIO CONTINENTAL CONTRA O TRÁFICO DE PESSOAS Irmã Eurides Alves de Oliveira, ICM	22
COMUNIDADE ECOLÓGICA: AMBIENTE LIVRE DE FOFOCAS! Irmã Annette Havenne	26

### Artigos

CAIM E ABEL: A DIFÍCIL TAREFA DE CRIAR FRATERNIDADE ENTRE NÓS A HISTÓRIA DAS CINCO QUEDAS Frei Carlos Mesters, carmelita	31
A FRATERNIDADE E A SUPERANÇA DA VIOLÊNCIA CONTRA LGBT Luís Corrêa Lima*	46
O SIGNIFICADO DA VIDA CONTEMPLATIVA HOJE Irmã Marta	59

VIDA COMUNITÁRIA, ATO DE MISERICÓRDIA! Rafael Lopez Villaseñor	71
VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA E AUTONOMIA DO SUJEITO Pe. Abimael F. do Nascimento	80
A ESCOLA DA EUCARISTIA PARA APRENDER A DISCERNIR, AMAR E ADERIR TOTALMENTE À VONTADE DO PAI Frei Patrício Sciadini	88

## CRISTO, A VIDEIRA VERDADEIRA

“Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, produz muito fruto, porque, sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). Na visita à Colômbia, o papa Francisco contextualizou o seu discurso na videira verdadeira, Cristo, dizendo que devemos permanecer em Cristo para viver na alegria. “A nossa alegria contagiante deve ser o primeiro testemunho da proximidade e do amor de Deus. Somos verdadeiros dispensadores da graça de Deus, quando deixamos transparecer a alegria do encontro com Ele”.

A seção Mártires/Santos traz a biografia do Padre Rodolfo Komórek. O autor do texto, D. Hilário Moser, assim sintetizou a vida do Pe. Rodolfo: homem de Deus e de oração; humilde ao extremo; pobre entre os pobres; obediente, à imitação de Cristo; pureza irradiante; gentil e afável, a serviço de todos; amigo dos velinhos e crianças”.

Nos Informes, Ir. Eurides publica a Mensagem Final e o Compromisso do Seminário Continental contra o Tráfico de Pessoas, realizado na Colômbia, em agosto de 2017. Os Participantes do Evento declararam: “Sentimos vivamente que, a partir dos gritos e dos silêncios das vítimas e sobreviventes do Tráfico de Pessoas – a escravidão do século – Deus continua nos chamando e nos convida a sair depressa, sem demora, ao encontro da vida ameaçada destas irmãs e irmãos que o sistema escraviza”.

Irmã Annette, com o texto “Comunidade Ecológica: ambiente livre de fofocas”, relata uma experiência, ao encontrar um livro na livraria de um aeroporto. O livro denomina-se “*como manter o ambiente de trabalho saudável e altamente produtivo!*”, cujo autor é Sam Chapman. Transportando o tema “fofoca” para a VRC, a Irmã Annette faz esta reflexão: “Por trás da questão da fofoca há na realidade a questão interior do olhar mais ou menos sadio com que olhamos o outro, a outra! Somos capazes de olhar o outro com atenção respeitosa para a beleza escondida por trás das suas fragilidades e limites? Somos capazes de aceitar o fato de que ele não é disponível ao nosso desejo de reformá-lo à nossa imagem?”

Seção Artigos inicia-se com dois textos sobre a CF 2018. Frei Carlos Mesters fala sobre “Caim e Abel – a difícil tarefa de criar fraternidade entre nós. A história das cinco quedas”. Chegando ao fim da História das Cinco Quedas, o autor pergunta: “Qual será o futuro da humanidade?”

O segundo texto sobre a CF é do Pe. Luis Corrêa Lima: “A Fraternidade e a Superação da Violência contra LGBT”. Escreve o autor que “esta campanha é uma ocasião oportuna para se refletir e agir contra um tipo especial de violência: a que é cometida contra os LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). Pergunta-se: “de onde vem esta violência horrível e absurda?”

Irmã Marta traz “O Significado da Vida Contemplativa, Hoje”. Num belo parágrafo, Irmã Marta expressa que “Certamente o mundo questiona a nossa inutilidade, porque ‘olhamos e não fazemos nada...’. Santa Teresinha, uma das mentes mais brilhantes em suas imagens, se percebia como um pequeno pássaro impotente para voar como as águias, mas que, no entanto, delas possuía os grandes olhos. Pequeno, inútil ou não, o contemplativo tem olhos de águia para olhar fundo para o mundo, para as pessoas, principalmente em sua dor; e, ao mesmo tempo, olhar fundo para o Senhor e implorar misericórdia para si e seus irmãos”.

“Vida comunitária, ato de Misericórdia!” é um texto do Pe. Rafael Lopez sobre a essencialidade da misericórdia na VRC. Ele explica: “Este texto aborda em um primeiro momento o sentido tradicional de comunidade como lugar de proximidade, localidade, sentimentos, relações, entre outros aspectos. Em um segundo momento analisa o esvaziamento do sentido de comunidade na sociedade atual, tudo é comunidade, mas nada é comunitário! Essa realidade também é transferida e cria suas implicações concretas para com a Vida Religiosa Consagrada que deve ser cada vez mais o lugar de misericórdia e de perdão”.

Pe. Abimael apresenta o artigo “Vida Religiosa Consagrada e autonomia do sujeito”. O autor esclarece que “a presente reflexão pauta-se pela evasão que tem batido às portas da Vida Religiosa Consagrada (VRC). A busca de compreensão desse fenômeno tem ocupado muitos debates nos últimos anos. Nesta reflexão a linha de raciocínio percorre o tema da autonomia do sujeito e a realidade das instituições da VRC. A pergunta é: como conciliar essas duas demandas em um contexto que parece divorciá-las? Deste modo, considerando as palavras do papa Francisco, a estrutura da VRC e a individualidade de seus membros, procurar-se-á expor pistas de conciliação entre a estrutura da VRC e as individualidades que a compõe”.

No último texto, Frei Patrício nos oferece reflexões preciosas sobre a Eucaristia. No texto “A Escola da Eucaristia para aprender a discernir, amar e aderir totalmente à vontade do Pai”, define a Eucaristia como “Pão de vida, alimento necessário para fazer crescer em nós a semente da caridade depositada em nossos corações por obra do Espírito Santo”. Diz ainda que “há uma estreita relação entre Eucaristia e Santidade”.

# ENCONTRO COM OS SACERDOTES, CONSAGRADOS, CONSAGRADAS, SEMINARISTAS E SUAS FAMÍLIAS

## DISCURSO DO SANTO PADRE

*Estádio Coberto La Macarena (Medellín)  
Sábado, 9 de setembro de 2017*

*Caríssimos irmãos Bispos,  
queridos sacerdotes, consagrados, consagradas, seminaristas,  
prezadas famílias, queridos amigos colombianos!*

A alegoria da videira verdadeira, que acabamos de ouvir no Evangelho de João, situa-nos no contexto da Última Ceia de Jesus. Naquele clima de intimidade, de uma certa tensão, mas carregada de amor, o Senhor lavou os pés dos seus discípulos, quis perpetuar a sua memória no pão e no vinho, e também abriu profundamente o seu coração àqueles que mais amava.

Naquela primeira noite “eucarística”, naquele primeiro ocaso, Jesus, depois do gesto de serviço, abre-lhes o seu coração; entrega-lhes o seu testamento. E, como naquele Cenáculo, continuaram depois a reunir-se os Apóstolos, com algumas mulheres e Maria, a Mãe de Jesus (cf. At 1, 13-14); assim aqui hoje, neste lugar, nos reunimos nós para O escutar e para nos escutarmos. A Irmã Leidy de São José, Maria Isabel e o Padre Juan Felipe deram-nos o seu testemunho... e cada um de nós que aqui está poderia também contar a sua história vocacional. E, em comum, todos temos a experiência de Jesus que veio ao nosso encontro, nos precedeu e assim nos

“cativou” o coração. Como diz o *Documento de Aparecida*, “conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-Lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-Lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (n. 29), a alegria de evangelizar.

Muitos de vós, jovens, descobristes este Jesus vivo nas vossas comunidades; comunidades com um ardor apostólico contagioso, que entusiasma e fascina. Onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas; é a vida fraterna e fervorosa da comunidade que desperta o desejo de se consagrar inteiramente a Deus e à evangelização (cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 107). Por natureza, os jovens vivem inquietos, à procura. Ou estou errado? Aqui quero deter-me um momento para vos referir uma recordação triste (é apenas um parêntese). É verdade que os jovens vivem, naturalmente, inquietos; mas esta sua inquietação muitas vezes é desencaminhada, destruída pelos sicários da droga. E Medelim traz-me à mente esta recordação: muitas vidas jovens destroçadas, descartadas, destruídas. Convido-vos a lembrar, a acompanhar este cortejo lutuoso, a pedir perdão para quem destruiu as aspirações de tantos jovens, pedir ao Senhor que converta os seus corações, para que acabe esta derrota da humanidade jovem. Por natureza, os jovens vivem inquietos, à procura, e, apesar de assistirmos a uma crise do compromisso e dos laços comunitários, são muitos os jovens que, à vista dos males do mundo, se mobilizam conjuntamente e se dedicam a diferentes formas de militância e voluntariado. São muitos. E alguns, sim, são católicos praticantes, muitos, porém, são católicos de “água de rosas” – como dizia a minha avó –; outros não sabem se acreditam ou não... Mas esta inquietação leva-os a fazerem algo pelos outros, esta inquietação enche o voluntariado em todo o mundo de rostos jovens. O que é preciso é encaminhar bem a inquietação. Quando o fazem por amor de Jesus, sentindo-se parte da comunidade, tornam-se “caminheiros da fé”, felizes por levar Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra (cf. *ibid.*, 107). E quantos O levam, mesmo sem saber que O estão fazendo! É esta riqueza de ir pelas estradas servindo, ser caminheiros duma fé que talvez nem eles próprios compreendem completamente; é testemunho, um testemunho que nos abre à ação do Espírito Santo que entra e trabalhará nos nossos corações.

Numa das minhas viagens que me levou à Jornada da Juventude na Polónia [Cracóvia 2016], num almoço que tive com os jovens – com 15 jovens e o Arcebispo – um perguntou-me: “Que posso dizer a um meu companheiro, jovem, que é ateu, que não crê? Que argumentos posso propor-lhe?” E veio-me espontaneamente esta resposta: “Olha! A última coisa que deves

fazer é dizer-lhe qualquer coisa!” O jovem ficou surpreso... Começa a fazer, começa a comportar-te de maneira tal que a inquietação que ele tem dentro de si o torne curioso e te interrogue; e quando te pede o teu testemunho, então podes começar a dizer qualquer coisa. Como é importante este ser caminheiros, caminheiros da fé, caminheiros da vida!

A videira mencionada por Jesus no texto que foi proclamado é a videira que é todo o “povo da aliança”. Profetas como Jeremias, Isaías e Ezequiel referem-se a ele comparando-o a uma videira; e o próprio Salmo 80 canta-o dizendo: “Arrancaste uma videira do Egito (...). Preparaste-lhe o terreno; ela foi deitando raízes e acabou por encher toda a terra” (vv. 9.10). Às vezes expressam a alegria de Deus pela sua videira; outras, a sua cólera, desilusão e enfado; jamais, jamais Deus Se desinteressa da sua videira, nunca deixa de sofrer com os seus extravios – se me extravio, Ele sofre no seu coração – nunca deixa de vir ao encontro deste povo que, quando se afasta d’Ele, fica ressequido, arde e se destrói.

Como é a terra, o alimento, o suporte onde cresce esta videira na Colômbia? Em que contextos são gerados os frutos das vocações de especial consagração? Certamente em ambientes cheios de contradições, de luzes e sombras, de situações relacionais complexas. Gostaríamos de contar com um mundo de famílias e vínculos mais serenos, mas somos parte desta mudança epocal, desta crise cultural; e é no meio dela, contando com ela, que Deus continua a chamar. E não comecem a dizer: “É certo que não há muitas vocações de especial consagração, porque, claro, com esta crise que estamos vivendo...” Sabeis o que é isto? É um conto de fadas! Claro? Mesmo no meio desta crise, Deus continua chamando. Seria quase ilusório pensar que todos vós ouvistes a chamada do Senhor no seio de famílias sustentadas por um amor forte e cheio de valores como a generosidade, o compromisso, a fidelidade e a paciência (cf. Francisco, Exort. ap. *Amoris laetitia*, 5). Alguns, sim! Mas não todos. Algumas famílias serão assim; quisesse Deus que fossem muitas! Mas, ter os pés por terra significa reconhecer que os nossos percursos vocacionais, o despertar da vocação de Deus, estão mais perto daquilo que já aparece narrado na Palavra de Deus e que a Colômbia bem conhece: “um rasto de sofrimento e sangue (...). A violência fratricida de Caim contra Abel e os vários litígios entre os filhos e entre as esposas dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacob, passando pelas tragédias que cobrem de sangue a família de David, até às numerosas dificuldades familiares que regista a história de Tobias ou a confissão amarga de Job abandonado” (*Ibid.*, 20). E, desde o início, foi assim: não pensem na situação ideal; esta é a situação real. Deus manifesta a sua proximidade e a sua eleição,

onde quer, na terra que quer, na situação em que está naquele momento, com as contradições concretas, como Ele quer. Ele muda o curso dos acontecimentos, chamando homens e mulheres na fragilidade da história pessoal e comunitária. Não tenhamos medo desta terra complexa! Ontem à noite, uma menina portadora de deficiência, no grupo que me deu as boas-vindas, que me acolheu na Nunciatura, disse que, no núcleo do humano, existe a vulnerabilidade, e explicava por quê. E veio-me à mente perguntar-lhe: “Somos todos vulneráveis?” – “Sim, todos”. “Mas existe alguém que não seja vulnerável?” E ela respondeu: “Deus”. Mas Deus quis fazer-Se vulnerável, quis sair caminhando conosco pela estrada, viver a nossa história como era; quis fazer-Se homem no meio duma contradição, no meio de algo incompreensível, com o consentimento duma jovem que não compreendia mas obedece e dum homem justo que seguiu o que lhe fora mandado; mas tudo isto no meio de tantas contradições. Não tenhais medo desta terra complexa! Deus sempre fez o milagre de gerar cachos bons, e também boas torradas para o café da manhã. Que não falem vocações em nenhuma comunidade, em nenhuma família de Medelim! E, quando no café da manhã encontrardes uma destas belas surpresas, dizei: “Ah, que bom! E Deus será capaz de fazer algo de mim?” Interrogai-vos, antes de a comerdes! Interrogai-vos.

E esta videira – que é a de Jesus – tem a característica de ser a verdadeira. Ele já usara este adjetivo noutras ocasiões, segundo o Evangelho de João: a luz verdadeira, o verdadeiro pão do céu, o testemunho verdadeiro. Ora, a verdade não é algo que recebemos, como o pão ou a luz, mas algo que brota de dentro. Somos povo eleito para a verdade, e a nossa vocação deve acontecer na verdade. Se somos ramos desta videira, se a nossa vocação está enxertada em Jesus, não há lugar para o engano, a hipocrisia, as opções mesquinhas. Todos devemos estar atentos para que cada ramo sirva para o que se pretendia: para dar fruto. Eu... estou pronto a dar fruto? Desde o início, as pessoas a quem cabe a tarefa de acompanhar os percursos vocacionais deverão motivar para a reta intenção, isto é, um desejo autêntico de configurar-se com Jesus, o pastor, o amigo, o esposo. Quando os percursos não são alimentados pela seiva verdadeira que é o Espírito de Jesus, então experimentamos a secura e Deus descobre, com tristeza, aqueles sarmentos já mortos. As vocações de especial consagração morrem quando querem nutrir-se de honrarias, quando são impelidas pela busca de tranquilidade pessoal e promoção social, quando a motivação é “subir de categoria”, apegar-se a interesses materiais chegando mesmo ao erro da avidez de lucro. Já disse noutras ocasiões mas quero repeti-lo aqui porque verdadeiro e certo

(não o esqueçais!): o diabo entra pela carteira. Sempre. Isto não diz respeito apenas ao início, todos nós devemos estar atentos porque a corrupção nos homens e mulheres que estão na Igreja começa assim, pouco a pouco, e depois – o próprio Jesus no-lo diz – lança raízes no coração e acaba por desalojar Deus da própria vida. “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6, 24; cf. v. 21). Jesus disse: “Não se pode servir a dois senhores”. Dois senhores... é como se houvesse dois senhores no mundo. Não se pode servir a Deus e ao dinheiro. Jesus dá o título de “senhor” ao dinheiro. Que significa isto? Que, se te prende, não te deixa ir embora: será o teu senhor começando do teu coração. Atenção! Não podemos aproveitar-nos da nossa condição religiosa e da bondade do nosso povo para sermos servidos e obter benefícios materiais.

Há situações, estilos e opções que manifestam os sinais da secura e da morte. E, quando isso acontece, retardam o fluxo da seiva que alimenta e dá vida. O veneno da mentira, da dissimulação, da manipulação e do abuso do povo de Deus, dos mais frágeis e especialmente dos idosos e das crianças não pode ter lugar na nossa comunidade. Quando um consagrado, uma consagrada, uma comunidade ou uma instituição (seja a paróquia ou outra qualquer) escolhe seguir este estilo, é um ramo seco; é suficiente sentar-se e aguardar que Deus venha cortá-lo.

Mas Deus não se limita a cortar; a alegria continua dizendo que Deus poda a videira das imperfeições. É tão bela a poda! Faz doer, mas é bela. A promessa é que daremos fruto, e fruto em abundância, como o grão de trigo, se formos capazes de nos entregar, de dar livremente a vida. Na Colômbia, temos exemplos de que isto é possível. Pensemos em Santa Laura Montoya, uma religiosa admirável cujas relíquias se encontram aqui. Ela, a partir desta cidade, se prodigou numa grande obra missionária a favor dos indígenas de todo o país. Quanto nos ensina esta mulher consagrada de entrega silenciosa, abnegada sem outro interesse senão manifestar o rosto materno de Deus! Da mesma forma, podemos recordar o Beato Mariano de Jesús Euse Hoyos, um dos primeiros alunos do Seminário de Medelim, e outros sacerdotes e religiosas colombianos, cujos processos de canonização já foram introduzidos; bem como muitos outros milhares de colombianos anônimos, que, na simplicidade da sua vida diária, souberam entregar-se pelo Evangelho e que guardais com certeza na vossa memória servindo como estímulo de entrega. Todos nos mostram que é possível seguir fielmente o chamado do Senhor, que é possível dar muito fruto, mesmo agora, neste tempo e neste lugar.

A boa notícia é que Ele está disposto a limpar-nos; a boa notícia é que não somos ainda uma “obra acabada”, estamos ainda no “processo de fabricação” e como bons discípulos estamos a caminho. E como é que Jesus corta os fatores de morte que se aninham na nossa vida e distorcem a vocação? Convidando-nos a *permanecer n’Ele*; permanecer não significa apenas estar, mas indica *manter uma relação vital*, existencial, de absoluta necessidade; é viver e crescer em união fecunda com Jesus, fonte de vida eterna. Permanecer em Jesus não pode ser uma atitude meramente passiva ou um simples abandono sem consequências na vida diária. Tem sempre consequências, sempre. E deixai-me propor-vos – já está ficando um pouco longo? [*gritam*: “Não!”] Naturalmente nunca me diríeis “sim” e por isso não me fio de vós! – deixai-me propor-vos três modos de tornar efetivo este *permanecer*, que vos podem ajudar a permanecer em Jesus.

1. *Permanecemos em Jesus tocando a sua humanidade.*

Com *o olhar e os sentimentos de Jesus*, que contempla a realidade não como juiz, mas como bom samaritano; que reconhece os valores do povo com quem caminha, bem como as suas feridas e pecados; que descobre o sofrimento silencioso e se comove perante as necessidades das pessoas, sobretudo quando estas se encontram oprimidas pela injustiça, a pobreza indigna, a indiferença ou pela ação perversa da corrupção e da violência.

Com *os gestos e palavras de Jesus*, que expressam amor aos vizinhos e busca dos afastados; ternura e firmeza na denúncia do pecado e no anúncio do Evangelho; alegria e generosidade na entrega e no serviço, sobretudo aos mais pequeninos, rejeitando vigorosamente a tentação de dar tudo por perdido, de nos acomodarmos ou de nos tornarmos apenas administradores de desgraças. Quantas vezes ouvimos homens e mulheres consagrados, parecendo que, em vez de administrar alegria, crescimento, vida, administram infortúnios e passam o tempo lamentando-se das desgraças deste mundo. É a esterilidade; a esterilidade de quem é incapaz de tocar a carne sofredora de Jesus.

2. *Permanecemos contemplando a sua divindade.*

Suscitando e cultivando *a estima pelo estudo*, que aumenta o conhecimento de Cristo, pois, como lembra Santo Agostinho, não se pode amar a quem não se conhece (cf. *A Trindade*, Livro X, cap. I, 3).

Privilegiando, para tal conhecimento, *o encontro com a Sagrada Escritura*, especialmente o Evangelho, onde Cristo nos fala, nos revela o seu amor incondicional ao Pai, nos contagia com a alegria que brota da obediência à sua vontade e do serviço aos irmãos. Quero fazer-vos uma pergunta,

mas não me deveis responder; cada qual responde para si mesmo. Quantos minutos ou quantas horas leio o Evangelho ou a Escritura em cada dia? Respondei para vós mesmos. Quem não conhece as Escrituras, não conhece Jesus. Quem não ama as Escrituras, não ama Jesus (cf. São Jerônimo, *Prólogo ao Comentário do profeta Isaías: PL 24, 17*). Gastemos tempo numa leitura orante da Palavra, ouvindo nela o que Deus quer para nós e para o nosso povo.

Que todo o nosso estudo nos ajude a ser capazes de interpretar a realidade com os olhos de Deus; que não seja um estudo alheado do que vive o nosso povo, nem siga as ondas das modas e das ideologias. Que não viva de saudosismos, nem queira enjaular o mistério; não procure responder a perguntas que já ninguém se põe, deixando no vazio existencial aqueles que nos interpelam a partir das coordenadas do seu mundo e da sua cultura.

Permanecer e contemplar a sua divindade, fazendo da *oração* a parte fundamental da nossa vida e do nosso serviço apostólico. A oração liberta-nos das escórias do mundanismo, ensina-nos a viver com alegria, a escolher a fuga do superficial, num exercício de liberdade autêntica. Na oração, crescemos em liberdade, na oração aprendemos a ser livres. A oração arranca-nos da tendência a concentrar-nos sobre nós mesmos, fechados numa experiência religiosa vazia e leva a colocar-nos docilmente nas mãos de Deus para cumprir a sua vontade e corresponder ao seu plano de salvação. E, na oração, quero também aconselhar-vos uma coisa: pedi, contemplai, agradecei, intercedei, mas habituai-vos também a *adorar*. Não está muito na moda, adorar. Habituai-vos a adorar. Aprender a adorar em silêncio. Aprender a rezar assim.

Sejamos *homens e mulheres reconciliados, para reconciliar*. O fato de termos sido chamados não nos dá um certificado de boa conduta e impecabilidade; não estamos revestidos duma aura de santidade. Ai do religioso, do consagrado, do padre, da irmã que vivem com uma cara de santinho! Todos somos pecadores, todos. E precisamos do perdão e da misericórdia de Deus, para nos erguer cada dia; Ele arranca o que não está bem e o que fizemos de mal, deita-o fora da vinha e queima-o. Limpa-nos para podermos dar fruto. Assim é a fidelidade misericordiosa de Deus para com o seu povo, do qual fazemos parte. Ele nunca nos abandonará na beira da estrada, nunca. Deus faz tudo para evitar que o pecado nos vença e feche as portas da nossa vida a um futuro de esperança e de alegria. Deus faz tudo para o evitar. E, se não o consegue, fica ali ao pé de mim, até que me recorde de olhar para o alto por me ter dado conta que estou caído. Ele é assim.

### 3. Finalmente, devemos permanecer em Cristo para viver na alegria.

O terceiro: permanecer para viver na alegria. Se permanecermos n'Ele, a sua alegria habitará em nós. Não seremos discípulos tristes e apóstolos amargurados. Lede o final da [Exortação apostólica de Paulo VI] "*Evangelium nuntiandi*": vo-lo aconselho. Pelo contrário, espelharemos e levaremos a alegria verdadeira, aquela alegria plena que ninguém poderá tirar-nos, espalharemos a esperança de vida nova que Cristo nos trouxe. A chamada de Deus não é um fardo pesado que nos rouba a alegria. É pesado? Às vezes sim; mas não nos rouba a alegria. Mesmo através deste peso, dá-nos a alegria. Deus não nos quer submersos na tristeza – um dos espíritos maus que se apoderam da alma, como já denunciavam os monges do deserto –; Deus não nos quer submersos no cansaço, que provêm das atividades mal vividas, sem uma espiritualidade que torne feliz a nossa vida e até mesmo as nossas fadigas. A nossa alegria contagiante deve ser o primeiro testemunho da proximidade e do amor de Deus. Somos verdadeiros dispensadores da graça de Deus, quando deixamos transparecer a alegria do encontro com Ele.

No Génesis, depois do dilúvio, Noé planta uma videira como sinal do novo começo; ao terminar o Êxodo, aqueles que Moisés enviou para inspecionar a Terra Prometida, voltaram com um cacho de uvas grande assim [*indica a altura*], sinal da terra onde mana leite e mel. Deus debruçou-Se sobre nós, as nossas comunidades e as nossas famílias: estão aqui presentes; acho muito bem que estejam os pais e as mães dos consagrados, dos sacerdotes e dos seminaristas. Deus pôs o seu olhar sobre a Colômbia: vós sois sinal deste amor de predileção. Cabe-nos agora oferecer todo o nosso amor e serviço unidos a Jesus Cristo, que é a nossa videira, e ser promessa dum novo início para a Colômbia, que deixa para trás um dilúvio – como o de Noé –, um dilúvio de conflitos e violências, que quer produzir muitos frutos de justiça e paz, de encontro e solidariedade. Que Deus vos abençoe! Deus abençoe a vida consagrada na Colômbia. E não vos esqueçais de rezar por mim, para que me abençoe também a mim. Obrigado!

# VENERÁVEL PADRE RODOLFO KOMÓREK

## Salesiano de Dom Bosco

D. HILARIO MOSER<sup>1</sup>

Rodolfo Komorek nasceu no dia 11 de outubro de 1890 em Bielsko, Polônia. Foram seus pais João Komorek e Inês Gach, que tiveram sete filhos: Roberto, Maria, Rodolfo, Wanda, João, Valéria e Leopoldo.

O pai era ferreiro, a mãe, parteira. Educaram cristãmente os filhos, com profundo sentimento religioso. Rodolfo, desde criança, distinguiu-se por uma verdadeira piedade, ardente caridade e um intenso espírito de mortificação. Indo à escola, parava sempre na igreja paroquial para participar da Santa Missa e rezar com devoção.

Diligente em seus deveres de estudos, não só não perdia tempo, mas estudava com tenacidade até altas horas da noite. Ajudava com bondade os irmãos em suas tarefas; nunca ofendeu a nenhum deles; pelo contrário, muitas vezes tomou sobre si os castigos que lhes eram devidos.

Em Bielsko frequentou as escolas elementares e ginasiais. De ótima capacidade nos estudos, foi muito estimado pelos professores. Sempre constante na piedade, as pessoas ficavam maravilhadas ao ver aquele jovem estudante que, ao ir ou voltar das aulas, entrava na igreja, depunha por terra a bolsa e os livros e permanecia absorto em oração sem que nada o distraísse.

---

<sup>1</sup> D. Hilario Moser [dhilario.bsp@salesianos.com.br](mailto:dhilario.bsp@salesianos.com.br). Dom Hilário Moser SDB (Rio dos Cedros, 2 de dezembro de 1931). Bispo emérito da Diocese de Tubarão e residente na cidade de São Paulo, na Inspetoria Salesiana de São Paulo.

Em 1909, com 19 anos, entrou para o seminário de Weidenau. Por sua piedade e bondade, era muito benquisto e desde então era chamado de “São Luís”. Em 1913 foi ordenado diácono; em 22 de junho de 1913, sacerdote.

## Padre Diocesano e Capelão Militar

Foi designado como vigário paroquial de Strumien, perto de Bielsko, onde trabalhou sete meses. Iniciou com todo zelo o ministério sacerdotal. Fervoroso na piedade, frequentemente era encontrado na igreja em adoração. Também aqui em Strumien o chamavam de “São Luís”.

Era muito assíduo ao confessionário e o povo ia de bom grado confessar-se com ele. Sua caridade não conhecia limites e tudo o que tinha dava-o aos pobres. Demonstrava também grande amor para com os meninos, o que provavelmente favoreceu mais tarde sua vocação salesiana.

Seu espírito de mortificação era admirável. Muito temperante, jejuava frequentemente. Sua figura ascética era já um símbolo de mortificação. Era coisa notória que ele não dormia na cama, mas sobre o pavimento.

A 1.º de março de 1914 foi transferido como vigário paroquial de Zabreg, onde também deixou fama de grande piedade, caridade e mortificação. Já próxima a Primeira Guerra Mundial, o Padre Rodolfo pediu para ser capelão militar. Por sua atividade e zelo recebeu duas condecorações. Ainda não contente em seu zelo, pediu para ser enviado ao “front”. Dedicado ao extremo, em meio às fadigas do ministério sacerdotal e da guerra, seu espírito de mortificação não conhecia limites. No verão de 1918, partiu com um destacamento para o “front” italiano. Ali foi preso e conduzido à prisão militar de Trento, onde permaneceu dois meses.

Terminada a guerra, voltou para a pátria. Nomeado vigário paroquial em Pogwisdow, viveu ali como um eremita na pobreza absoluta. Seu sonho, porém, era a vida religiosa, aspirava ao sacrifício e ao martírio da vida missionária, o que o levou a entrar para a Congregação dos Salesianos de Dom Bosco. Seu desejo foi satisfeito pelo seu bispo em 1921. Finalmente, deixou sua pátria como missionário, para nunca mais voltar.

## Vida Salesiana

Postulante em 1922 e depois noviço, foi modelo de todas as virtudes, como atestam seus formadores e companheiros: distinguia-se pela piedade, caridade e espírito de mortificação. Levava uma vida absolutamente co-

num com os outros, sem exceções de espécie alguma. Era apenas dispensado das aulas, sendo já sacerdote.

Prontificava-se de boa vontade para qualquer trabalho, quer em casa, como no campo, procurando esconder-se e humilhar-se. Uniformizava-se em tudo aos jovens noviços, até nos jogos, o que lhe custava muito, não estando mais habituado, por sua idade, a essas coisas.

Em 1.º de novembro de 1923, o Padre Rodolfo Komorek emitiu os primeiros votos na Congregação Salesiana. Alguns dias depois, seu mestre de noviços declarou a alguns coirmãos: “Um dia vocês serão chamados a depor no Processo de Beatificação do Padre Rodolfo”.

Terminado o noviciado, foi enviado à casa salesiana de Przemysl, paróquia e escola de organistas. Auxiliar do pároco, ei-lo bem cedinho na igreja e aí ficava rezando o terço no confessionário à espera de penitentes. Mesmo no rude inverno era sempre fiel ao seu posto. Celebrava com muita edificação a Santa Missa e estava sempre pronto a qualquer chamado para atender aos enfermos e para qualquer outro ministério sacerdotal. Seu grande desejo, porém, era ir para as missões, o que finalmente se realizou, ao receber, em Turim, na Itália, das mãos do Reitor-Mor da Congregação o crucifixo de missionário. Nunca mais voltou a rever sua pátria.

## No Brasil, de 1924 a 1949

Sua primeira missão foi na Colônia de S. Feliciano (hoje Dom Feliciano), RS. A situação era muito precária. O trabalho era intenso. Ocupava-se constantemente da instrução religiosa do povo, no ensino do catecismo aos meninos e na preparação para a primeira Comunhão. Na visita aos enfermos demonstrou um zelo e uma caridade admiráveis, afrontando distâncias e sacrifícios de todo o gênero. Foi o anjo consolador dos colonos.

De 1929 a 1933 trabalhou como vigário paroquial no santuário de Maria Auxiliadora de Niterói: ali também viveu uma vida santa e exemplar. Todos o admiravam e o reverenciavam. Sua fama no colégio anexo e na cidade traduzia-se no vocábulo que se ouvia principalmente quando ele passava: “o padre santo”.

Em 1934 foi destinado a Luís Alves, SC, onde os salesianos tinham a cargo uma paróquia com cerca de vinte capelas filiais para a assistência de imigrantes italianos, poloneses e alemães. Longas viagens a pé, a cavalo ou de carroça. Por toda parte catecismo, batismo, confissões... Todos admiravam no “padre santo” o zelo e sacrifício pelas almas, o espírito de penitência levado ao heroísmo.

Em 1936 foi chamado para integrar a comunidade salesiana de Lavrinhas, SP, naquele tempo aspirantado e seminário dos estudantes de Filosofia. Padre Komorek foi professor e confessor. Demonstrou então sua vasta e sólida cultura, lecionando matemática, geografia, desenho e história natural. Como confessor era muito procurado pelos salesianos e aspirantes. Além disso, atendia também ao ministério sacerdotal na vila e nos arredores. Era também encarregado do Oratório Festivo, e nas horas livres dedicava o seu tempo a ensinar catecismo e dar aulas aos familiares e empregados da casa. Sempre pronto, sempre obediente a qualquer aceno ou desejo dos superiores.

Em 1941, constatou-se que o Padre Rodolfo estava com tuberculose. Transferiu-se então para a residência salesiana de São José dos Campos, onde já havia outros coirmãos doentes. O médico disse-lhe que se quisesse prolongar a vida por alguns anos deveria conservar-se em repouso absoluto. Todavia viveu ele ainda nove anos em contínuo trabalho, desafiando a sua já fraca natureza. Era o confessor dos coirmãos e dos principais sanatórios da cidade; além disso, era capelão de um asilo de velhos aos quais prodigalizava uma bondade particular. Era necessário controlá-lo a fim de que não se excedesse no trabalho.

Na última fase de sua doença, foi internado no Sanatório Vicentina Aranha. Ali edificou a todos, irmãs, médicos e enfermeiros, com seu fervor e resignação no sofrimento. Rezava continuamente. Uma semana antes de morrer mandou chamar seu superior religioso, fez a confissão geral e recebeu a Unção dos Enfermos. Não quis mais ninguém em seu quarto, e ele mesmo respondia com grande fervor às preces na administração dos santos óleos.

Passou os últimos dias em contínua oração. Recebia santamente a Sagrada Comunhão das mãos do capelão do Sanatório. Os múltiplos sofrimentos não o distraíam de seus colóquios com Deus. Com as mãos cruzadas sobre o peito, em atitude de penitência, passava horas inteiras sem mudar de posição, sem procurar o mínimo alívio às suas agudas dores. Não quis o balão de oxigênio para aliviar sua respiração ofegante, nem sequer aceitava água para refrigerar os lábios ressequidos pela febre.

Na tarde de 11 de dezembro seu estado se agravou e ele mesmo pediu ao capelão que lhe lesse as preces dos agonizantes. Abraçado ao seu grande Crucifixo, em contínua oração, às 23h20 do dia 11 de dezembro de 1949, entregou sua bela alma a Deus. O corpo foi velado na capelinha da comunidade salesiana. A notícia difundiu-se rapidamente por toda a cidade: “morreu o padre Santo”, todos diziam.

Começou então um desfile sem fim dos que queriam ver pela última vez o “padre santo”. Pessoas de todas as categorias sociais acorreram ao local. Não faltaram os operários que saíam da fábrica não muito distante, os doentes das pensões. Muitas pessoas choravam como se houvessem perdido um ente querido. Tocavam-lhe o corpo com terços e medalhas, retiravam flores do caixão.

À tarde, o féretro foi levado à igreja matriz. Caía uma chuva torrencial, que depois se fez fina e persistente. Não obstante, verdadeira multidão participou do enterro. O comércio cerrou as portas. Os alto-falantes ampliavam pelas ruas a voz da rádio local, que transmitia palavras comovidas de adeus, repetindo: “Morreu o padre santo”... Uma apoteose totalmente espontânea. Num desafio à intempérie, ninguém arredou pé.

Seu túmulo sempre foi coberto de flores e velas. Hoje, seus restos mortais repousam na Capela das Relíquias, na Paróquia Sagrada Família, Vila Ema, São José dos Campos. Ainda assim, muitos peregrinos continuam a visitar o antigo túmulo no cemitério, hoje, “Cemitério Padre Rodolfo”.

Introduzida a Causa de Beatificação em 1964, o Padre Rodolfo Komorek foi declarado “Venerável” em 6 de abril de 1995.

Em síntese, o Padre Rodolfo pode ser definido:

- Homem de Deus e de oração.
- Humilde ao extremo.
- Pobre entre os pobres.
- Evangelicamente penitente.
- Obediente, à imitação de Cristo.
- De pureza irradiante.
- Gentil e afável, ao serviço de todos.
- Anjo dos doentes e moribundos.
- Amigo dos velhinhos e das crianças.
- Padre “para os outros”.

## Oração para pedir a Deus a glorificação do Padre Rodolfo

21

Ó Jesus, no Venerável Padre Rodolfo nos destes um comovente exemplo de amor aos pobres e aos doentes, de paciente dedicação ao ministério das Confissões. Sua vida de caridade e penitência constitui um contínuo apelo ao seguimento do Evangelho.

Concedei-nos, por sua intercessão, a graça que vos pedimos (*pedir a graça desejada*), e a sua glorificação entre os santos da vossa Igreja, que ele honrou com uma vida de grandes virtudes. Amém.

Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória

Venerável Padre Rodolfo, rogai por nós.

*(Com aprovação eclesiástica)*

## Comunicação de graças recebidas

Ir. Alberto Gobbo, SDB

Rua Padre Rodolfo, 28

Vila Ema

São José dos Campos, SP

CEP 12243-080

Telefone: (12) 3921-9460

# SEMINÁRIO CONTINENTAL CONTRA O TRÁFICO DE PESSOAS

## Bogotá – Colômbia, 18 a 20 de agosto de 2017

IRMÃ EURIDES ALVES DE OLIVEIRA, ICM<sup>1</sup>

REDES CONTINENTAIS CONTRA O TRÁFICO DE PESSOAS (membros da Rede Mundial TALITA KUM): RAMA (América Central), TAMAR (Colômbia), KAWSAY (Peru, Paraguai, Uruguai e Argentina), UM GRIPO PELA VIDA (Brasil), RAHAMIN (México).

### Mensagem Final

*O espírito do Senhor DEUS está sobre mim; porque o SENHOR me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos. Isaías 61,1*

Nós, que nos reunimos durante estes dias em Bogotá, Colômbia, mulheres e homens consagrados e leigos e leigos companheiros na missão na América Latina e Caribe (CLAR), fomos chamados/as a ser cada vez mais conscientes da dignidade do ser humano, da complexidade da realidade que produz novas escravidões de todo tipo, do nosso compromisso na defesa da vida e da urgência do cuidado da nossa Casa Comum, do ser

---

1 Coordenadora da Rede Um Grito pela Vida.

humano-terra, este binômio inseparável que é o dinamismo básico de nossa mística e nossa profecia.

Sentimos vivamente nestes dias de Encontro e Discernimento que, a partir dos gritos e silêncios das vítimas do Tráfico de Pessoas – a escravidão do século –, Deus tem nos chamou e nos convida a sair depressa, sem demora, ao encontro destas irmãs e irmãos que o sistema tornou mercadoria. Ao estudar os números e as estatísticas, não perdemos nunca de vista que se tratava de pessoas com nome e com uma história violentada, que nunca deixou de estar cheia de dignidade.

A dinâmica deste Seminário nos levou a caminhar a partir de uma compreensão global do fenômeno do Tráfico de Pessoas, especialmente a partir da perspectiva da migração e da infância, até uma reflexão bíblico-teológica para continuar ressignificando nossos carismas ao redor de novos eixos de articulação dados pelos gritos da vida.

O objetivo fundamental deste Seminário é o fortalecimento de nossas Redes em defesa da vida para atuamos juntos contra as redes de morte que tanta dor e desesperança trazem ao mundo atual. Também nos alegramos pelas novas Redes contra o Tráfico que se formarão nas Conferências onde ainda não existem.

Em atitude de saída, reconhecemo-nos pessoas imersas e influenciadas pelo processo global de desumanização marcado por uma crise geral de convivência, intensificação do individualismo e a ruptura progressiva do tecido social e da fraternidade humana fomentados por políticas e leis neoliberais. A partir desta realidade, sentimo-nos movidos/as a caminhar para a ética do cuidado comum, prestando especial atenção aos mais vulneráveis e abandonados da nossa sociedade.

Com a força do Espírito, comprometemo-nos a repensar nossa Vida Consagrada, aguçar os sentidos e recuperar o profetismo dos carismas, com palavras e ações, que nos animem a não deixar sozinhos os que foram forçados pelo sistema injusto a caminhar – excluídos – nas fronteiras da história. Comprometemo-nos a acolher, proteger, promover e integrar as vítimas do Tráfico de Pessoas e de outras escravidões por este sistema que as desumaniza, as coisifica, as aliena e as humilha.

Reconhecemos a importância de realizar processos de formação interdisciplinar e em incidência política para acompanhar integralmente as pessoas atingidas pelo Tráfico e por toda classe de escravidão moderna, desde os pequenos, desde baixo e a partir do dinamismo da esperança. Gostaríamos de ajudar nossas famílias carismáticas, consagrados e leigos, a experimentar indignação ética

frente às escravidões modernas e recuperar a partir desta experiência a misericórdia fundante dos carismas. Queremos ser uma Vida Consagrada nova, uma vanguarda profética e não somente uma força de trabalho.

Nossos olhos estão fixos em “Maria, a mulher do primeiro passo”, a crente fiel, a discípula, a mulher do encontro, da saída, da urgência, do serviço, aquela que soube estar ao lado, a do silêncio, Maria a mulher da vida que não deixa de nos assinalar os caminhos de novos encontros.

Abraçamos a todos na paz e com uma profunda solidariedade.

## Comunicado

Nós, membros das Redes Latinoamericanas e Caribenhas da Vida Consagrada, que trabalham em colaboração com Leigos e Leigas contra o Tráfico de Pessoas, queremos **denunciar** à Opinião Pública, aos Meios de Comunicação, aos Governos e às Igrejas:

O aumento do crime do Tráfico de Pessoas em nosso Continente. Este crime está presente em todos os nossos países, atinge milhares de pessoas, em particular as mulheres e crianças em situações de vulnerabilidade e constitui uma violação incontestável dos direitos humanos fundamentais.

Como mulheres e homens consagrados e como leigas e leigos comprometidos em solidariedade com nossas irmãs e irmãos que sofrem as consequências deste crime, **condenamos** com firmeza não somente o Tráfico de Pessoas, mas também suas múltiplas causas econômicas, políticas, culturais e sociais.

**Reivindicamos** aos Governos que assumam sua responsabilidade de tornar visível este crime, respeitar e cumprir os acordos adquiridos, dedicar recursos humanos, econômicos e estruturais para o cuidado integral das vítimas e implementar leis que previnam e punam toda ação que tenta destruir a dignidade das pessoas, tornando-as objeto/mercadoria desta abominável forma de escravidão moderna. Pedimos especial atenção às populações vulneráveis, às fronteiras e crescentes movimentos migratórios que ordinariamente são o lugar perfeito para estas ações criminosas. É urgente que se criem caminhos que permitam uma atenção afetiva e imediata às vítimas.

Em nosso incansável compromisso em REDE e abertas/os a todo tipo de colaboração, **solicitamos** encarecidamente a todas as Igrejas, em particular à Igreja Católica, em suas Conferências locais e nacionais de bispos e de religiosos e religiosas e das Congregações religiosas, que se posicionem frente a este crime, se comprometam com as vítimas e denunciem com coragem todas as formas de Tráfico de Pessoas, defendam e promovam a

vida e os direitos das pessoas, especialmente as mais vulneráveis. Sabemos que é nossa responsabilidade promover Redes em nível local, nacional e internacional, capazes de enfrentar eficazmente o Tráfico de Pessoas.

### Comprometemo-nos a:

- Acolher, proteger, promover e integrar as vítimas do Tráfico de Pessoas e outras escravidões, para humanizar suas vidas tirando-as da humilhação a que estão submetidas.
- Trabalhar em Rede em todos os níveis, em colaboração com outras organizações sociais, civis, religiosas e políticas. Ajudar e acompanhar a criação de novas Redes em todo o Continente.
- Fortalecer os esforços e as iniciativas existentes para reduzir as causas do Tráfico de Pessoas, identificando e acompanhando áreas e populações mais vulneráveis.
- Potencializar e atualizar os recursos para a prevenção, proteção, assistência, educação, comunicação, incidência política e denúncia do Tráfico de Pessoas.
- Participar, em todos os níveis, em estudos e investigações para compreender melhor as causas, os fatores de risco e a vulnerabilidade nos novos cenários do Tráfico de Pessoas.

Sabemos que somente através da conscientização, visibilidade, colaboração e solidariedade seremos capazes de enfrentar as causas estruturais que geram o Tráfico de Pessoas.

Sentimos vivamente que, a partir dos gritos e dos silêncios das vítimas e sobreviventes do Tráfico de Pessoas – a escravidão do século – Deus continua nos chamando e nos convida a sair depressa, sem demora, ao encontro da vida ameaçada destas irmãs e irmãos que o sistema escraviza (cf Lucas 1, 30).

Participantes do Seminário Continental contra o Tráfico de Pessoas<sup>2</sup>.

Bogotá, setembro de 2017.

---

2 97 participantes de 48 Congregações Religiosas e 19 países.

## COMUNIDADE ECOLÓGICA: AMBIENTE LIVRE DE FOFOCAS!

IRMÃ ANNETTE HAVENNE<sup>1</sup>

Alguns meses atrás, eu estava explorando as estantes de uma livraria de aeroporto, em busca de alguma novidade sobre ecologia, biomas brasileiros, vida consagrada sustentável. Caiu em minhas mãos exatamente o que eu nem sabia que estava procurando: “Ambiente livre de fofocas”, de Sam Chapman: *como manter o ambiente de trabalho saudável e altamente produtivo*.<sup>2</sup>

Naquele momento acabava de ler uma coletânea de textos do papa Francisco, dirigidos à VRC, e uma reflexão havia me interpelado profundamente: “Numa comunidade religiosa, os mexericos geram um verdadeiro terrorismo!”<sup>3</sup>

Embora não sendo empresária e tendo resistências aos métodos psicossociais que barateiam milagres, comprei o bendito livro que prometia livrar das fofocas as empresas e demais ambientes de trabalho. Comecei a ler imediatamente, esperando pelo meu voo, com o desejo de parar de fabricar e aprender a amortecer a tal de “bomba caseira” da fofoca em nossos ambientes de VRC!

Assim, das relações humanizantes e da cultura do encontro, fui levada a descobrir mais uma seta a sinalizar o novo na VRC: “comunidades ecológicas, ambientes de vida e de missão despoluídas, livres de fofocas”.

---

1 Nasci na Bélgica. Desde 1976, vivo em comunidades de inserção no Nordeste do Brasil. Exerço meu ministério na área da formação, acompanhamento espiritual e assessoria junto a CRB.

2 A empresa livre de fofocas, Sam Chapman e Bridget Sharkey. Faro editorial, 2014

3 Papa Francisco, para participantes do congresso da VRC, Roma 1-02-2016

O livro de Chapman me apaixonou pelo seu modo simples e existencial de tratar do tema, com abundantes exemplos. E me deixou também um pouco cética: é tão fácil assim dedetizar um ambiente com um índice de sucesso invariavelmente próximo dos 100%? Em todo caso, eis um bom instrumental que podemos emprestar do mundo da gestão para evangelizar nossas relações e grupos de vivência!

Num primeiro momento, irei partilhar o que aprendi sobre fofocas no livro acima referido e a reflexão que ele desencadeou em mim. Numa segunda etapa, tentarei provocar a VRC a refletir sobre o tema e a usar o “aplicativo” nas relações, tanto de trabalho e missão, como de convivência comunitária.

## 1. Algumas curiosidades a respeito da fofoca nas empresas.

Antes de tudo, o conceito: numa primeira abordagem, a fofoca pode ser definida como a troca de informações *mais ou menos verdadeiras*, entre duas ou mais pessoas, a respeito de alguém que *não esta presente!* Podemos observar a importância do: *mais ou menos verdadeiras* e a ausência da pessoa referente, a motivação das pessoas envolvidas nesta atividade subversiva! Vale a pena também lembrar que entramos aqui no mundo do “falar de”... e não do “falar com”... Se o “falar de” é na maior parte do tempo emocional e reativo, o “falar com” nos remete ao diálogo, que é principalmente uma decisão, uma escolha pessoal e criativa!

A dinâmica da atividade é muito interessante, pois, a partir do momento em que a fofoca acontece, o autor dela perde todo controle sobre a sua produção, sem recurso possível da tecla “desfazer”. O fluxo de informações, semiverdades, pós-verdades, mentiras e comentários dos comentários ganham o mundo e pode até viralizar nas redes sociais.

Depois do conceito, o tempo gasto com a atividade: calcula-se que nas empresas os funcionários se entregam à fofoca durante uma média de 65 horas por ano... mas ela continua a se espalhar de um modo exponencial que escapa a qualquer estatística e envolve emissores, receptores e pessoas “em foco” na roda infernal dos papéis de vilão, herói ou vítima:<sup>4</sup> a bomba caseira explodiu!

Num relance, percebemos o quanto a atividade é psicologicamente antieconômica, o quanto ela devora energias humanas de modo altamente improdutivo, pois gera emoções e sentimentos negativos e um mal-estar desanimador. Vale a pena cultivar esta erva azul? Por que nos entregamos a ela?

---

4 Herói, vilão, vítima: triângulo de Karpman.

## 28 2. Por que fofocamos?

Hoje toda compreensão de uma situação requer uma análise sistêmica que rastreia os elementos pessoais, os elementos ambientais e suas relações mútuas.

**Em se tratando das pessoas**, não é difícil entender que as pessoas que sentem insegurança ou rejeição, que têm dificuldades de lidar com tensão, descontentamento, frustração ou com tendências a alimentar emoções negativas de raiva, tristeza e medo, vão encontrar um alívio momentâneo quando fofocam. E que todos/as temos nossos momentos assim!

Mas, acho que também é importante perceber o **impacto do meio vital**: mais um ambiente incentiva o respeito mútuo, o senso de pertença, a comunicação verdadeira, a transparência, a liberdade interior, o diálogo não apenas sincero, mas verdadeiro, mais o hábito da fofoca se enfraquece. Em outras palavras: o que não se pode falar em torno da mesa... é fofocado nos corredores!

E aqui vale mais uma vez a observação de Vitor Frankl:<sup>5</sup> “Eu não sou meu ambiente, eu sou o que eu faço com ele!” Logo, mudando a mim mesmo/a, mudando meu estilo de me relacionar com os demais, irei possivelmente mudar o meu ambiente de vida!

E esta última reflexão já nos encaminha para a pergunta seguinte:

## 3. Uma vacina contra a fofoca?

O papel de uma vacina é gerar ou reforçar nossa imunidade natural diante de uma ameaça para nossa saúde. Que tal tomar a vacina contra a fofoca? A seguir, algumas medidas simples para viver de modo mais saudável, num ambiente livre de fofocas:

1. Verificar a credibilidade e, se for possível, a fonte das informações. Muitas vezes somos ingênuos/as e não pensamos em passar as pretensas informações pelas “peneiras de Sócrates”<sup>6</sup>: É verdade? Era essa a inten-

5 Frankl Vitor, logoterapia.

6 Textos clássicos, “As três peneiras de Sócrates.”

### AS TRÊS PENEIRAS

Um rapaz procurou Sócrates e disse-lhe que precisava contar-lhe algo sobre alguém.

Sócrates ergueu os olhos do livro que estava lendo e perguntou:

- O que você vai me contar já passou pelas três peneiras?

- Três peneiras? - indagou o rapaz.

- Sim! A primeira peneira é a VERDADE. O que você quer me contar dos outros é um fato? Caso tenha ouvido falar, a coisa deve morrer aqui mesmo. Suponhamos que seja verdade. Deve, então, passar pela segunda peneira: a BONDADE. O que você vai contar é uma coisa boa? Ajuda a construir ou destruir o caminho, a fama do próximo? Se o que você quer contar é verdade e é coisa boa, deverá passar ainda pela terceira peneira: a NECESSIDADE. Convém contar? Resolve alguma coisa? Ajuda a comunidade?

ção da pessoa que fez ou falou isso? Por que me contam isso, vai ajudar?

2. O que estou sentindo ao ouvir isso? Que emoções ou sentimentos surgem ou aumentam em mim? Vou reagir de modo espontâneo ou vou me dar um tempo para esfriar a cabeça, discernir e escolher minha resposta?

3. Desejo realmente me deixar atingir por isso e passá-lo para frente? Algum bem vai resultar dessa disseminação?

4. Em vez de entrar nos papéis tradicionais do teatro humano e dos contos de criança: chapeuzinho vermelho, lobo ou caçador, ou seja vítima, vilão, herói,<sup>3</sup> poderia ser mais criativo/a e contribuir para melhorar o ambiente em torno de mim?

Uma reflexão que abre novas perspectivas sobre as atitudes “ecológicas” que ajudam um grupo a ser mais saudável: passar do isolamento para a abertura, do não dito para a comunicação, da dispersão das energias para o foco no objetivo que nos reúne e realmente importa!

## OLHANDO PARA NOSSAS COMUNIDADES DE VIDA E DE MISSÃO!

Até o momento, estávamos refletindo sobre mexericos a partir do mundo empresarial. Hora de passar para nossas comunidades de VRC! Como as observações acima ecoam entre nós? O que podemos aprender com elas? Em nossas casas também temos quilômetros de corredores e nem sempre sentamos com boa vontade na mesa da partilha!

De outro lado, temos a lâmpada do evangelho a tirar do baú e a colocar em cima da mesa para que ilumine a casa toda! *“Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma vasilha e sim para colocá-la no candeeiro onde ela brilhe para todos que estão em casa”*<sup>7</sup>

Algumas palavras luminosas de Jesus, reflexo dos seus gestos cotidianos de amor e de cuidado nas relações humanas são convites a renovar nossa motivação para buscar outro modo possível de se relacionar, de se amar, de comunicar.

***Não julguem!***<sup>8</sup>

***Vá falar com teu irmão!***

***Perdoem do fundo do coração!***

7 Mt 5,15

8 Respectivamente Mt 7,1 Mt 18,5 e Mt 18,35

Por que então somos tão lentos a pôr em prática, por que nos fechamos ou desanimamos diante de um convite tão claro? O problema não estaria em nosso olho ou melhor em nosso modo de olhar para os companheiros, aqueles e aquelas que conosco partilham o pão nosso de cada dia?

No final desta singela reflexão, soa como provocação para mim e quem sabe para todos nós a retomada misteriosa da mesma parábola da lâmpada, mais adiante no mesmo evangelho:

***A lâmpada do teu corpo é o olho. Se o olho é sadio, o corpo inteiro fica iluminado!***<sup>9</sup>

Por trás da questão da fofoca há na realidade a questão interior do olhar mais ou menos sadio com que olhamos o outro, a outra! Somos capazes de olhar o outro com atenção respeitosa para a beleza escondida por trás das suas fragilidades e limites? Somos capazes de aceitar o fato de que ele não é disponível ao nosso desejo de reformá-lo à nossa imagem?

Que olhar sobre o outro? Que conversa com o outro?

---

9 Mt 6,22

# CAIM E ABEL: A DIFÍCIL TAREFA DE CRIAR FRATERNIDADE ENTRE NÓS A HISTÓRIA DAS CINCO QUEDAS

Gênesis 1 a 12

FREI CARLOS MESTERS, CARMELITA

*Fraternidade* é o ideal de todos nós, mas parece ser o ideal mais difícil a ser realizado. Desde o início da história da humanidade, os irmãos brigam entre si. Até hoje Caim mata Abel, e coloca a fraternidade em perigo. Por que será que Caim mata Abel? Por que é tão difícil viver em fraternidade? Há muitas respostas que a gente ouve. Nem todas são iguais. Eis algumas:

- “É devido ao nosso egoísmo. Cada um só pensa em si!”
- “Não basta a boa vontade. É problema de caráter e de família!”
- “É a política. Quando a política entra no meio, ela divide a comunidade”
- “Até os primeiros cristãos já brigavam! É defeito de fábrica!”
- “A diferença de mentalidade entre jovens e velhos é grande demais. Não tem jeito de conviver na mesma comunidade!”

Vamos analisar a história de Caim e Abel dentro do contexto mais ampla de Gênesis 1 a 12, que vai desde a criação do mundo até a vocação de Abraão. A redação final destes doze capítulos é do tempo do cativeiro na Babilônia, Séc. VI aC. É uma crítica à política dos reis de Israel e de Judá

e uma convocação solene para o povo do cativo reassumir o projeto de fraternidade. Um apelo muito sério para todos nós!

## Gênesis 1 a 12: o contexto da história de Caim e Abel

Em seis dias Deus criou o universo, a casa. No fim do sexto dia criou o ser humano, o dono da casa, e o abençoou: *“E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher. E Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra; dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra” (Gn 1,27-28).* Deus os abençoou. *Abençoar significa dizer o bem. O bem que Deus desejou para a humanidade no dia da criação atua em nós, até hoje.*

Depois da narração da criação (Gn 1,1-2,4<sup>a</sup>), o livro de Gênesis passa a descrever o Paraíso Terrestre, o sonho de Deus (Gn 2,4<sup>b</sup>-25). Um Paraíso! Assim deveria ter ficado a nossa vida, mas não ficou. A ruptura com Deus, provocada pela serpente, trouxe a maldição (Gn 3,14). Nos capítulos 3 a 11 do livro de Gênesis, a Bíblia mostra como a maldição vinda da serpente tentou destruir a bênção, recebida de Deus no dia da criação. Ela descreve, uma depois da outra, as cinco quedas que estão na origem dos males que hoje estragam a vida e nos fazem sofrer. No fim descreve a porta que Deus abriu para o povo poder recuperar a bênção: é a vocação de Abraão. Eis o esquema:

Gn 1,1-2,4a: A criação do universo: a bênção da vida.

Gn 2,4b-25: O Paraíso, o Sonho de Deus: assim deveria ter ficado, mas não ficou.

Gn 3,1-24: 1<sup>a</sup> queda: Adão e Eva: a ruptura com Deus .

Gn 4,1-16: 2<sup>a</sup> queda: Caim e Abel: a ruptura da fraternidade.

Gn 4,17-26: 3<sup>a</sup> queda: Lamec aumenta a ruptura da fraternidade.

Gn 5,1-32: As genealogias.

Gn 6,1-9,29: 4<sup>a</sup> queda: o Dilúvio: a manipulação da fé desintegra a vida.

Gn 10,1-32: As genealogias.

Gn 11,1-9: 5<sup>a</sup> queda: a Torre de Babel: a dominação universal destrói a fraternidade.

Gn 11,10-32: As genealogias.

Gn 12,1ss: Vocação de Abraão: recuperar a bênção de Deus, reconstruir a fraternidade.

A história das cinco quedas tenta explicar por que o mundo em que vivemos tem tantos defeitos. É para que tomemos consciência e nos comprometamos com a reconstrução da vida fraterna de acordo com o sonho de Deus.

As três listas de genealogias (Gn 5,1-32; 10,1-32; 11,10-32) significam que somos todos da mesma raça humana, participamos todos no mesmo destino, na mesma responsabilidade, na mesma missão, nos mesmos erros e quedas.

## O Paraíso, o Sonho de Deus (Gn 2,4-25)

Imitando o oleiro que trabalha o barro, Deus criou o ser humano: “*Como o barro na mão do oleiro, assim é o ser humano na mão de Deus*” (Jr 18,6; Eclo 33,13). É para dizer que nossa vida depende totalmente de Deus. Não é o barro que manda no oleiro. É o oleiro que manda no barro e lhe dá a forma que ele, o oleiro, quer (cf. Rom 9,20-21; Qo 12,7; Is 64,7; Sl 104,29-30). Deus soprou no barro, e o ser humano se tornou um ser vivente. O sopro divino é a fonte da nossa vida (cf. Ez 37,1-14; Sl 104,30).

★ **As duas árvores no meio do jardim de Deus (Gn 2,9).** A árvore da vida simboliza a *Sabedoria* que vem de Deus. Sua expressão máxima é a Lei de Deus, que nos oferece o verdadeiro conhecimento do bem e do mal (cf. Pr 3,18; 11,30; 13,12; 15,4). A outra árvore, aquela do conhecimento do bem e do mal, indica a sabedoria que vem dos homens com a pretensão de oferecer ao povo um outro conhecimento do bem e do mal. Desta árvore eles não podem comer, pois “*no dia em que você dela comer, com certeza você morrerá*” (Gn 2,17).

★ **Criado fora do jardim, o homem é colocado dentro do jardim (Gn 2,8.15).** Ele recebe a missão de cultivar e guardar o jardim. O jardim é de Deus. O homem não é o dono. Ele deve tomar conta e prestar conta. Cultivar e guardar um jardim com tanta água e tanto verde é missão leve e agradável (cf. Gn 2,10-14).

★ **A ordem divina (Gn 2,16-17).** Adão e Eva podem comer de tudo, inclusive da árvore da vida, mas não podem comer da outra árvore. Seria morte certa (Gn 2,17). Eles podem escolher entre a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal, entre a sabedoria de Deus e a sabedoria humana, entre a vida e a morte (Gn 3,3; Ap 2,7; 22,2).

## 34 A 1ª Queda: a ruptura com Deus (Gn 3,1-24)

\* **A tentação da serpente (Gn 3,1-4).** A serpente pergunta: “*É verdade que Deus disse que vocês não podem comer de nenhuma árvore do jardim?*” A resposta da mulher repete a ordem de Deus: “*Nós podemos comer dos frutos das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Vocês não comerão dele, nem o tocarão, do contrário vocês vão morrer’*”. Nesta resposta se reflete o ensinamento dos profetas que denunciavam a maldade do sistema dos reis que desviava o povo para seguir os falsos ídolos do culto dos cananeus (cf. 1Rs 18,18).

\* **Vocês vão ficar como deuses (Gn 3,5).** A serpente responde: “*Morte coisa nenhuma! Mas é que Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir, e vocês se tornarão como deuses, conhecedores do bem e do mal*”. Nestas palavras da serpente transparece a resposta pretensiosa dos reis às críticas dos profetas. Nos países do antigo Médio Oriente, os reis se apresentavam como filhos de Deus. A palavra do rei era a fonte do direito e ditava as normas do bem e do mal. Despertava no ser humano o desejo de não aceitar sua condição de criatura, e de criar para si sua própria lei. Queriam ser como deuses.

\* **A queda, o pecado (Gn 3,6).** “*Então a mulher viu que a árvore tentava o apetite, era uma delícia para os olhos e desejável para adquirir discernimento. Pegou o fruto e o comeu; depois o deu também ao marido que estava com ela, e também ele comeu*”. Colocados entre as exigências da Lei de Deus e a tentação do caminho oposto, permitimos que a tentação leve vantagem e nos desvie do bom caminho.

\* **A percepção da nudez (Gn 3,7).** “*Então abriram-se os olhos dos dois, e eles perceberam que estavam nus. Entrelaçaram folhas de figueira e fizeram tangas*”. Chegando o ser humano ao limiar da idade adulta, a nudez perde para ele sua naturalidade e ele se cobre com roupa. Ou seja, na hora em que a pessoa se confronta consigo mesma, reconhece a sua transgressão, percebe a sua nudez diante de Deus e se envergonha. Queria ser como um deus, e o que descobre é que está nu! Percebe que errou. A serpente simboliza a atração que a religião de fertilidade dos povos cananeus exercia sobre o povo de Deus para envolvê-lo na prostituição sagrada. A serpente levou Adão e Eva a abandonarem a *árvore da vida* e a comerem da *árvore da religião* dos cananeus que mudava as normas do bem e do mal e transformava a fé em magia.

\* **Onde está você? (Gn 3,8-11).** Antes da transgressão, Deus passeava no jardim à hora da brisa da tarde, e Adão e Eva costumavam aproximar-se

de Deus. Agora, a presença de Deus lhes causa medo e vergonha, e eles se escondem: “*Ouvi teus passos no jardim: tive medo, porque estou nu, e me escondi*”. Deus pergunta: “*E quem lhe disse que você estava nu? Por acaso você comeu da árvore da qual eu lhe tinha proibido comer?*” Na hora de receber a lei com a obrigação de observá-la, nasce também o desejo de transgredi-la e o homem começa a ter a consciência pesada diante de Deus. São Paulo diz: “*Eu não teria conhecido o pecado se não existisse a lei, nem teria conhecido a cobiça, se a lei não tivesse dito: “Não cobiçe!”*” (Rm 7,7).

★ ***A mulher que me deste deu-me o fruto, e eu comi (Gn 3,12-13)***. O homem reconhece que errou, mas não assume a culpa. Transfere a responsabilidade para a mulher. Indiretamente, está dando a culpa ao próprio Deus que lhe tinha dado a mulher como companheira. Da mesma maneira, a mulher não assume a culpa e transfere a responsabilidade para a serpente. A causa última que estava levando o povo a abandonar a Lei de Deus era a serpente, a religião do sistema dos reis que desintegrava a vida familiar e tribal, pervertia o conhecimento do bem e do mal e transformava a imagem do Deus vivo num ídolo morto sem vida.

★ ***Investigada a culpa, segue a sentença***: primeiro, para a serpente (Gn 3,14-15); depois, para mulher (Gn 3,16) e, no fim, para o homem (Gn 3,17-19). A situação que vai ser criada pela sentença divina é a situação real que o povo estava vivendo e que nós estamos vivendo até hoje. Pelo fato de dizer que a nossa situação real é castigo pelo pecado, a bíblia ensina que esta não é a situação que Deus deseja para nós. O ideal que Deus deseja para nós é o Paraíso, o jardim cheio de água e de verde.

★ ***A sentença para a Serpente: ela será maldita (Gn 3,14)***. “*Por ter feito isso, você será maldita entre todos os animais domésticos e entre todas as feras. Você se arrastará sobre o ventre e comerá pó todos os dias de sua vida*” (Gn 3,14). A serpente é um animal traiçoeiro que rasteja pelo chão. Você não a vê nem ouve. Ela se enterra e você, sem perceber, pisa nela e ela dá o bote para atingi-lo no calcanhar. Veneno de cobra é mortal. Mordido por ela, você não escapa. Morte certa! A cobra era o símbolo do que estava acontecendo na Palestina: a serpente traiçoeira da religião da fertilidade estava enterrada no caminho do povo tentando dar o bote mortal para matar nele a bênção da vida que vinha de Deus. Por isso, a serpente é *maldita*. A *maldição* que vem da serpente quer quebrar a *bênção* que vem de Deus (cf. Gn 1,28).

★ ***A promessa da vitória final da bênção sobre a maldição (Gn 3,15)***. Deus disse à serpente: “*Eu porei inimizade entre você e a mulher, entre a descendência de você e os descendentes dela. Estes vão lhe esmagar a cabeça, e você ferirá o calca-*

nhar deles”. (Gn 3,15). Apesar de enganada pela serpente *maldita*, a mulher, o povo, todos nós, temos dentro de nós a *bênção* recebida do Criador que resiste contra a maldição, contra a sedução da serpente. No fim, a bênção de Deus, inscrita no coração humano, acabará sendo mais forte que a atração exercida pela religião do sistema da monarquia, e o vencerá. A realização desta promessa da vitória da bênção de Deus sobre a maldição da serpente é descrita no Apocalipse (Apc 12,1-6).

★ **A sentença para a Mulher (Gn 3,16).** Deus disse: “*Vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará à luz seus filhos; a paixão vai arrastar você para o marido, e ele a dominará*” (Gn 3,16). A sentença divina descreve a situação real que a mulher vive até hoje.

★ **A sentença para o Homem (Gn 3,17-19).** Deus disse: “*Já que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore cujo fruto eu lhe tinha proibido comer, maldita seja a terra por sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga. A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva dos campos. Você comerá seu pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra, pois dela foi tirado. Você é pó, e ao pó voltará*” (Gn 3,17-19). Aqui também, a sentença divina descreve a situação real que o povo estava vivendo: trabalho duro numa terra seca que só produz espinhos e carrapichos, trabalhar a vida inteira com o suor do rosto e no fim morrer: “*Você é pó e ao pó voltará!*” E aqui, novamente, pelo fato de dizer que esta situação real é castigo pelo pecado, a Bíblia ensina que esta não é a situação que Deus quer para nós. O ideal que Deus deseja para nós é e continua sendo o jardim de fertilidade, cheio de água, de frutos e de verde (cf. Ap 22,2).

★ **Adão e Eva. Homem e Mulher (Gn 3,20).** O homem é chamado *Adão*, e ele dá à sua mulher o nome de *Eva*. As palavras *Adão* e *Eva* não são nomes próprios como João e Maria, mas significam *homem* e *mulher* e caracterizam a raça humana: *Adão* significa *terreno*, tirado da *adamah*, terra; *Eva* significa a *mãe de todos os viventes*. Eles são um espelho do que acontece conosco. Adão e Eva somos todos nós!

★ **Deus castiga, mas ele não nos abandona (Gn 3,21).** “*Deus fez túnicas de pele para o homem e sua mulher, e os vestiu*”. O homem e a mulher são expulsos do paraíso. Perdem a possibilidade de viver para sempre, pois já não têm mais acesso à árvore da vida. Mas Deus não os abandona. Ele continua cuidando: faz roupa para eles. A misericórdia prevalece sobre o castigo. Há esperança!

★ **O Paraíso continua a existir (Gn 3,22-24).** Deus disse: “*O homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Que ele, agora, não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma, e viva para sempre*”. Então Javé

*Deus expulsou o homem do jardim de Éden para cultivar o solo de onde fora tirado. Ele expulsou o homem e colocou diante do jardim de Éden os querubins e a espada chamejante, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn 3,22-24).* Nesta palavra final da história do Paraíso transparece a seguinte mensagem:

1. Deus não destruiu o paraíso. A árvore da vida continua existindo. Mesmo sem o homem ter acesso, ela continua despertando esperança e conversão.
2. Um querubim fecha a entrada e impede o acesso. Por si mesmo, o homem não conseguirá conquistar a vida para sempre. Jamais conseguiria pagar o preço do resgate (Sl 49,8). Só mesmo Deus, ele mesmo, poderá abrir o caminho.
3. Sabendo que não pode viver sempre, o ser humano mantém o desejo de superar a morte através da procriação. Depois que foi expulso do Paraíso, nasce o primeiro filho (Gn 4,1) e seguem as genealogias (Gn 5,1-32; 10,1-32; 11,10-32).
4. Na hora de morrer Jesus abriu o acesso à árvore da vida. Ele disse ao ladrão: *“Hoje mesmo você estará comigo no paraíso”* (Lc 23,43). Jesus abriu a porta através da lei do amor a Deus e ao próximo.

## A 2ª Queda: Caim mata Abel (Gn 4,1-16)

**\* O nome Caim soa forte (Gn 4,1).** A palavra vem de uma raiz que significa metal ou arma. Alguns traduzem o nome por “ferreiro”. Também significa “lança”, uma arma mortal. Caim simboliza o primeiro filho, o primogênito de toda a família humana. Quando Caim nasce, Eva, sua mãe, faz um discurso dizendo: *“Adquiri um filho com a ajuda de YHWH”*. Temos aqui um jogo de palavras entre o nome do filho e o verbo adquirir. É como associar Caim a conquistador, aquele que adquire, que consegue. Tudo nele simboliza força e poder. Por isso ele tem o trabalho pesado na agricultura, tirando do solo o alimento e a vida.

**\* O nome Abel soa fraco (Gn 4,2).** A palavra significa nuvem, névoa passageira, o vazio. Quando Abel nasce ninguém fala nada. A mãe não faz discurso, nem faz jogo de palavras com o nome do filho, que é identificado como “irmão de Caim”. O irmão mais fraco vive em função do mais forte. Seu trabalho é leve. Ele vai cuidar do rebanho. Neste contraste entre os dois irmãos temos uma densa simbologia: o conflito entre Caim e Abel é o confronto entre o fraco e o forte. Todo mundo sabe que a corda sempre rompe do lado mais fraco.

★ **O sacrifício (Gn 4,3-5).** Os dois dirigem a Deus suas preces e sacrifícios. E grande surpresa! Inesperadamente, Deus se agrada do sacrifício do mais fraco. O texto é claro e causa surpresa: “*YHWH gostou de Abel e de sua oferta, e não gostou de Caim e da oferta dele*” (Gn 4,4-5). O texto não diz o motivo, mas apenas informa que Deus fez uma escolha: deu mais valor à oferta do mais fraco e não gostou da oferta do mais forte. Jesus fez a mesma escolha quando disse: “*Essa viúva pobre depositou mais do que todos os outros que depositaram moedas no Tesouro*” (Mc 12,41-44). A escolha surpreendente de Deus torna Caim enfurecido contra Deus e contra seu irmão Abel. O forte não gosta de ser rejeitado e desprezado. Sua reação é sempre violenta. Até hoje, a opção pelos pobres provoca raiva nos poderosos.

★ **O alerta de Deus a Caim (Gn 4,6-7).** “*Por que você está enfurecido e anda de cabeça baixa? Se você agisse bem, andaria com a cabeça erguida; mas, se você não age bem, o pecado está junto à porta, como fera acuada, espreitando você. Por acaso, será que você pode dominá-la?*” (Gn 4,6-7) Aqui, pela primeira vez, aparece a palavra “pecado”. O “pecado” é a ruptura entre os irmãos, é o ódio que Caim sente por Abel. Deus faz um alerta a Caim, pois Caim, “muito enfurecido e de cabeça baixa”, fechado dentro da sua interpretação errada dos fatos, corre o perigo de perder o controle e, assim, desencadear um gesto violento. O alerta de Deus é para que Caim consiga controlar esse ódio, esse *pecado*. Será que a fúria e o desejo de eliminar Abel ainda podem ser controlados por Caim? Será que Caim quer controlar sua violência? Não parece. Ele convida seu irmão Abel para passear no campo, e lá ele o mata. O alerta de Deus caiu no vazio. A raiva de Caim foi mais forte.

★ **Onde está teu irmão? (Gn 4,9).** Deus faz a pergunta fundamental: “*Onde está o teu irmão?*” Caim responde com uma mentira: “*Não sei! Por acaso sou o guarda do meu irmão?*” (Gn 4,9). Foi o que responderam os chefes dos sacerdotes a Judas que tinha dito a eles: “*Pequei entregando à morte sangue inocente!*” (Mt 27,4). Eles responderam: “*E o que nós temos a ver com isso? O problema é seu!*” (Mt 27,4). Aquilo que aconteceu no Paraíso e no Templo de Jerusalém acontece até hoje: Caim não assume a responsabilidade do seu gesto violento.

★ **As consequências (Gn 4,10-14).** A palavra que Deus dirige a Caim deixa claro que o sangue derramado amaldiçoa a terra: “*O que foi que você fez? Ouço o sangue do seu irmão, clamando da terra para mim. Por isso você é amaldiçoado por essa terra que abriu a boca para receber de suas mãos o sangue do seu irmão*” (Gn 4,10-11). “*Sangue derramado se junta a sangue derramado*” lembra o profeta Oséias (Os 4,2). No seu arrependimento, Caim percebe que o seu gesto violento poderá voltar-se contra ele mesmo. Ele diz: “*Minha culpa é*

*grave e me atormenta. Se hoje me expulsas do solo fértil, terei de esconder-me de ti, andando errante e perdido pelo mundo; o primeiro que me encontrar, me matará*” (Gn 4,13-14). É só agora que Caim se dá conta de que abriu um caminho errado para resolver as disputas entre irmãos: o caminho da violência, do homicídio. Por isso, ele teme que alguém faça contra ele a mesma violência que ele fez contra Abel. O forte se sente fraco. Caim agora teme pela sua própria vida: o primeiro que me encontrar me matará! O recado do texto é este: o violento perecerá pela violência que ele mesmo causou.

★ **Deus protege Caim (Gn 4,15-16).** Como na expulsão do paraíso (cf. Gn 3,21), Deus continua cuidando. Ele protege o assassino, para que não seja morto. Ele disse: *“Quem matar Caim será vingado sete vezes”. E Deus colocou um sinal sobre Caim, a fim de que ele não fosse morto por quem o encontrasse*” (Gn 4,15). Pena de morte não resolve. No fim a Bíblia diz: *Caim saiu da presença de Yhwh* (Gn 4,16). O matador foi viver afastado de Deus, foi morar longe do Paraíso, isto é, longe da árvore da vida, longe da possibilidade de poder recuperar a vida.

A partir deste texto podemos entender melhor o ensinamento de Jesus no Sermão da Montanha: *“Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: ‘Não mate! Quem matar será condenado pelo tribunal’. Eu, porém, lhes digo: todo aquele que fica com raiva do seu irmão, se torna réu perante o tribunal. Quem diz ao seu irmão: ‘imbecil’, se torna réu perante o Sinédrio; quem chama o irmão de ‘idiota’, merece o fogo do inferno”* (Mt 5,21-22). Jesus lembra que uma pessoa não se torna assassina só no momento em que acaba de matar alguém. O gesto de matar é o fim de um processo que começa quando o ódio se instala no coração. Como Caim, “muito enfurecido e de cabeça baixa”, começamos a agredir com palavras e com gestos. Já matamos quando eliminamos pessoas de nossas vidas, rompendo relacionamento e convivência. Tirar a vida de alguém é apenas o final de um processo que se instala com a raiva, a frustração, o ódio.

### A 3ª Queda: a ação de Caim contra Abel continua em Lamec (Gn 4,17-26)

★ **A descendência de Caim se prolonga em Lamec** (Gn 4,17-18). Caim casou e teve vários filhos. Foi Caim que construiu a primeira cidade (Gn 4,17). Para o povo da Bíblia a vida no campo representava o ideal; vida em cidade era afastar-se do ideal. É para dizer que, através de Caim e da sua descendência, a vida humana foi se degradando. Por ora, é só através da descendência de Caim que a humanidade continua seguindo o seu cami-

nho, pois Abel estava morto. É dos filhos de Caim que vai nascer Lamec (Gn 4,18).

★ **Lamec tomou para si duas mulheres (Gn 4,19-24).** O nome Lamec tem um sentido incerto. Alguns interpretam este nome como “jovem forte”. De fato, Lamec se mostra forte e orgulhoso. Ele é o primeiro a tomar duas mulheres, criando a poligamia, contrariando o que Deus disse na Criação: o homem se unirá à sua mulher e serão os dois uma só carne (Gn 2,24). É um novo gesto de poder que rompe as relações estabelecidas pelo Criador. Num cântico para suas duas mulheres Ada e Sela, Lamec louva sua própria força (Gn 4,23-24). Ele se gaba dizendo que não tolera qualquer afronta: por um arranhão que recebe ou por uma ferida que deixar cicatriz, ele matará o agressor. Lamec não leva desaforo para casa. Ele se vangloria de sua força e do seu machismo. Não precisa da proteção de ninguém. Nem de Deus. Ele é o fortão. Ele diz: “*Se a vingança de Caim valia por sete, a de Lamec valerá por setenta e sete*” (Gn 4,24). A violência gerada por Caim encontra seu resultado em Lamec. A espiral da violência é agravada pelo desejo de vingança. Para Lamec não existe perdão nem reconciliação. Jesus evoca esta passagem quando diz a Pedro que ele deve perdoar não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete (cf. Mt 18,21-22).

★ **De Adão e Eva nasce Set no lugar de Abel (Gn 4,25-26).** A Bíblia diz: “*Adão se uniu à sua mulher; ela deu então à luz um filho, e lhe deu o nome de Set, dizendo: “Deus me concedeu outro descendente no lugar de Abel, que Caim matou”* (Gn 4,25). Daqui para a frente, já não é só Caim e a sua descendência que representam a humanidade. Abel renasce em Set, o novo filho de Adão e Eva. É na descendência de Set que reaparece a busca de Deus. Diz a Bíblia: “*Set também teve um filho, a quem deu o nome de Enós. Este foi o primeiro a invocar o nome de Yhwh*” (Gn 4,26). Caim tinha saído da presença de Yhwh (Gn 4,16), mas Set voltou a invocá-lo.

★ **A lista de genealogias (Gn 5,1-32).** Como já dissemos, as listas de genealogias significam que somos todos da mesma raça humana, participamos todos no mesmo destino, na mesma responsabilidade, na mesma missão, nos mesmos erros e quedas.

## A 4ª Queda: o Dilúvio (Gn 6,1 a 9,29)

Lamec fez crescer a ruptura da fraternidade, causada por Caim que matou Abel. Agora, na 4ª e na 5ª queda (Dilúvio e Torre de Babel), o quadro se alarga e aquilo que antes era uma ruptura entre pessoas e famílias, torna-

-se agora ruptura entre povos e países. O Caim que matou Abel já não é só uma pessoa, mas é povo, cultura, movimento, ideologia, magia, usadas para matar e aumentar a ruptura da fraternidade, iniciada por Caim. Aqui, para descrever a corrupção crescente, a Bíblia usa tradições, lendas e mitos de várias procedências, tanto do povo de Deus, como da história de outros povos. Isto explica as repetições que ocorrem na descrição do dilúvio.

**\* A corrupção generalizada. Deus se arrepende (Gn 6,1-7).**

*“YHWH viu que a maldade do homem crescia na terra e que todo projeto do coração humano era sempre mau. Então YHWH se arrependeu de ter feito o homem sobre a terra”* (Gn 6,5). Cresce a humanidade, cresce a maldade. Um sinal da maldade crescente é o casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens que geravam gigantes (Gn 6,4). Alusão provável aos casamentos dos exilados judeus com mulheres da Babilônia. O povo corria o risco de ser tragado pela grande cidade cosmopolita e desaparecer do mapa. Vendo a maldade humana, Deus disse: *“Vou exterminar da face da terra os homens que criei”* (Gn 6,7).

**\* Noé, o justo, é fonte de salvação para todos (Gn 6,8-22).** No meio daquela humanidade corrompida vivia Noé. *“Noé encontrou graça aos olhos de Deus”* (Gn 6,8). Ele era *“um homem justo, íntegro entre seus companheiros, e andava com Deus”* (Gn 6,9). Deus mantém a decisão de exterminar a humanidade, mas quer salvar Noé. Ele manda Noé construir um grande barco com o qual ele possa enfrentar a enchente do dilúvio e salvar sua vida e a vida da sua família e dos animais (Gn 6,14-16). É através de Noé que Deus quer estabelecer uma aliança com a humanidade salva do dilúvio (Gn 6,18), isto é, com as pessoas que, como Noé, se preservam da corrupção e observam os mandamentos de Deus.

**\* A entrada de Noé na Arca, e o dilúvio (Gn 7,1-24).** Noé, *“o único justo”* (Gn 7,1), entra na Arca junto com a família e os animais. Depois de sete dias, vem o dilúvio: *“Arrebentaram as fontes do oceano e se abriram as comportas do céu”* (Gn 7,11). A chuva caiu durante 40 dias e 40 noites. As águas foram subindo até sete metros acima da montanha mais alta (Gn 7,20) e a enchente cobriu a terra durante 150 dias (Gn 7,24). Pereceu a vida. Foi o retorno ao caos primitivo. Era o fim da primeira criação. *“Ficou só Noé e os que com ele estavam na arca”* (Gn 7,23). A ruptura da fraternidade, iniciada por Caim, colocou em perigo a sobrevivência da terra e da própria humanidade.

**\* À espera da nova criação (Gn 8,1-14).** *“As fontes do oceano e as comportas do céu se fecharam e a chuva parou de cair”* (Gn 8,2). Na primeira criação, *“um vento impetuoso soprava sobre as águas”* (Gn 1,2). Agora, na nova

criação, um *vento forte* faz baixar as águas e, depois de 150 dias, reaparece a terra. Noé esperou mais 40 dias e, no fim, abriu uma claraboia. Soltou um corvo, que voltou. Soltou uma pomba que voltou. Soltou mais uma pomba que voltou com um ramo verde (Gn 8,11). Esperou mais sete dias e soltou outra pomba que não voltou (Gn 8,12). Sinal de que o verde reapareceu sobre a terra e que a vida era possível. Sinal de que Noé podia sair a arca para reiniciar a vida na terra.

★ **Noé sai da Arca e constrói um altar (Gn 8,15-22).** Noé com toda a sua família e com os animais sai da arca. Deus lhes diz: *“Encham a terra, sejam fecundos e se multipliquem na terra”* (Gn 8,17). Era a mesma ordem que Adão e Eva tinham recebido: encham a terra, sejam fecundos e se multipliquem (cf. Gn 1,28) É o novo começo da humanidade, e o primeiro gesto da nova humanidade é uma celebração. Noé construiu um altar e ofereceu um holocausto (Gn 8,20). Deus aspirou o perfume do sacrifício e disse: *“Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa do homem, porque os projetos do coração do homem são maus desde a sua juventude. Nunca mais destruirei todos os seres vivos, como fiz. Enquanto durar a terra, jamais faltarão sementeira e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite”* (Gn 8,21-22). O ritmo da natureza dos dias e das noites, do sol e da lua, são sinais da bondade de Deus para toda a humanidade, e o ser humano jamais conseguirá alterá-lo (cf. Jr 31,35-36; 33,19-21; 33,25-26).

★ **Em defesa da vida: nunca comer sangue (Gn 9,1-7).** Deus abençoa Noé e repete a ordem: *“Sejam fecundos, multipliquem-se e encham a terra!”* (Gn 9,1). Em seguida, Deus entrega ao homem o domínio sobre os animais e permite que ele se alimente com a carne dos animais, mas proíbe terminantemente: *“Não comam carne com o sangue que é a vida dela”* (Gn 9,4), pois o sangue é a vida, e a vida pertence a Deus. E Deus insiste na responsabilidade dos homens pelos homens: *“Ao homem vou pedir contas da vida do seu irmão”* (Gn 9,6). Assim, mais uma vez, Deus tenta controlar a violência do ser humano.

★ **A aliança entre Deus e a nova humanidade (Gn 9,8-17).** Deus estabelece uma aliança com Noé e promete: *“tudo o que existe nunca mais será destruído pelas águas de um dilúvio”*. Para o povo do cativoiro esta promessa de Deus tinha um significado todo especial. Deus lhe diz através do profeta Isaías: *“Como no tempo de Noé, agora faço a mesma coisa: jurei que as águas do dilúvio nunca mais iriam cobrir a terra; da mesma forma, agora eu juro que não deixarei minha ira se inflamar contra você e nunca mais vou castigá-la. Mesmo que os montes se retirem e as colinas vacilem, meu amor nunca vai se afastar de você, minha aliança de paz não vacilará, diz Yhwh, que se compadece de você”* (Is 54,9-10). O sinal visível desta aliança é o arco-íris que aparece no céu depois

das tempestades. Ele faz o povo ficar tranquilo, pois é o sinal de que nunca mais haverá um dilúvio: *“Colocarei o meu arco nas nuvens, e ele se tornará um sinal da minha aliança com a terra. Quando eu reunir as nuvens sobre a terra e o arco-íris aparecer nas nuvens, eu me lembrarei da minha aliança com vocês e com todos os seres vivos. E o dilúvio não voltará a destruir os seres vivos. Quando o arco-íris estiver nas nuvens, eu o verei e me lembrarei da aliança eterna: aliança de Deus com todos os seres vivos, com tudo o que vive sobre a terra”* (Gn 9,13-16).

**★ A vida humana entre a bênção e a maldição (Gn 9,18-29).**

Sem, Cam e Jafé são os três filhos de Noé. Os três são o novo começo da humanidade. Dos três, Cam não conseguiu manter a fidelidade. Ele ridicularizou Noé, seu pai, que tinha bebido demais e ficou nu dentro da tenda. Os outros dois irmãos souberam manter o respeito pelo pai. Noé abençoou Sem e Jafé e *amaldiçoou* Cam, o filho zombador. Assim, reapareceu a *maldição!* O homem não conseguiu manter a comunhão com Deus, não conseguiu controlar sua própria maldade. Agora, de novo, a maldição cresce e se espalha na terra tentando abafar a bênção que a vida tinha recebido no dia da criação. Até hoje, a vida humana vive entre a bênção e a maldição. O profeta Oséias não cansa de recordar: é a maldade humana que causa a degradação do ambiente, colocando em risco toda a Criação de Deus, atingindo até mesmo os animais que são inocentes (cf. Os 4,1-3).

## A 5ª queda: A Torre de Babel (Gn 11,1-9)

**★ A construção da Torre (Gn 11,1-4).** Durante muito tempo, a maior cidade da Antiguidade foi Babel ou Babilônia. Babel significa “Portal dos deuses”. A cidade tinha construções imponentes. Seus jardins suspensos eram considerados uma das maravilhas do mundo antigo. A maior construção em Babilônia era uma torre, construída por Nabucodonosor: *“Vamos construir uma cidade e uma torre que chegue até o céu, para ficarmos famosos”*, assim diziam (Gn 11,4). Os arqueólogos calculam que para construir a torre foram usados em torno de 17 milhões de tijolos cozidos. A torre dominava a cidade. Era vista de qualquer um dos bairros que se estendiam ao longo do rio Eufrates. Simbolizava o império de Nabucodonosor. Era o símbolo da arrogância humana que quer alcançar o céu. Dizia o profeta Isaías ao rei da Babilônia: *“Você pensava: ‘Vou subir até o céu, vou colocar meu trono acima das estrelas de Deus; vou sentar-me na montanha da Assembleia, no cume da montanha celeste. Vou subir até as alturas das nuvens e me tornarei igual ao Altíssimo’. E agora, aí está você precipitado na mansão dos mortos, nas profundezas do abismo”* (Is 14,13-15). É na Torre de Babel, que o pecado de Adão e Eva (*ser igual a*

*Deus*) (Gn 3,5) adquire sua mais alta expressão: “*Me tornarei igual ao Altíssimo*” (Gn 11,4). Arrogância e dominação, orgulho e poder! Tudo isso está associado à construção da Torre de Babel. A grande tentação de ser igual a Deus (Gn 3,5) sempre volta nos empreendimentos humanos. Começou em nível pessoal com a pretensão de Adão e Eva e aqui alcança o nível de dominação universal. Todos os que se lançam na construção da torre “*falam a mesma língua*”, ou seja, todos estão unidos no mesmo projeto de conquista e de dominação.

★ **A confusão das línguas (Gn 11,5-9).** “*Então Deus decide descer para ver a cidade e a torre que os homens estão construindo*” (Gn 11,5). Vendo a Torre, Deus percebe que o homem não aprendeu a lição do dilúvio, nem aprendeu a lição das histórias de Lamec e de Caim, mas continuou a ser o mesmo de antes. O pecado de Caim que matou Abel agora tem dimensão universal. Continua querendo dominar e conquistar e chegar até o céu, o lugar de Deus. Deus então resolve confundir as línguas para que um não entenda a língua do outro. Por causa disto, os humanos se espalham pela terra, cada qual vivendo com os de sua língua, unidos em seus projetos menores. Mas volta e meia algum destes povos cai na tentação de dominar, conquistar e destruir os outros, lançando-se na construção de uma torre que os torne famosos.

★ **A lista de genealogias (Gn 11,10-32).** A lista de genealogias lembra novamente que somos todos da mesma raça humana, participamos todos no mesmo destino, na mesma responsabilidade, na mesma missão, nos mesmos erros e quedas. O que se nota nesta lista é que a idade vai diminuindo gradativamente. A vida vai de 600 anos de Sem (Gn 11,10-11) até os 205 anos de Taré, pai de Abraão (Gn 11,32) e os 175 anos de Abraão (Gn 25,7). Aos poucos, a idade humana vai se adaptando à vida normal de uma pessoa. Sinal de que estão chegando no tempo presente.

## Os sinais de esperança que percorrem a história das cinco quedas.

Chegando ao fim da *História das Cinco Quedas*, surge a pergunta: Qual será o futuro da humanidade? Existe futuro? Nas quedas anteriores houve castigo da parte, mas a misericórdia de Deus era cada vez mais forte: fez roupa para o homem e a mulher expulsos do paraíso (Gn 3,21); fez um sinal protetor em Caim, para que não fosse morto por motivo de vingança (Gn 4,15); salvou Noé e sua família das águas, para que a humanidade pudesse

continuar e ter um futuro (Gn 6,8.18). De que maneira se manifestará agora a misericórdia divina, pois a humanidade inteira está dividida e dispersa? Onde e como a misericórdia abre uma porta para o futuro?

A misericórdia se manifesta no chamado de Abraão e Sara. Será através deles que todas as famílias da terra serão abençoadas (Gn 12,3). Na história se Abraão e Sara se abre para toda a humanidade o *Caminho da Esperança* em direção à recuperação da bênção da vida.

## A FRATERNIDADE E A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA LGBT

LUÍS CORRÊA LIMA<sup>1\*</sup>

### A ocasião oportuna e a ligação necessária

*A Campanha da Fraternidade de 2018, promovida pela CNBB, tem como tema: “Fraternidade e superação da violência”; e como lema a palavra de Cristo: “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8). O objetivo geral desta campanha é construir a fraternidade, promovendo a cultura da paz, da reconciliação e da justiça, à luz da Palavra de Deus, como caminho de superação da violência. Entre os objetivos específicos estão: valorizar a família e a escola como espaços de convivência fraterna, de educação para a paz e de testemunho do amor e do perdão; identificar, acompanhar e reivindicar políticas públicas de superação da desigualdade social e da violência; apoiar os centros de direitos humanos e organizações da sociedade civil que trabalham para a superação da violência<sup>2</sup>.*

- 
- 1 \* O autor é padre jesuíta e professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Trabalha com pesquisa sobre diversidade sexual e no acompanhamento espiritual de pessoas LGBT. E-mail: lclima@puc-rio.br
  - 2 “Resumo do texto-base da Campanha da Fraternidade 2018”. *Portal Kairós*, 23 jun. 2017. <portalkairos.org>.

Esta campanha é uma ocasião oportuna para se refletir e agir contra um tipo especial de violência: a que é cometida contra os LGBT<sup>3</sup> (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). Tal violência ganhou as manchetes de todo mundo no terrível massacre em uma boate em Orlando (EUA), em junho de 2016. Um homem fortemente armado disparou contra a multidão, matando 49 pessoas e ferindo outras dezenas. Na época, o papa Francisco expressou “os mais profundos sentimentos de execração e condenação, dor e angústia” diante desta manifestação de “loucura homicida e de ódio insensato”. Ele se uniu na oração e na compaixão ao sofrimento das famílias das vítimas, e ao sofrimento dos feridos, recomendando-os ao Senhor para que pudessem encontrar conforto. E exortou: “Todos esperamos que se possam identificar e contrastar de modo eficaz, o quanto antes, as causas desta violência horrível e absurda que perturba tão profundamente o desejo de paz do povo estadunidense e de toda a humanidade”<sup>4</sup>. Dias depois, o Papa chegou a dizer que a própria Igreja deve pedir desculpas aos gays que tenha ofendido<sup>5</sup>.

De onde vem esta violência horrível e absurda? O massacre de Orlando é a ponta de *iceberg* de uma realidade bem mais ampla, barulhenta ou discreta, presente em todo o mundo e especialmente no Brasil: a hostilidade física e verbal contra os LGBT, conhecida como homofobia, no caso de homossexuais; e transfobia, no caso de transexuais e travestis. Infelizmente, na contramão da indignação do Papa e de tantos outros, estão alguns cristãos extremistas que festejaram publicamente o massacre. Eles têm como lema: “Deus odeia os veados” (*God hates fags*)<sup>6</sup>. Para estes fanáticos, ainda que o autor daquela matança seja muçulmano, é um anjo exterminador enviado pelo Senhor.

## Relatos de aversão, violência física e verbal, e suas causas

Da hostilidade contra os LGBT, há exemplos em que eu e pessoas muito próximas a mim tivemos contato direto. Em 2008, o Governo Federal

- 
- 3 Nesta sigla, travestis são pessoas que vivem papéis femininos, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres. Transexuais são pessoas que não se identificam com o sexo que lhes é atribuído ao nascerem, e sim com o outro sexo. Pode haver homem transexual, que reivindica o reconhecimento social e legal como homem, e mulher transexual, que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher.
  - 4 “A dor do Papa pelo massacre em Orlando”. *Rádio Vaticano*, 13 jun. 2016. Disponível em: <br.radiovaticana.va>.
  - 5 *Conferência de imprensa do santo padre durante o voo de regresso da Armênia*. 26 jun. 2016. Disponível em: <w2.vaticana.va>.
  - 6 Igreja Batista de Westboro. Acesso em: <www.godhatesfags.com>.

promoveu uma conferência para tratar de direitos humanos e de políticas públicas relacionados a essa população. Um sacerdote de minha congregação esteve presente, e conheceu uma jovem lésbica que lhe relatou sua história. Ela se descobriu homossexual e depois a sua família ficou sabendo. O pai desta jovem pediu ao outro filho, irmão dela, que com os seus colegas de escola organizassem um estupro a fim de supostamente curá-la da homossexualidade. O ato de violência aconteceu e ela engravidou. Em razão de sua fé cristã, recusou-se a interromper a gravidez por meio de aborto. A criança nasceu, e a jovem jurou para si mesma nunca mais olhar para a cara do pai e do irmão.

Eu vivi uma experiência dramática em 2011. Fui a um simpósio de direito homoafetivo na Universidade Católica de Pernambuco. Diante de um auditório lotado e vibrante, participei de uma mesa redonda. Falei sobre o amor de Deus e a importância da consciência da pessoa. E alertei sobre o mal-uso que frequentemente se faz da Bíblia para condenar e execrar os homossexuais. Após o final, um jovem me procurou e disse: “Padre, o senhor não sabe o bem que me fez! Eu ia me matar”! Eu fiquei pasmo. Conversei brevemente com ele, pedi o seu contato e lhe passei o meu. Pedi encarecidamente que daquele dia em diante nos mantivéssemos em contato. Voltei ao Rio de Janeiro. Três dias depois, o jovem me escreveu contando a história. Resumidamente, é a seguinte:

Fui criado na Igreja. A minha mãe é ministra da eucaristia. O lugar onde eu mais gosto de estar é a Igreja. Por eu ser gay, o padre da minha paróquia fez um duro sermão em uma missa. Olhando para mim, ele disse que as pessoas homossexuais têm um demônio. Quanto mais elas vivem, mais pecam. É melhor que não vivam muito. E os outros fiéis balançavam a cabeça concordando. De tanto ouvir isto, e de tanto ver os outros concordarem, tomei uma decisão: “este demônio aqui não vai mais viver”! Eu decidi que no dia 17 de setembro de 2011 iria a um prédio público de dezoito andares, e me atiraria do topo. Escrevi uma carta de despedida à minha família e coloquei na mochila. Quando esse dia amanheceu, peguei o ônibus rumo ao local. Porém, encontrei no ônibus um amigo que me disse: “vamos ao simpósio da Católica”. Eu não queria ir, mas o meu amigo insistiu. Eu aceitei porque a Universidade ficava no caminho. De lá, eu seguiria para o prédio a fim de fazer o que tinha decidido. Ao chegar na Universidade, vi na programação que à tarde um padre ia falar. Decidi ficar para ouvi-lo. Padre, quando o senhor fala, não imagina o que se passa na cabeça das pessoas que lhe ouvem. Suas palavras salvam vidas! Pelo amor de Deus, não pare!

Confesso que ao ler esta carta chorei muito, como poucas vezes chorei tanto em minha vida. Nos meus 23 anos de sacerdote, nunca tive uma experiência tão dramática e tão emocionante quanto esta. Desde então, este

jovem e eu nos falamos com frequência. Felizmente, ele superou aquela depressão em que se encontrava e seus desejos suicidas.

O padre Júlio Lancellotti trabalha na cidade de São Paulo com população de rua. Ele frequentemente encontra LGBT que vivem nas ruas da cidade, conversa com eles e lhes dá assistência. Alguns estão doentes, feridos e abandonados. Muitos relatam histórias de violência, abuso, assédio, torturas e crueldades. Alguns contam como foram expulsos de igrejas e comunidades cristãs, e rejeitados pela família em nome da moral. E conclui: “testemunhei lágrimas, feridas, sangue e fome. Impossível não reconhecer neles a presença do Senhor crucificado”<sup>7</sup>.

Para representar a violência sofrida por esta população, a travesti e atriz Viviany Beleboni encenou uma crucifixão na parada LGBT de São Paulo, em 2015. Depois disto, ela mesma foi agredida violentamente duas vezes como forma de retaliação. Levou chutes, sofreu cortes no corpo, teve hematomas e dentes quebrados. Sobre a segunda agressão, feita por cinco homens, ela relata algo revelador sobre a motivação dos agressores:

A todo momento falavam que eu era um demônio, que essa raça tinha que morrer. Recitavam passagens da Bíblia ou que diziam alguma coisa relacionada à Bíblia. Falavam em Romanos e coisas como “não te deitarás com um homem, como se fosse mulher” e muitas palavras que não entendia, como se fosse em outro idioma. Eles diziam também “traveco vira homem”, “praga da humanidade”. Ofensas e Chutes. Quero esquecer<sup>8</sup>.

O quadro de violência contra LGBT tornou-se mais evidente devido à visibilidade desta população no mundo atual. No passado, para se defender da intolerância e da hostilidade, muitos deles viviam no anonimato ou à margem da sociedade. Vários gays e lésbicas se escondiam no casamento tradicional, constituído pela união heterossexual, para não manifestarem sua condição. Travestis e transexuais não tinham acesso aos procedimentos de transexualização hoje disponíveis. Em alguns lugares formavam guetos, que eram espaços de convivência bastante reservados, como forma de proteção dos indivíduos. Atualmente a situação é bem diferente. Muitos LGBT fazem grandes paradas, estão presentes em filmes, programas de televisão, olimpíadas, empresas, escolas e outras instituições; buscam reconhecimento, exigem ser respeitados e reivindicam os mesmos direitos e deveres dos demais cidadãos. Esta população está em toda parte. Quem

7 LANCELOTTI, Júlio. Postagem, 9/6/2015. <[www.facebook.com/AmigoseTribos](http://www.facebook.com/AmigoseTribos)>.

8 QUERINO, Lucas. “Viviany Beleboni é espancada novamente por cinco homens: ‘Demônio’”. 12 jul. 2016. Disponível em: <[www.superpride.com.br](http://www.superpride.com.br)>.

não faz parte dela, tem parentes próximos ou distantes que fazem, velada ou manifestamente, bem como vizinhos ou colegas de trabalho.

A aversão à LGBT produz diversas formas de violência física e verbal. Há pais de família que já disseram: “Prefiro um filho morto a um filho gay!”. Há avós que já disseram: “Prefiro vinte netas prostitutas a uma neta sapatão!”. Não são raros travestis, gays e lésbicas expulsos de casa por seus pais. Entre os palavrões mais ofensivos em português, constam a referência à condição homossexual (veado!) e ao sexo anal, comum no homoerotismo masculino. Ou seja, é xingamento. Muitas vezes, quando se diz: “fulano não é homem”, entende-se que é gay; ou “fulana não é mulher”, que é lésbica. Ou seja, ser homem ou mulher supostamente exclui a pessoa homossexual. Esta aversão se enraíza profundamente na cultura. No Brasil são muito frequentes os homicídios, sobretudo de travestis. Não raramente, estes homicídios são cometidos com requintes de crueldade. Há também suicídios de muitos adolescentes que se descobrem LGBT, e mesmo de adultos. Eles chegam a esta atitude extrema por sentirem a hostilidade da própria família, da escola e da sociedade. Calcula-se que o índice de suicídio nesta população é cinco vezes maior que no restante. Toda esta hostilidade com inúmeras formas de discriminação, mesmo quando não leva à morte, traz frequentemente tristeza profunda ou depressão<sup>9</sup>.

Curiosamente, esta realidade está ausente em muitos documentos da Igreja Católica. Ao se falar de pobres, excluídos e pessoas que sofrem, menciona-se frequentemente: migrantes, vítimas da violência, refugiados, vítimas de sequestro e tráfico de pessoas, desaparecidos, portadores de HIV, vítimas de enfermidades endêmicas, tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas vítimas da prostituição, pornografia, violência ou trabalho infantil; mulheres maltratadas, vítimas de exclusão e exploração sexual, pessoas com deficiência, grandes grupos de desempregados, excluídos pelo analfabetismo tecnológico, moradores de rua em grandes cidades, indígenas, afro-americanos, agricultores sem terra e mineiros<sup>10</sup>. Infelizmente, falar de LGBT ainda é incômodo em muitos ambientes. Não raramente, o sofrimento desta população é ignorado ou silenciado.

A hostilidade a LGBT não é gratuita. Há importantes indicações de que o preconceito contra esta população seja um temor inconsciente do coração humano que se recusa a reconciliar-se com a própria verdade. O medo do perigo de contágio, fanatismos, rigorismos e repugnâncias em relação eles e elas revelam uma necessidade de ocultar a verdade sobre a própria exis-

9 LIMA, Luís. “Os LGBT e os desafios da evangelização”. *Convergência*, n. 493, 2016, p. 474.

10 CELAM. *Documento de Aparecida*, 2007, n. 402.

tência, ou sobre impulsos interiores. Na base dos preconceitos, há frequentemente o medo de perder a própria segurança diante do que é diferente, estranho e desconhecido, catalogando-o por isso mesmo como perigoso e inferior. Quanto maiores o fanatismo e a repugnância, provavelmente existe também uma maior necessidade de ocultar a própria existência, ou uma plena recusa a reconciliar-se com a própria verdade<sup>11</sup>.

O assassino de Orlando era muçulmano e casado com uma mulher, mas teve envolvimento sexual com outros homens, e frequentou a boate em que depois realizou o massacre. A fé islâmica opõe-se fortemente à prática da homossexualidade. Neste ponto, tem raízes na tradição judaico-cristã e semelhança com o que o mundo ocidental proibiu e puniu por muitos séculos<sup>12</sup>. Esta prática foi chamada de sodomia, em referência ao pecado de Sodoma que resultou no castigo divino destruidor (Gn 19), e considerada uma abominação. Tempos depois, a medicina a classificou como doença, levando até mesmo à internação de homossexuais em hospitais psiquiátricos, à castração química e ao tratamento com choque elétrico. Mudanças importantes aconteceram na sociedade e na Igreja, mas o estigma de abominação e perversão continua. Não é à toa que religiosos cristãos acusam categoricamente homossexuais e transgêneros<sup>13</sup> de serem endemoninhados, e utilizam a Bíblia para execrá-los.

## A controvérsia sobre ideologia de gênero

Para enfrentar o ódio à LGBT e defender sua cidadania, movimentos sociais e grupos políticos propuseram que planos governamentais de educação básica contivessem a promoção da “igualdade de gênero e orientação sexual”. Por igualdade de gênero, entende-se tanto entre homem e mulher quanto entre cisgênero e transgênero, ou seja, quem se identifica ou não com o sexo que lhe é atribuído ao nascer. Por igualdade de orientação sexual, entende-se entre heterossexuais e homossexuais. A proposta gerou controvérsia e oposição de outros segmentos, incluindo religiosos cristãos. O resultado foi a retirada dessa expressão na Base Curricular do Ministério da Educação. Fala-se apenas em formação humana integral, construção

---

11 AZPITARTE, Eduardo. Ética sexual: masturbação, homossexualismo, relações pré-matrimoniais. São Paulo: Paulus, 1991, p.65-66.

12 LIMA, *ibidem*, p.475-479.

13 Pessoas que não se identificam com o sexo que lhes é atribuído ao nascer. Podem ser travestis ou transexuais.

de uma sociedade “justa, democrática e inclusiva” e oposição a “qualquer forma de discriminação”<sup>14</sup>.

Esta controvérsia já havia se manifestado na ONU em 2008, quando a França propôs a descriminalização da homossexualidade em todo o mundo. A proposta incluía o fim da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. A delegação da Santa Sé na ONU manifestou apreço pela proposta francesa de condenar todas as formas de violência contra pessoas homossexuais, e exortou os Estados, inclusive os muçulmanos, a tomarem as medidas necessárias para pôr fim a todas as penas criminais contra elas. Para a Igreja Católica, baseando-se em uma “sã laicidade” do Estado, as relações sexuais livremente consentidas entre pessoas adultas não devem ser consideradas delito pelo poder civil. Mas o fim da discriminação por identidade de gênero e orientação sexual não foi aceito. Alegou-se que isto poderia se tornar um instrumento de pressão contra os que consideram o comportamento homossexual moralmente inaceitável, não reconhecem a união homossexual como família, nem a sua equiparação à união heterossexual e nem o seu direito à adoção e à reprodução assistida<sup>15</sup>.

Anos depois, o Sínodo dos Bispos sobre a Família fez um alerta, ratificado pelo papa Francisco, contra formas de uma ideologia chamada *gender* (gênero). Estas negam a diferença e a reciprocidade natural entre homem e mulher, preveem uma sociedade sem diferenças de sexo, e promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afetiva desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher. A identidade humana fica à mercê de uma opção individualista. O sexo biológico (*sex*) e a função sociocultural do sexo (*gender*) podem se distinguir, mas não se separar<sup>16</sup>.

Este alerta, porém, não significa necessariamente uma condenação dos estudos de gênero e de tudo o que lhes diz respeito. Tais estudos são bastante heterogêneos e não há uma teoria unificadora e abrangente. Em geral, evidenciam o papel da cultura e das estruturas sociais na configuração e na relação entre os gêneros, questionam a subalternidade de um gênero a outro, e, nas últimas décadas, contemplam a realidade de pessoas LGBT. Há pesquisas de neurociência concluindo que o sexo biológico não se reduz à genitália e à anatomia. É o cérebro que define a identidade e a orientação sexual. No caso de pessoas transgênero, o cérebro e a percepção de si não correspondem à genitália e ao restante do corpo. A pessoa se

14 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base nacional comum curricular*. 2017, p. 7 e 41. Disponível em: <basenacionalcomum.mec.gov.br>.

15 “Difesa dei diritti e ideologia”. *L'osservatore romano*, 19 dez. 2008. Disponível em: <tuespetrus.wordpress.com>.

16 FRANCISCO. *Exortação pós-sinodal Amoris Laetitia*. 2016, nº 56. Disponível em: <w2.vatican.va>.

sente homem em um corpo de mulher, ou se sente mulher ou travesti em um corpo de homem. Com relação à orientação sexual, há odores ligados à masculinidade e à feminilidade, os feromônios, que quando inalados são identificados pelo cérebro e influem na percepção e no comportamento. No mundo animal, estes odores são fundamentais na aproximação entre os sexos e no acasalamento. Tomografias especializadas revelam que o cérebro de mulheres homossexuais responde aos feromônios de forma diferente do cérebro de mulheres heterossexuais, e de forma similar ao de homens heterossexuais. Experimentos semelhantes com homens homossexuais chegaram a resultados opostos e simétricos<sup>17</sup>.

Mesmo que haja também fatores psicossociais incidindo nesta realidade, ser LGBT não é escolha e nem opção individualista. São faces da complexa diversidade entre homem e mulher. Não se pode querer que todos os seres humanos vivam como se fossem heterossexuais e cisgêneros. Não se pode ignorar as diversas formas de discriminação e violência que oprimem e devastam tal população. A filósofa Judith Butler tem razão em querer que o medo da marginalização, da patologização e da violência seja radicalmente eliminado; bem como em almejar construir um mundo em que as pessoas possam viver e respirar dentro da sua própria sexualidade e do seu próprio gênero<sup>18</sup>.

Há uma perspectiva cristã de gênero propondo não renunciar à diferença entre homem e mulher e à sua fundamental importância, que tem raiz no sexo anatômico e constitui o arquétipo do qual se origina a humanidade. Que não se pense nos processos sociais e culturais prescindindo inteiramente do componente biológico, da estrutura genética e neuronal do sujeito humano. Todavia, que se evidencie também o papel da cultura e das estruturas sociais, reconhecendo-se o mérito dos estudos de gênero em captar a relevância das vivências pessoais na definição da identidade de gênero e de orientação sexual. Isso contribui para a superação de preconceitos causadores de graves discriminações, que levaram e ainda levam à marginalização de LGBT<sup>19</sup>.

---

17 HERCULANO-HOUZEL, Suzana. “O cérebro homossexual”. *Mente & cérebro*, nº165, 2006, p. 46-51.

18 BUTLER, Judith. “La invención de la palabra” (entrevista). *Página 12*, 8 mai. 2009. Disponível em: <www.pagina12.com.ar>.

19 PIANA, Giannino. “Sexo e gênero: para além da alternativa”. *Boletim eletrônico IHU*, 16 jul. 2014. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br>.

## 54 Caminhos de enfrentamento e superação

A superação de discriminações e marginalização tem eco na pregação e no exemplo do papa Francisco. Ele convoca a Igreja a ir às periferias existenciais, ao encontro dos que sofrem com as diversas formas de injustiças, conflitos e carências, entrar no coração do drama das pessoas, compreender o seu ponto de vista para ajudá-las a viver melhor e reconhecer seu lugar na Igreja<sup>1</sup>. O papa quer que o anúncio do amor salvífico de Deus preceda toda a obrigação moral e religiosa, curando as feridas e fazendo arder o coração, como o dos discípulos de Emaús que se encontraram com o Senhor ressuscitado. Para Francisco, o Evangelho convida antes de tudo a responder a Deus que nos ama e nos salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para buscar o bem de todos<sup>2</sup>.

Os seus gestos públicos também contribuem para abrir novos caminhos. No início de 2015, o Papa recebeu em sua casa a visita do transexual espanhol Diego Neria e de sua companheira Macarena. A história de vida de Diego tornou-se então conhecida, mostrando o preconceito atroz que muitos transexuais sofrem, bem como o seu enfrentamento<sup>3</sup>. Outros encontros semelhantes ocorreram, como a visita a um presídio na Itália em que Francisco teve uma refeição na companhia de presos transexuais em sua mesa. Nos Estados Unidos, ele recebeu na nunciatura apostólica o seu antigo aluno e amigo gay Yayo Grassi, e o companheiro dele. Grassi já tinha apresentado o seu companheiro ao Papa dois anos antes. Este relacionamento nunca foi problema na amizade entre Grassi e Francisco. Tais exemplos valem mais que mil palavras. Se todos os pais e familiares de LGBT seguissem o exemplo do Papa, recebendo-os em suas casas com seus respectivos companheiros, vários problemas desta população seriam resolvidos. Certa vez um jornalista perguntou a Francisco o que ele diria a uma pessoa transgênero, e se ele como pastor e ministro a acompanharia. O Papa respondeu que tem acompanhado pessoas homossexuais e transgênero, lembrando o caso de Diego, e exortou: “as pessoas devem ser acompanhadas como as acompanha Jesus. [...] em cada caso, acolhê-lo, acompanhá-lo, estudá-lo, discernir e integrá-lo. Isto é o que Jesus faria hoje”<sup>4</sup>.

1 *Amoris Laetitia*, n. 312.

2 *Evangelii Gaudium*, n. 39.

3 HERNÁNDEZ, Ana. “El bendito encuentro entre Francisco y Diego”. *Hoy*, 26 jan. 2015. Disponível em: <[www.hoy.es](http://www.hoy.es)>.

4 *Conferência de imprensa do santo padre durante o voo Baku-Roma*. 2 out. 2016. Disponível em: <[w2.vatican.va](http://w2.vatican.va)>.

Para uma sã laicidade do Estado, convém evidenciar do que se trata nas atuais proibições de discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. No Rio de Janeiro, muitos estabelecimentos comerciais têm uma placa, em português e em inglês, dizendo que é proibido este tipo de discriminação, sob forma de constrangimentos ou atendimento diferenciado, conforme a lei municipal. Em São Paulo, uma lei estadual determina a punição de toda manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra cidadão homossexual, bissexual ou transgênero. Uma resolução do governo federal regulamenta a inclusão dos itens “orientação sexual”, “identidade de gênero” e “nome social” nos boletins de ocorrência emitidos pelas autoridades policiais no Brasil. E se considera nome social aquele pelo qual travestis e transexuais se identificam e são identificados pela sociedade. A razão desta resolução é a necessidade de dar visibilidade aos crimes violentos cometidos contra a população LGBT<sup>5</sup>, e assim favorecer ações e políticas públicas para o seu devido enfrentamento.

Portanto, tal legislação não é um instrumento de pressão contra o direito das igrejas de ensinarem sobre sexualidade, matrimônio e família, mas é uma maneira de defender pessoas que não raramente são humilhadas, hostilizadas e até massacradas. Não cabe aqui a acusação de ideologia de gênero. Não há cidadania e nem sã laicidade sem proteção das pessoas, sobretudo as mais vulneráveis, sem liberdade religiosa e de consciência, e sem convivência com a legítima diversidade em um mundo plural. Só assim os LGBT poderão viver e respirar em seu próprio gênero e sexualidade. Só assim poderão também conhecer o jugo leve e o fardo suave oferecidos por Jesus.

## Aos pais de LGBT

A situação dos pais de LGBT é muito peculiar e delicada. A grande maioria deles sonhou com filhos cisgêneros e heterossexuais, que se casariam com pessoas do sexo oposto e assim lhes dariam netos. Quando esta expectativa não se concretiza, muitas vezes ficam consternados. É algo semelhante ao luto. O filho ou a filha que eles sonharam não existe mais. Conviver com esta dura realidade exige paciência e abertura. É preciso exortá-los que os filhos, quaisquer que sejam, são sempre um presente de Deus criador aos pais e à humanidade, assim como a vida de qualquer ser humano. E os pais são para eles um instrumento da Providência divina para que tenham vida, afeto, educação e valores.

5 PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. Resolução nº 11, de 18 dez. 2014. *Diário oficial da união*, 12 mar. 2015, p. 2. Disponível: <[www.lex.com.br](http://www.lex.com.br)>.

Ter filhos LGBT os remete à complexa realidade da diversidade sexual e de gênero. Ao longo da história e em diferentes culturas, esta questão foi tratada de vários modos. A sociedade e as famílias estão em busca da maneira mais razoável de se lidar com isto; a Igreja Católica, que é parte da sociedade, também. Nenhum ser humano é um mero transgênero ou cisgênero, homossexual ou heterossexual, mas é antes de tudo criatura de Deus e destinatário de Sua graça, que o torna filho Seu e herdeiro da vida eterna.

Há mudanças importantes acontecendo na Igreja. Há vinte anos, os bispos católicos norte-americanos escreveram uma bela carta pastoral aos pais dos homossexuais, com um título profético: Sempre Nossos Filhos (*Always our children*). Eles asseveram que Deus não ama menos uma pessoa por ela ser gay ou lésbica. A Aids não é castigo divino. Deus é muito mais poderoso, mais compassivo e, se for preciso, mais capaz de perdoar do que qualquer pessoa neste mundo. Os bispos exortam os pais a amarem a si mesmos e a não se culparem pela orientação sexual dos filhos, nem por suas escolhas. Os pais não são obrigados a encaminhar seus filhos a terapias de reversão. Os pais são encorajados, sim, a lhes demonstrar amor incondicional. E, dependendo da situação dos filhos, o apoio da família é ainda mais necessário<sup>6</sup>. Tudo isto vale também para pais de bissexuais, travestis e transexuais.

Filmes e vídeos também podem ajudar pais de LGBT. Um deles é bem emblemático e muito recomendável: Orações Para Bobby<sup>7</sup>, lançado na TV norte-americana em 2009. O filme narra a história real de Mary Griffith (interpretada pela atriz Sigourney Weaver), uma mãe presbiteriana arrependida de tentar curar o filho homossexual que se matou depois de não aguentar tamanho assédio moral. A história se passa nos anos 1980 em Walnut Creek, Califórnia, próxima a São Francisco. Em 27 de agosto de 1983, Bobby Griffith tirou sua vida ao pular de um viaduto sobre uma autoestrada, aos 20 anos de idade, em Portland, Oregon, para onde se mudou.

Por quase quatro anos, ele sofreu uma dura pressão de sua família para deixar sua homossexualidade. Sua mãe, religiosa fervorosa, não admitia a homossexualidade do filho, que considerava doença e abominação, e contra qual usava a Bíblia para respaldar suas convicções. Bobby tinha um diário, registrando questionamentos a Deus e frases de auto rejeição baseados nos ensinamentos que recebeu. Estes revelam claramente como sua religiosidade, em uma igreja que o condenava ao inferno, e a falta de apoio da família foram cruciais em sua decisão de acabar com a própria vida.

6 *Always our children*. Disponível: <[www.usccb.org](http://www.usccb.org)>. Resumo em: LIMA, *ibidem*, p. 488.

7 Disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com), em versão legendada e em versão dublada.

Em entrevista posterior, a mãe de Bobby afirmou que o irmão só lhe contou que Bobby era gay depois que ele tentou se matar, e que ele já sabia do fato há mais de 2 anos. Ela só percebeu que o filho não escolheu ser gay quando ele morreu, e depois de pesquisar sobre homossexualidade, algo que lamenta não ter feito antes. Mary tornou-se militante em uma associação de familiares e amigos de gays e lésbicas. Aos pais, ela dá um recado: “Eu falei com muitos pais nesses anos. E eu acho que eu só poderia lhes dizer que ouçam seus filhos e não tentem fazer prevalecer suas opiniões sobre as deles”<sup>8</sup>.

Os pais de Bobby ainda vivem em Walnut Creek. Oito meses após a morte de seu filho, Mary deu um depoimento na reunião do conselho municipal, onde se votava a instituição de um dia para celebrar a liberdade gay. Este depoimento foi transformado em um dos momentos mais comoventes do filme:

Homossexualidade é um pecado. Homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno. Se quisessem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo, se eles ao menos tentassem e tentassem de novo em caso de falha”. Isso foi o que eu disse ao meu filho Bobby, quando descobri que ele era gay.

Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo caiu. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença. Há oito meses, meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. Percebo que tudo o que me ensinaram e me disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse pesquisado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração para mim... eu não estaria aqui hoje, com vocês, plenamente arrependida.

Eu acredito que Deus foi presenteado com o espírito gentil e amável do Bobby. Perante Deus, gentileza e amor é tudo. Eu não sabia que, cada vez que eu repetia a condenação eterna aos gays... cada vez que eu me referia a Bobby como doente, pervertido e perigoso às nossas crianças... sua autoestima e seu valor próprio estavam sendo destruídos. E finalmente seu espírito se arruinou além de qualquer conserto. Não era desejo de Deus que Bobby se debruçasse sobre o corrimão de um viaduto, e pulasse bem em frente a um caminhão de dezoito rodas que o matou instantaneamente. A morte de Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra “gay”.

Ele queria ser escritor. Suas esperanças e seus sonhos não deveriam ser arrancados dele, mas foram. Há crianças como Bobby presentes em suas reuniões. Sem que vocês saibam, elas estarão ouvindo quando vocês dizem “amém”. E isso logo silenciará as preces delas. Preces para Deus por entendimento, aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio, medo e ignorância sobre a palavra “gay” silenciarão essas preces. Então... antes de dizer “amém” em sua casa e lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se: uma criança está ouvindo.

8 “A história real por trás de Orações Para Bobby”. *Lado A*, 15 out. 2012. Disponível em: <revistaladoa.com.br>.

## 58 Considerações finais

Certa vez, o Papa deu um conselho precioso: “é melhor ficar longe dos sacerdotes rígidos, eles mordem”<sup>9</sup>. E não são só sacerdotes rígidos que causam dano a tantas pessoas, mas também movimentos religiosos e fiéis rigoristas. É preciso que os LGBT sejam protegidos de discursos tóxicos e práticas nocivas, como exorcismos ou orações de “cura e libertação”. Colégios, paróquias, movimentos, pastorais e obras sociais devem ser ambientes acolhedores e não hostis.

A Palavra de Deus, tirada de contexto e lida em perspectiva rigorista, torna-se palavra de morte, um instrumento diabólico. Daí vêm as “balas bíblicas” disparadas impiedosamente contra homossexuais e transgêneros. O mesmo acontece com o ensinamento da Igreja. Esta Campanha da Fraternidade que visa superar a violência, é uma chance extraordinária de se fazer o bem, revendo-se conceitos e práticas a respeito de homossexuais e transgêneros. Ao considerar todas as pessoas que nós conhecemos, sobretudo as mais vulneráveis, não deve haver dúvida: as nossas palavras podem salvar vidas. Ou podem arruiná-las. Oxalá elas salvem. Amém.

### Questões para reflexão

1. Conheço pessoas LGBT em situação vulnerável, expostas a violência física ou verbal, deboche ou outras situações humilhantes? Como posso ajudá-las?
2. Como a paróquia, a escola, o movimento ou a obra social em que eu trabalho acolhe estas pessoas?
3. Como os pais de LGBT que eu conheço lidam com estes filhos? Precisam de ajuda?

9 *Discurso do papa Francisco aos participantes no congresso promovido pela Congregação para o Clero*. Roma, 20 nov. 2015. Disponível em: <w2.vatican.va>.

## O SIGNIFICADO DA VIDA CONTEMPLATIVA HOJE

IRMÃ MARTA<sup>1</sup>

É sempre desafiadora a passagem do Evangelho do servo inútil (Lc 17, 7-10: como seres humanos, herdeiros da fraqueza dos nossos primeiros pais – “se-reis como Deus” (cf. Gn 3,5) – estamos, comumente, afetados pela tentação de sermos notados, valorizados, por aquilo que fazemos e somos. Até Rubem Braga, de certa forma, se surpreendeu em sua “*insignificância*” ao constatar que o humilde padeiro – tão dedicado quanto ele – a cada manhã, ao bater às portas das casas, levando precioso o fruto do seu trabalho noturno, se apresentava apenas como “ninguém”: “*não é ninguém. É o padeiro*”.

Interroguei-o uma vez: como tivera a idéia de gritar aquilo? ‘Então você não é ninguém?’ Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: ‘não é ninguém, não senhora, é o padeiro’. Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”<sup>2</sup>

---

1 Quanto ao meu “currículo”, não existe quase nada a dizer, pois entrei no Mosteiro com 18 anos e por isso, só concluí o Magistério. Sou formadora na comunidade. E-mail: [mspaulodacruz@yahoo.com.br](mailto:mspaulodacruz@yahoo.com.br).

O endereço do nosso Mosteiro é: Mosteiro São Paulo da Cruz. Caixa Postal 607 13560-970 São Carlos - SP

2 Para gostar de ler, Vol I - Crônicas

[http://www.aridesa.com.br/servicos/click\\_professor/aline\\_duarte/notas\\_de\\_aula/padeiro.pdf](http://www.aridesa.com.br/servicos/click_professor/aline_duarte/notas_de_aula/padeiro.pdf)

Em plena era tecnológica de imensas conquistas, mas também de muitos contrastes, em nossa sociedade, muitas vezes só se tem valor quem produz, quem gasta, quem está “ligado” (*on line*). Os monges e monjas habitualmente não frequentam os *shopping centers*, procuram estar na solidão (*off line*) e, aos olhos de muitos, não fazem nada.

Que significado teria, portanto, hoje a Vida Contemplativa? É ainda válido, mesmo na esfera eclesial, que existam pessoas inteiramente dedicadas à contemplação?

## Um ser em busca do Mistério

Estive presente no 1º Encontro dos Contemplativos e Contemplativas do Brasil em Aparecida, no ano de 2012. Em meio a tantas constatações, percebeu-se a necessidade da vida Monástica se tornar mais visível, se tornar “notícia”, em vista de um reflorescer vocacional. Mas, quase paradoxalmente, percebíamos o quanto isto estava distante do nosso ser contemplativo, uma vez que escolhemos, ou melhor, fomos escolhidos por Deus para sermos homens e mulheres do deserto.

Na verdade, o que é um monge, uma monja, senão alguém envolvido por uma mística atração pelo Invisível, o Inefável, o Insondável? Nascermos nos Padres e Madres do deserto, como Antão, Arsênio, Maria Egípcia... que, abandonando a sociedade de então, abandonando a visibilidade, encontraram morada na solidão, na busca fascinante de Deus. Sua opção radical acordou a Igreja, gerou profecia, anunciou o Reino, testemunhou o essencial.

De qualquer forma, a vocação do monge, da monja, é simplesmente e só buscar a Deus. As outras coisas... se vierem a acontecer não deveriam inquietar o coração do Contemplativo, da Contemplativa, pois o seu olhar não pode se desviar do foco da sua ardente procura.

Thomas Merton assim já constatava:

Numa cultura materialista, o Monge se torna incompreensível, porque ele “não produz nada”. Sua vida parece ser completamente inútil; nem mesmo os cristãos têm sido isentos dessa ansiedade por causa da aparente “inutilidade” do monge. Estamos acostumados com o argumento de que o mosteiro é uma espécie de dínamo que, embora não “produza” a graça, consegue esse bem-estar espiritual infinitamente precioso para o mundo. Os primeiros Pais do monaquismo não se preocupavam com tais argumentos, se bem que possam ter valor quando bem aplicados. Eles não sentiam que a procura de Deus fosse algo que necessitasse ser defendido. Ou, antes, viam que se os homens não tivessem, em primeiro lugar,

consciência de que Deus deve ser procurado, nenhuma outra defesa do monaquismo adiantaria.<sup>3</sup>

Talvez, tanta “inutilidade” do monge, da monja, inquiete a sociedade e até a Igreja, mas por vocação e paixão, a essência do ser contemplativo não pode ser outra.

## Ora et Labora

Mas o monge e a monja só rezam?

A história é testemunha dos inúmeros e louváveis feitos dos monges e monjas ao longo dos séculos. Eles foram os guardiões e cuidadores zelosos da cultura da Idade Média. A eles se atribuem a formação da Europa: o que não pensar daqueles monges cultivando as terras, derrubando matas, fundando cidades, etc.? Foram eles que reconstruíram o continente devastado pelas invasões bárbaras. O que não pensar da obra de São Columbano e seus discípulos que, estabelecidos o mais das vezes em regiões pantanosas ou florestais, as transformavam em centros ativos de desbravamento, colonização e reconquista cristã? Do mesmo modo, os grandes feitos dos santos monges Beneditinos: Gregório Magno, Agostinho de Cantuária, Beda, Egberto, Bonifácio e tantos outros? Também a obra pacificadora de São Bernardo de Claraval na Igreja e na sociedade do século XII?

Os monges e os mosteiros tiveram um papel determinante na evangelização dos bárbaros na Idade Média. Cada mosteiro, com sua escola monástica, tornava-se um centro de vida religiosa e educacional. Ensinavam metalurgia, agricultura, introduziam novas culturas, foram pioneiros na tecnologia, realizavam descobertas científicas, aperfeiçoavam a paisagem europeia, socorriam os andarilhos e cuidavam dos naufragos. Os monges também preservaram a literatura, estudaram música e os escritos dos historiadores e filósofos.<sup>4</sup>

Lembre-mos de Santa Hildegarda de Bingen médica, musicista, moralista política cujos livros de medicina com receitas extraídas da natureza são editados ainda hoje; de Gregor Mendel, Monge Agostiniano, pai da Genética; de Paolo Boccone, botânico de Cister, que contribuiu para os campos da medicina e toxicologia; de Guido de Arezzo, monge italiano, “criador” das notas musicais... isto para citar apenas alguns nomes.

Aos monges e monjas se devem a conservação da cultura na exigente e dedicada cópia dos livros. Ainda muito distante da criação da imprensa,

3 Vida Silenciosa, Prólogo

4 <http://cleofas.com.br/os-monges-e-os-mosteiros/>

nesta exigente arte, contando apenas com rústicos pergaminhos, tinteiros e penas eles salvaram a civilização do caos.

Os mosteiros foram também os embriões das primeiras universidades que surgiram: o que não pensar da obra educacional de Alcuíno, monge anglo-saxão beneditino?

Hoje, com o progresso levado adiante pelo mundo secularizado, toda esta projeção cultural dos Mosteiros talvez se tenha anuviado, da mesma forma que o papel dos religiosos na condução de escolas, hospitais, obras assistenciais. Não fazem, pois, parte da essência do ser religioso. O diferencial do ser cristão, do ser consagrado, está no fazer tudo para a glória de Deus: *“quer comais, quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus”* (ICor 10,31). Não somos os melhores músicos, os melhores escritores, os melhores padeiros, as melhores bordadeiras, os melhores apicultores, os melhores restauradores... talvez, nem mesmo os melhores orantes. Ainda bem que, fora dos nossos mosteiros, existam muitos profissionais melhores que nós!

Mas em tudo o que o monge e a monja faz está o selo da sua pertença exclusiva a Deus: seja no varrer, no cultivar a horta e o jardim, no cozinhar, o contemplativo olha para o Senhor que o sonda através da cortina, das grades: *“Ei-lo: pára atrás de nosso muro, olha pela janela, espia pelas grades”* (Ct 2,9). É até engraçada a história do grande Thomas Merton que passou uma manhã inteira apenas para distribuir três bolinhos no lugar de cada um dos mais de 200 monges da sua comunidade!

Nosso fundador, São Paulo da Cruz, dizia que deveríamos trabalhar *“como aqueles santos monges antigos e Santos Padres, os quais trabalhavam com as mãos e com a mente e com o coração estavam elevados em Deus”*<sup>5</sup>. O trabalho é, portanto, esta terapia onde o contemplativo, diversificando o seu modo de rezar, faz das obras outro meio para estar unido a Deus e aos irmãos. Desenvolve e até descobre os seus dons, partilha e comunga a luta dos trabalhadores, transforma em obras o seu amor pela comunidade, pela Igreja, dá a sua participação na grande hóstia que o mundo eleva a Deus, em Cristo.<sup>6</sup>

Que obras os Padres e Madres do deserto fizeram para serem tão importantes para as pessoas do seu tempo e pelos séculos afora? Faziam cestos num dia, e no outro os desmanchavam!!! Isto mostra que a grandeza do monge e da monja não está nas suas obras, mas em Deus a quem buscam.

5 Regras e Constituições das Monjas Passionistas.

6 "Desde as mãos que amassam a farinha até as que consagram o pão, a grande hóstia universal somente deveria ser preparada e manipulada com adoração" (Teilhard de Chardin, Meio Divino).

Sua obra maior é a sua própria busca, que lembra aos homens e mulheres de todas as épocas, que Deus é, na verdade, a sua busca mais profunda, a única busca que subsiste e se esconde em todas as suas buscas mais intensas: *“Fizestes-nos para Vós, ó Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em Vós”* (Santo Agostinho).

## Fizestes-nos para Vós, fizestes-nos para a contemplação

Jesus mesmo revelou que o Pai trabalha sempre<sup>1</sup>. Mas à medida que trabalha, Ele também contempla<sup>2</sup>. E quanto ao homem, obra feita pelas suas próprias mãos artesanais (cf. Gn 2,7), Ele não se contenta e até se inclina para contemplar: *“Dos altos céus o Senhor olha e observa; ele se inclina para olhar todos os homens”* (Sl 32,13).

É esta harmonia da contemplação o habitat natural do ser humano. Antes do pecado, quando era plenamente o que deveria ser, o homem e a mulher passeavam com Deus e ambos, o Criador e a criatura, se contemplavam mutuamente. O homem e a mulher não se escondiam e se deixavam ver por Deus que olhava e se regozijava com a obra de suas mãos. Eles, por sua vez, só eram capazes de contemplar o lado bom de todas as coisas: não tinham comido da árvore do conhecimento do bem e do mal, e assim, não conheciam na “própria pele” o mal. Tudo era harmonia nos relacionamentos: com Deus, entre homem e mulher, entre o ser humano e as outras criaturas.

Pela contemplação, hoje também, o homem e a mulher são chamados a reencontrar a harmonia. Até mesmo longe da esfera do sagrado ou do católico cristão vem se fortalecendo a proposta da meditação como terapia. E como nossa sociedade, um tanto louca e esquizofrênica, precisa deste espaço e situação de silêncio, de encontro consigo mesmo, de discernimento e avaliação, de escuta mais profunda das situações da vida! O Papa na “Laudato Si” lembra aos homens e mulheres do nosso tempo a necessidade da contemplação como fator indispensável para um reequilíbrio holístico:

Ninguém pode amadurecer numa sobriedade feliz, se não estiver em paz consigo mesmo. E parte duma adequada compreensão da espiritualidade consiste em alargar a nossa compreensão da paz, que é muito mais do que a ausência de guerra. A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, reflete-se num equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da

1 Jo 5,19): "O meu Pai até agora está trabalhando, e eu também estou trabalhando".

2 Gn 1, 4.10.12.18.21.31: “Deus viu tudo o que havia feito. Eis que era muito bom”.

vida. A natureza está cheia de palavras de amor; mas, como poderemos ouvi-las no meio do ruído constante, da distração permanente e ansiosa, ou do culto da notoriedade? Muitas pessoas experimentam um desequilíbrio profundo, que as impele a fazer as coisas a toda a velocidade para se sentirem ocupadas, numa pressa constante que, por sua vez, as leva a atropelar tudo o que têm ao seu redor. Isto tem incidência no modo como se trata o ambiente. Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença «não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada».<sup>3</sup>

## Contemplação: vocação última do ser humano

Mas se a vida contemplativa recorda ao ser humano a sua vocação primeira, elemento essencial do seu “Ontos”, a Igreja sempre a “cantou” como sinal da vocação futura de todos:

A presença de comunidades colocadas como cidades no cimo do monte e candeias sobre o candelabro (cf. Mt 5, 14-15), mesmo na sua simplicidade de vida, representam visivelmente a meta para onde caminha a comunidade eclesial inteira, que «avança pelas estradas do tempo com o olhar fixo na futura recapitulação de tudo em Cristo», preanunciando assim a glória celeste.<sup>4</sup>

Nos nossos dias, em meio à uma sociedade materialista e hedonista, o falar em céu ou inferno não possui mais o peso das pregações de outrora. O imediatismo do ser feliz, aqui e agora e a qualquer custo, torna inócuo um olhar transcendente rumo ao futuro, nossa meta final.

Mas algo intrínseco ao ser humano é o desejo de viver para sempre. Distraído e iludido entre os brilhos do passageiro, diante do sofrimento e a morte, o homem e a mulher se negam a aceitar o fim. Distanciando do cristianismo, não é por menos que hoje cresce assustadoramente a busca por livros espíritas...

Certamente, neste nosso tempo, vidas empenhadas em começar na terra o louvor a Deus que se viverá eternamente no céu, não significam nada para a sociedade. Mas se a fé é a posse de realidades que não se vêem (cf. Hb 11,1), os contemplativos e contemplativas com sua existência moldada por uma busca incessante do eterno, revelam aos seus contemporâneos a transitoriedade de todas as coisas. Uma ilusão é incapaz de sustentar uma vida inteira que se esvazia constantemente em busca do essencial! A fé, para além de virtude e empenho pessoal, é dom daquEle que se revela no Mistério: um

3 Laudato Si, 225

4 Vultum Dei Quaerere, 2. Ver também Verbi Sponsa, 4; Venite Seorsum V.

ção só permanece em sua busca porque sentiu o faro da presa. A alegria e o dinamismo que permeiam o “vazio” de nossos claustros revela, na simplicidade das nossas vidas, que Deus existe e é **fascinante**: é invisível, mas real, “tocável” numa realidade mística em que o insondável, nos sonda pelas grades do sensível. A nossa esperança está cheia de imortalidade!<sup>5</sup> Mas tudo na simplicidade da fé, pois o que for a mais, é digno de um bife, como lembrou o Papa Francisco às contemplativas em Assis <sup>6</sup>.

A fé para quem não a tem é loucura, irracionalidade. Em meio a uma sociedade e cultura existencialista, materialista e hedonista apostar tanto na vida eterna pode soar como “ópio”, desperdício e paranóia. Mas na fé confessamos com Dostoievski:

Creio que não existe nada de mais belo, de mais profundo, de mais simpático, de mais viril e de mais perfeito do que o Cristo; e eu o digo a mim mesmo, com um amor cioso, que não existe e não pode existir. Mais do que isto: se alguém me provar que o Cristo está fora da verdade e que esta não se acha n'Ele, prefiro ficar com o Cristo a ficar com a verdade.<sup>7</sup>

Apostar na esperança é livrar-se do cinismo do caos.

## Contemplação e Revolução

Mas seria a contemplação tão inútil assim aos olhos do mundo?

Hoje se fala tanto em marketing: para se lançar um novo produto faz-se inúmeras pesquisas, estudos para saber o que agrada as pessoas, o que se tem necessidade, etc. Tanta aplicação remonta: ver, escutar, discernir, analisar com profundidade – características bem próprias de um contemplativo. A diferença é que o contemplativo não vê, ouve e sente com os olhos do mercado, mas com os olhos de Deus. Ele procura ver os sinais da Sua presença divina em tudo, principalmente nos acontecimentos da história.

Arrisco-me a dizer que, cada revolucionário tem algo de místico, pois só isto justifica a capacidade de atrair companheiros à sua volta: místico é como coelho!! Infelizmente, manchadas pelo pecado humano que tudo estraga, grandes revoluções iniciadas por pessoas de visão, capazes de sonhar com um mundo melhor, não chegaram a parir o algo novo que o seu olhar concebeu. Cristo, com o anúncio do Reino em palavras, atos e o seu pró-

5 Cf. Sb 3,4

6 "E este é o vosso caminho: não demasiado espiritual! Quando as religiosas são demasiado espirituais... Penso na fundadora dos mosteiros da vossa concorrência, por exemplo, Santa Teresa. Quando uma irmã ia ter com ela, oh, com coisas (demasiado espirituais), dizia à cozinheira: «Dá-lhe um bife!»" Assis, 4 de outubro de 2013.

7 Credo redigido por Dostoievski à baronesa Von Wazine.

prio Ser, também espera que nós cristãos, livremos o seu anúncio de toda sombra de pecado, para que a libertação integral aconteça: “*Eu vim para que todos tenham vida*” (Jo 10,10).

Mas, nossos fundadores não foram também homens e mulheres de profunda contemplação que fez deles semeadores de uma nova esperança, “revolucionários” ativos do Reino de Deus? O que não pensar de um Santo Antão, São Bento, São Francisco, São Domingos, Sto. Inácio de Loyola, São Vicente de Paulo, Santa Teresa de Jesus, Charles de Foucauld, Léon Dehon, Dom Bosco, Teresa de Calcutá? Isto só para falar dos mais conhecidos. Cada fundador e fundadora, na intimidade da sua experiência mística, fecundam com o Espírito Santo um gérmen novo para transformar, revolucionar o mundo com o amor.

A contemplação é, então, o ventre fecundo da concepção das transformações que o nosso mundo precisa. Contemplar o projeto de Deus de vida plena para todos, mas simultaneamente contemplar o mundo, a carne de Cristo que sofre nos empobrecidos, nos famintos, nos toxicodependentes, nas mulheres e crianças exploradas, etc.; ouvir a terra que geme em dores de agonia... Contemplar o futuro, o presente, mas também o passado, a história, para aprender as lições da vida, aprender dos próprios erros. Contemplar, meditar, ruminar – palavra tão própria dos orantes – para engendrar o novo.

## Ruminar: vocação de gado?

“Eh, ôô, vida de gado: Povo marcado, ê, Povo feliz” (Zé Ramalho).

A expressão vida de gado se tornou metáfora para indicar um povo que caminha em massa sem discernimento, à vontade opressora de quem a conduz. Mas bem que poderíamos dar um sentido diferente à música de Zé Ramalho.

Numa sociedade superficial, devoradora de informações, a atitude de ruminar tem muito a nos ensinar. Ruminar, metaforicamente é: raciocinar, discurrir, cuidar, cogitar, cismar, considerar, ponderar, pensar, meditar, matutar, refletir.

A contemplação, portanto, no campo da espiritualidade se aproxima desta atitude de rever, recordar, saborear novamente para perceber os sinais da presença ou ausência do Reino de Deus na vida e na história. Ruminar, justamente para não se tornar “mulas encabeçadas” por ideologias que querem eliminar o plano de plena salvação de Deus para o mundo. Sem isto vamos perdendo a nossa identidade, tornando-nos o que a mídia pensa e expressa.

“O ser humano se torna aquilo que come”<sup>8</sup>. Isto vale para a Eucaristia, mas também, infelizmente, para as ideologias. O ruminar as informações antes de ingeri-las nos permite assimilar com critério só o que contribui para a vida.

Mas não é de hoje que os irracionais nos ensinam sabedoria. A mula de Balão vê o invisível e faz do próprio dono “um homem de olhar penetrante, que cai em êxtase e seus olhos se abrem” para ver a presença de Deus no meio do povo; um contemplativo capaz de abençoar, com os olhos que vêem com benevolência (cf. Nm 22-24).

## Um olhar de bênção e misericórdia

*“Vede que injúrias, que sofrimentos padece por nós o Salvador, esmagado sob o peso da Cruz! Contemplai como sofre por nosso amor o Filho de Deus, o Redentor do mundo.” (S. Paulo da Cruz).*

Mas seria o contemplativo um ser elevado em seu camarote-mosteiro que vive no ópio da contemplação apenas das realidades boas, bonitas e agradáveis aos olhos e à consciência? Se assim for, o contemplativo é um E.T. (extra terrestre) e um E.C. (extra celeste): não serve nem para a terra, nem para o céu. Os claustros dos nossos Mosteiros, na fidelidade da sua vocação, estão longe de ser grades e muros de condomínio que afastam as pessoas do contato com a miséria humana. Querem, ao contrário, ser janelas e torres que permitem olhar longe num olhar compassivo, que abraça a terra inteira na profundidade das suas “dores, alegrias e esperanças” (cf. GS 1).<sup>9</sup>

Certamente o mundo questiona a nossa inutilidade, porque “olhamos e não fazemos nada...”. Santa Teresinha, uma das mentes mais brilhantes em suas imagens, se percebia como um pequeno pássaro impotente para voar como as águias, mas que, no entanto, delas possuía os grandes olhos. Pequeno, inútil ou não, o contemplativo tem olhos de águia para olhar fundo para o mundo, para as pessoas, principalmente em sua dor; e, ao mesmo tempo, olhar fundo para o Senhor e implorar misericórdia para si e seus irmãos:

*“Nossos olhos estão fitos no Senhor, até que Ele tenha pena de seus servos” (Sl 122).*

*“Tu me arrebataste o coração, minha irmã e minha noiva,  
com um só dos teus olhares” (Ct 4,9).*

8 Ludwig Feuerbach (1804 - 1872) filósofo alemão e Alexandre Schmemmann (1921-1983) teólogo ortodoxo.

9 Gaudiun et Spes, 1: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”.

É este olhar compassivo para com a humanidade de Cristo que sofre nos que sofrem, que transforma o contemplativo em um orante-intercessor, mais humano, mais sensível e, até mesmo, mais maduro.

*“Há lágrimas para consolar no rosto de Deus, quando chora pela miséria dos seus filhos” (Etty Hillesum).*

As estórias da nossa infância trazem na sua candura, lições de vida que não se esquece. Lembro-me daquela da garrinchinha, pequeno pássaro, toda agitada em seus ideais: *“Não sei o que é que eu faço para derrubar a igreja no chão” (era assim que meu avô entendia o seu canto).* O tiú preguiçoso, que só queria dormir, quebrou um pedaço de pau no ouvido para não escutar o seu canto, e por isso ficou surdo para sempre.

Contemplar para gerar consciência, gerar indignação, gerar profecia, gerar intercessão-compassiva, e até mesmo o dom das lágrimas de quem chora com quem chora. Contemplar para não ficar surdo e cego aos irmãos que sofrem:

*“Existe algo mais poderoso do que os argumentos, os sinais ou até a oração. São as lágrimas, e as lágrimas serão ouvidas como nenhuma outra coisa.”<sup>10</sup>*

Parafraseando Dom Hélder, para que nos tornemos orantes melhores é preciso que Lázaro entre em nossa oração também, provoque desconcerto, inquietação, incomode nossa consciência, lembre-nos do Cristo crucificado nos que sofrem.

Pelo Amor que tenho aos ricos – a quem não devo julgar a quem não posso julgar e que custaram o sangue de Cristo – eu te peço, Lázaro, não fiques nas escadas e não te deixes enxotar...

Irrompe banquete adentro. Vai provocar náuseas nos saciados convivas. Vai levar-lhes a face desfigurada de Cristo de que tanto precisam sem saber e sem crer...<sup>11</sup>

## Conclusão

Como monja contemplativa, todo este artigo pode soar como apologia em defesa da própria classe. Não podemos negar que a inquietação do mundo e principalmente da Igreja por causa da inutilidade dos Monges e Monjas não nos é indiferente. Mas não deveria ser.

10 Maria Clara Bingemer, Conferência Il Dio che piange. Il dolore, la sofferenza, Il lamento delle donne e l amorosa solidarietà di Dio, Roma 2017.

11 Dom Helder, “Mil razões para viver”.

Somos contemplativos e isto é a nossa essência: as outras coisas vêm por acréscimo. O desaparecer no anonimato da solidão claustral não é risco de profissão, mas parte integrante do nosso caminho vocacional. Como participante da condição humana, marcado também pelo desejo de “ser”, o seguimento de Cristo feito pelo contemplativo, o mergulha na Kénosis do Mestre, para, no esvaziamento de tudo, torná-lo mais livre, feliz e confiante.

A humildade desapega o monge daquela absorção em si mesmo que o faz esquecer-se da realidade de Deus. Desapega-o daquela fixação em sua própria vontade que o faz ignorar e desobedecer à vontade eterna de Deus, única realidade a ser encontrada. Destroí aos poucos o edifício de projetos ilusórios que o monge levantou entre si mesmo e a realidade. Despe-o da veste dos ideais espúrios que ele teceu para disfarçar e embelezar seu ser imaginário. Encontra-o, e o salva, no meio de um conflito sem fim com o resto do universo – salva-o, nesse conflito, por um salutar ‘desespero’ em que renuncia, enfim, à luta inútil, para fazer-se um ‘deus’. Quando atinge esta renúncia final, mergulha através do centro da sua humildade para achar-se, enfim, no Deus vivo.<sup>12</sup>

O “famoso” matrimônio espiritual, cume da vida mística, não é outra coisa que chegar ao “*já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*” (Gl 2,20). E este “desaparecer” é apenas uma fase do itinerário do esconder a própria vida com Cristo em Deus (cf. Cl 3,3).

Era uma vez um boneco de sal. Após peregrinar por terras candentes e áridas, chegou a descobrir o mar que jamais vira e por isso não podia compreender. Perguntou o boneco de sal: ‘Quem és tu?’ – ‘Eu sou o mar!’ Tornou o boneco de sal: ‘Mas que é o mar?’ O mar respondeu: ‘Sou eu!’ ‘Não entendo’ – disse o boneco de sal. ‘Como poderia compreender-te, porque gostaria muito?’ O mar respondeu: ‘Toca-me!’ Então o boneco de sal, timidamente, tocou o mar com as pontas dos dedos do pé. Percebeu que aquilo começou a ser compreensível. Mas logo deu-se conta: ‘Vê só: desapareceram as pontas de meus pés?! Que me fizeste, ó mar?’ O mar responde: ‘Tu deste alguma coisa para que pudesses me compreender.’ E o boneco de sal começou a entrar lentamente no mar, solene e devagar, como quem vai fazer o ato mais importante de sua vida. Na medida em que entrava, ia se diluindo. E nesta mesma medida tinha a impressão de conhecer mais e mais o que é o mar. O boneco ia repetindo de si para consigo mesmo a pergunta: ‘Que é o mar?’ Até que uma onda tragou totalmente o boneco de sal. E ele pôde ainda dizer, no momento de ser diluído pelo mar: ‘Sou eu!’<sup>13</sup>

Só a Deus todo louvor, toda honra, toda glória, desde agora e para sempre!

12 Thomas Merton, A vida Silenciosa

13 Leonardo Boff, Vida segundo o Espírito.

### Questões para refletir

1. Como discípulo- missionário qual espaço reservo em minha vida para a escuta do Mestre em oração?
2. A minha oração-contemplação é fator de transformação pessoal e, através de mim, do meu ambiente?
3. Minha oração é espaço de discernimento para reavaliar à luz do Evangelho, as informações recebidas do externo?
4. Como estabelecer um equilíbrio entre contemplação-oração e uso das novas mídias?

# VIDA COMUNITÁRIA, ATO DE MISERICÓRDIA!

RAFAEL LOPEZ VILLASEÑOR<sup>1</sup>

A misericórdia é um ato essencial da vida comunitária! Cada vez mais é necessária a maturidade para saber viver em comunidade. Entretanto, a comunidade é a fusão de sentimentos e pensamentos, de tradição e compromisso, de adesão e aspiração. Pode expressar simbolicamente, localidade, religião, nação, raça, idade, ocupação, ou cruzada. Seu arquétipo, tanto historicamente e simbolicamente, é a família, e em quase todo tipo de verdadeira comunidade a nomenclatura da família é importante.

Este texto aborda em um primeiro momento o sentido tradicional de comunidade como lugar de proximidade, localidade, sentimentos, relações, entre outros aspectos. Em um segundo momento analisa o esvaziamento do sentido de comunidade na sociedade atual, tudo é comunidade, mas nada é comunitário! Essa realidade também é transferida e cria suas implicações concretas para com a Vida Religiosa Consagrada que deve ser cada vez mais o lugar de misericórdia e de perdão.

## 1. Comunidade no sentido tradicional

A palavra “comunidade” pode ser usada para descrever vários tipos de grupos. Mesmo considerando o amplo leque de aplicações, a definição do termo tem passado, sobretudo, pela dimensão subjetiva. Ao tentar definir

---

1 Missionário Xaveriano, membro da Equipe Interdisciplinar da CRB. Tem doutorado em Ciências Sociais com concentração em Antropologia pela PUC-SP. E-mail: rafamx65@gmail.com.

o termo “comunidade”, pode-se enfocar, inicialmente, a questão da territorialidade e pode, também, associar o termo a um dos elementos que perpassam o viver comum, ou seja, ao sentimento de pertencimento; o sentimento coletivo de nós.

Para a Sociologia clássica a concepção de comunidade destaca as relações de proximidade de território, relações de vizinhança e o sentimento de pertencimento a determinada coletividade. Essa noção de comunidade vem sendo ressignificada em decorrência das alterações ocorridas na dinâmica da sociedade atual.<sup>2</sup> Portanto, a noção de comunidade na sua definição mais tradicional, está ligada a uma ideia de localidade geográfica, com uma estrutura social formada e partilhada, agregando o sentimento de pertencimento e inter-relacionamento em algum agrupamento social, assim como o caráter corporativo, emergencial de um projeto comum e formas próprias de comunicação enquanto condição fundamental das relações sociais<sup>3</sup>. O termo comunidade como estado idealizado e puro, credenciado pela ideia de vida em grupo como foi pensado no passado, na aldeia, na família, na vida doméstica, está ligada às sociedades tradicionais.

Toda comunidade se torna uma sociedade, pelo fato, da vida social sempre envolver certo grau de comunicação e consenso, principalmente na participação dos indivíduos em empreendimentos comuns e interação social<sup>4</sup>. De tal modo, a comunidade existe quando, sobre a base do sentimento, da ação está reciprocamente referida, não bastando a ação de todos e de cada um deles frente à mesma circunstância e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo<sup>5</sup>. Desta mesma forma, esta ação social mutuamente construída pode variar na direção de interesses divergentes ou convergentes, seguindo os méritos em comum, dependendo do desenvolvimento prático da “ação comunitária” e “ação societária” ligada às condições culturais e de contrastes, conforme a situação ambígua que torna a possibilidade de existir em graus invariáveis que

2 LEANDRO, Janaíen Barreira. Comunidade: uma reflexão a partir de Zygmunt Bauman. Revista Kairós - Revista Acadêmica da Prainha Ano V/1, Jan/Jun 2008 p. 157

3 BRAGA, J. F. Redes comunitárias na internet o desafio da democracia. Dissertação em Sociologia. Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Manaus, 2011. p. 24.

4 Cf. WIRTH, L. Delineamento e problemas da comunidade. In: FERNANDES, Florestan (Org). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora da USP, 1973.

5 WEBER, M. Comunidade e Sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan (Org). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora da USP, 1973. P 142.

surtem repetidas vezes nas “ações de massa”, nas quais os indivíduos têm participação comum<sup>6</sup>.

O processo de ruptura da noção de comunidade tradicional se altera à medida que a “comunidade moderna” se distingue de seu protótipo antigo, amparando-se num princípio diferente de ligação entre elementos constituintes que enunciam o contraste entre parentesco e território; entre sentimento e interesses; entre status e contrato. Enfim, comunidade é sempre o lugar onde podemos encontrar os semelhantes e com eles compartilhar valores e visões de mundo. Também significa segurança, e é nela que encontramos proteção contra os perigos externos, bem como apoio para os problemas pelos quais passamos. A sociedade pode ser “má”, mas a comunidade nunca sofre essa acusação, sempre aparece como o lugar positivo de segurança.

A comunidade, desenvolveu-se a partir de três diferentes instâncias: o parentesco, a vizinhança e a amizade. A primeira emerge da vida familiar e fundamenta-se na autoridade dos membros da família, sendo a autoridade manifestada em termos de idade, força e sabedoria. A segunda surge da vida em comum, do território partilhado. Isto é, as necessidades de trabalho e de uma organização comum promovem os hábitos, os conhecimentos e a emergência das tradições. A terceira aparece da semelhança de interesses e formas de pensar. Ela nasce da similitude de atividades, porém é alimentada por encontros frequentes, sendo mais comum nas aldeias e pequenas cidades<sup>7</sup>.

A comunidade de sangue acha-se mais ligada às relações e participações comuns, à posse comum dos próprios seres humanos. Na comunidade de lugar, as relações vinculam-se ao solo e à terra; na comunidade religiosa, os elos comuns com os lugares sagrados e com as divindades honradas. As três espécies de comunidades estão estreitamente ligadas entre si no espaço e no tempo, e, em resultado, em cada um de seus fenômenos particulares.

A comunidade da Vida Religiosa Consagrada teve as origens no terceiro e início do quarto século, quando, acontece a primeira crise do cristianismo, surge nos desertos do Egito, Síria e Palestina uma experiência cristã radical que foi a origem eclesial da Vida Consagrada. Caracterizada pelo eremitismo, pela vida de solidão e de silêncio, logo vai se tornar vida fraterna em comunidade. Os eremitas descobrem que não há cristianismo

6 WEBER, Max. Economia e sociedade, volume 1. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1991. P 215.

7 TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (Org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora da USP, 1973.

verdadeiro sem o viver juntos como irmãos e como irmãs<sup>8</sup>. De tal modo, as várias formas originais de viver a radicalidade do cristianismo, como as virgens, as viúvas, as ordens monásticas, os mendicantes, os clérigos regulares, entre outras experiências, aos poucos foram vivendo em comunidade e dando rosto a Vida Consagrada. Contudo, a razão da vida fraterna não era a amizade, a ajuda mútua, mas o envio para a missão.

É necessária a experiência comunitária focada na solidariedade e misericórdia. Por tanto, a comunidade deve ser o lugar de participação, de correção, de amizade, de gratuidade, de conversão, de perdão, de aceitação e de lealdade. É o lugar do crescimento, mas também é o lugar de constantes desafios. A comunidade deve ser o lugar do discernimento, onde se elabora o projeto apostólico para determinar os tempos e as maneiras de realizar a missão. Porém, acontece que nem sempre os consagrados estamos maduras e preparadas para compartilhar e viver em harmonia e doação.

## 2. O esvaziamento do conceito de comunidade

A “comunidade é um lugar cálido, um lugar confortável e acolhedor... Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto<sup>9</sup>”. Infelizmente esse é o ideal que dificilmente passa no teste da realidade. A realidade é, ao contrário, não comunitária e a insegurança está cada vez mais presente em todos os lugares, maneira especial nos grandes centros metropolitanos.

A insegurança e as incertezas estão presentes no mundo em que vivemos. “Procuramos salvação individual de problemas compartilhados<sup>10</sup>”. O mundo volúvel e mutante ao nosso redor nos faz investir no que podemos ou supomos controlar, qual seja, a nossa autopreservação. Contudo, o paliativo para a insegurança é a busca por segurança que tem a ver com a integridade corporal e o que faz do estranho, o inimigo a ser evitado ou combatido. Desse jeito, levantam-se muros, compram-se vigilância privada porque a segurança pública deixa a desejar. Ao incrementar o arsenal de segurança, mais insegurança aparece, os “outros” se tornam mais ameaçadores e fica-se com menos liberdade de ir e vir. Os estranhos aparecem como a projeção dos medos. Tudo indica que a “secessão dos bem-sucedidos” é o abandono

8 OLIVEIRA, JOSE LISBOA. Viver em comunidade para a missão – um chamado à Vida Religiosa. São Paulo: 2013. P 7-8.

9 BAUMAN Z. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. P 7.

10 Ibidem p 129.

do compromisso com os pobres e prefere-se lavar as mãos das responsabilidades comunitárias. Talvez por isso, os ricos acreditam que não precisam mais da comunidade, não percebem os ganhos da comunidade e da perda sem ela.

Por outro lado, os bem-sucedidos economicamente criam simulacros de comunidades. Elas são vigiadas para não permitir a entrada de intrusos. Criou-se desse jeito o comunitarismo como filosofia dos fracos. Contudo, para os fracos à comunidade real e obrigatória dos guetos verdadeiros pela sua incapacidade de “exibir alguma capacidade especial<sup>11</sup>” e, por isso, condenados a uma vida de submissão e medo nas próprias inseguranças.

Na sociedade meritocrática, que vivemos, o importante é fama e dinheiro, a comunidade fica esvaziada. O importante é ser celebridade e ter resultados. Portanto, as pessoas são avaliadas pelo que compram e possuem economicamente. Se não for pelo dinheiro, pode ser pela fama, quase tudo é permitido. A identidade é escolha e vontade, deste jeito as escolhas devem ser respeitadas, assim como a vontade merece ser recompensada. Os ídolos de hoje são os grandes jogadores, os artistas e as ‘top models’ e eles são efêmeros. É o impacto máximo e obsolescência instantânea<sup>12</sup>, característica das invenções culturais da sociedade líquida, individualista, subjetivista e consumista. O ser humano, ancorado no consumismo, vive a sua vida sem se questionar sobre o que realmente acontece. Vive-se como espectador e não como protagonista da sociedade.

A comunidade atual não provoca responsabilidade e nem compromissos a longo prazo. São vínculos líquidos e passageiros, sem consequências. Há uma separação entre a política cultural da diferença e a política social da igualdade. A “justiça requer tanto a redistribuição quanto o reconhecimento<sup>13</sup>”. Muitas vezes se explicou a desigualdade como fruto de inferioridade de certas raças ou povos, outras vezes foi substituído por uma visão compassiva. Porém a desigualdade é a maior causa das diferenças e estas não são um direito de escolha, mas consequências de um mundo de privilégios individualistas.

As estratégias de *marketing* que faziam parte do âmbito econômico passam a atuar no âmbito existencial. Os objetos de consumo e as vidas humanas adquirem equivalência. Isso porque o consumo ganha nova ressignificação na modernidade líquida. É o processo no qual as vidas humanas se

11 Ibidem p 57.

12 Ibidem p 66.

13 Ibidem p 71.

transformam em objetos de consumo, indo muito além da simples ideia de compra e venda de mercadorias. “*Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias* de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade<sup>14</sup>”.

Na sociedade líquida a opção pela comunidade fica em segundo plano. Toda hora temos que tomar decisões, das mais simples às mais complexas. Há que “decidir para que lado virar e que destino seguir”. Tudo indica que, lidar com o excesso de escolhas é sinônimo de liberdade individual, a única liberdade conhecida por nós nestes tempos, no entanto, a “escolha é uma ilusão desconcertante”<sup>15</sup>. Não há mais normas, só experimentando, e isto exige trilhar vários caminhos alternativos. A coexistência não implica uma vida compartilhada. O inimigo que impede, hoje, de se ter uma humanidade comum é a insegurança. Qualquer grau de diferença é utilizado para erigir muros e atacar.

Na modernidade líquida as relações comunitárias, sociais e laços afetivos são vulneráveis. O cunho mercadológico passa a interferir nas relações afetivas, focalizando a materialidade do ser humano. Nunca houve tanta liberdade na escolha de parceiros nem tanta variedade de modelos de relacionamentos; no entanto, nunca as pessoas se sentiram tão ansiosos e prontos para rever ou reverter o rumo da relação. A relação deixa de existir quando sua utilidade e seu prazer já não despertam o interesse do indivíduo, que pode substituí-la sem se importar com os sentimentos da outra pessoa<sup>16</sup>.

Do mesmo modo, na Vida Religiosa existe um esvaziamento do sentido de comunidade, criado o idealismo comunitário que constrói castelos de areia, que imaginam a comunidade como uma vida sem conflitos, sem incoerências, sem patologias. Quando se encontram essas coisas, devido à nossa fragilidade humana, pode acontecer um desencantamento e não conseguir responder com uma relativa maturidade aos desafios da vida comunitária. Porém, a vida comunitária sem alicerces fortes de misericórdia fica esvaziada.

Por tanto, para formar comunidade não é suficiente morar na mesma casa religiosa, também é necessário ter objetivos comuns, metas bem definidas, prioridades básicas que favoreçam a superação do individualismo e possíveis fugas para o mundo cibernético. Viver em comunidade é um aprendizado, um desafio, um ato de misericórdia cotidiano. Significa superar

14 BAUMAN Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. P 76.

15 BAUMAN Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p 118.

16 Cf. BAUMAN Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

limites e ir além dos interesses pessoais, olhar mais para o “nós” e menos para o “eu”, sabendo que a comunidade é o espaço privilegiado para criar relações misericordiosas de comunhão fraterna.

A vida comunitária, muitas vezes fica fragilizada por mágoas, competição, ironia e rigidez, levando em ocasiões, a refugiar-se no mundo virtual ou/e na televisão. Uma caminhada marcada pela insatisfação, pela amargura que nos encerra na mágoa pelos sonhos não realizados, se torna uma caminhada solitária e pode levar ao individualismo, a refugiar-se no mundo virtual, a deixar de lado a vida comunitária. A fragilidade dos vínculos comunitários pode torná-los emblemáticos, conflitantes, inseguros e ambivalentes, que devem ser superadas pela vivência da misericórdia.

As relações virtuais nunca podem substituir as relações presenciais comunitárias, como o “sentar-se à mesa”, ou olhar o rosto das pessoas e ter uma conversa face a face. “Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a mística de viver juntos<sup>17</sup>”. Essas atitudes são fruto do líquido mundo moderno, pois construímos e sustentamos as referências comuns de nossas identidades em movimento<sup>18</sup>.

O caminho de crescimento passa pela correção fraterna comunitária, mas é necessário o autoconhecimento que evite a projeção dos defeitos, purifique o olhar, elimine as distorções e enganos e, ainda, permita a compreensão e a criatividade com os outros. Supõe ser corajoso, sem ter medo do conflito ou possíveis reações. Na correção fraterna é necessário, acima de tudo a misericórdia, com um bom nível da auto-estima que permita “se expor”, aceite e pondere o que foi dito, sem fazer um drama, das pequenas ou grandes críticas. Mas ter o desejo de melhorar; de mudar, sabendo que os outros vêem dimensões de minha vida que eu não posso ver o que ajudará a superação do individualismo comunitário.

O Papa Francisco, em discurso aos religiosos e religiosas em Kkottongnae (Coreia do Sul),<sup>19</sup> pede para que os consagrados a Deus, vivam a alegria enraizada no mistério da misericórdia, para que se tornem “especialistas na misericórdia divina precisamente através da vida em comunidade”. Ainda o papa afirma que “a vida comunitária nem sempre é fácil, mas é um terreno providencial para a formação do coração”. É normal que confli-

17 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 87

18 BAUMAN. *A sociedade individualizada, vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2008

19 <http://www.acidigital.com/noticias/texto-discurso-do-papa-francisco-no-encontro-com-religiosos-e-religiosas-em-kkottongnae-29976/>. Acesso 07/julho/2016.

tos e incompreensões, mas é necessário enfrentá-los. Contudo, “é na vida comunitária que somos chamados a crescer na misericórdia, na paciência e na caridade perfeita”. Concordamos que não existe o modelo de comunidade perfeita, sem conflitos e desafios; é sempre uma construção com as virtudes e limites dos membros que a formam. Nela devem ser integradas as diferenças e dificuldades. Porém, criar um clima de confiança, ajuda a formar um ambiente de liberdade e responsabilidade. Quando a comunidade constrói uma atmosfera de respeito, tolerância, abertura, escuta e afeição incondicional, está possibilitando um clima de crescimento e de fraternidade sadia, superando o individualismo comunitário e a fuga das novas fronteiras tecnológicas

### 3. Considerações finais

Sem misericórdia não existe comunidade. Não há verdadeira comunidade onde não se verifica o progresso na vivência fraterna e misericordiosa. A miséria humana deve ser o lugar de relacionamento vivo que faz que todos cresçam na fraternidade humana. As faltas, as misérias ligadas à condição humana em vez de distanciar os membros da vida comunitária, através da vivência da misericórdia deve ajudar a estarem mais próximos.

A misericórdia é atitude do amor infinito de Deus, que abraça e acarinha a toda a humanidade. É a entrega divina que acolhe e perdoa a todos; é a identidade do mistério da Santíssima Trindade que deve ser experimentado na vivência da vida comunitária. Deus é misericordioso, porque sempre perdoa e oferece uma nova chance a todos como dom e graça. A misericórdia é a manifestação da compaixão infinita de Deus que vem ao nosso encontro, como ato último e supremo. Também na Vida Religiosa sempre deve existir uma nova chance, como ato misericordioso.

A negação da compaixão é contrária à misericórdia. É rejeitar a experiência do amor que liberta e dá a paz. A misericórdia deve ser sempre o princípio fundamental que mora no coração de cada consagrado, que vê com olhos sinceros o irmão (a). A missão do consagrado não é condenar ou julgar, mas permitir o encontro pessoal com o amor misericordioso de Deus. Toda a ação comunitária deve estar cheia de misericórdia e de compaixão. Portanto, ela é a força que vence, enche o coração de amor e consola com o perdão e a reconciliação.

### Questões para reflexão

1. Quais são os pontos fortes e fracos da nossa comunidade?
2. Como podemos superar o individualismo comunitário?
3. Como vivenciamos a misericórdia na nossa comunidade?

# VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA E AUTONOMIA DO SUJEITO

PE. ABIMAE F. DO NASCIMENTO, MS1

## Introdução

A presente reflexão pauta-se pela evasão que tem batido às portas da Vida Religiosa Consagrada (VRC). A busca de compreensão desse fenômeno tem ocupado muitos debates nos últimos anos. Nesta reflexão a linha de raciocínio percorre o tema da autonomia do sujeito e a realidade das instituições da VRC. A pergunta é: como conciliar essas duas demandas em um contexto que parece divorciá-las? Deste modo, considerando as palavras do papa Francisco, a estrutura da VRC e a individualidade de seus membros, procurar-se-á expor pistas de conciliação entre a estrutura da VRC e as individualidades que a compõe.

O pontificado do papa Francisco é marcado de diversas locuções fortes e muito significativas, seja para o matrimônio, para o ministério sacerdotal, para o laicato em geral e não é diferente quando tratamos da VRC. Uma das frases marcantes do Papa é dizer que a VRC sofre uma “hemorragia”. Essa constatação foi fruto dos números apresentados pela Sagrada Congregação para a Vida Religiosa e Institutos de Vida Apostólica, apontando uma crescente desistência dos votos religiosos por di-

1 Pe. Abimael F. do Nascimento, msc. Mestre em Teologia. Psicopedagogo e Especialista em Filosofia. Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração - Fortaleza-CE  
abimael.nascimento@yahoo.com.br

versos de seus membros. Diante desta realidade, além das importantes reflexões apresentadas, tanto pela Sagrada Congregação, como pelo papa Francisco, vale também refletir entre essas duas realidades que exigem uma síntese, a VRC e a autonomia do sujeito.

A modo de estrutura o texto se deterá brevemente na visão de mundo medieval, a relação entre céu e inferno e sua implicação para a VRC; seguiremos para a Modernidade com os cerca de cinco séculos pelos quais percorre a ruptura com a Idade Média e as repercussões desse movimento para a VRC; por fim, uma pequena exposição em linhas gerais para a conciliação entre a autonomia do sujeito e a VRC.

## A santidade entre o céu e o inferno

A história da VRC inicia-se com o movimento de afastamento do “mundo” para viver a radicalidade evangélica, o que dinamizou-se em uma forte atividade missionária a partir do século XIII, com os mendicantes e depois impulsionado pelas comunidades do século XVI e, assim, a VRC tem sido um sinal eficaz da presença do Reino de Deus em muitas realidades desafiadoras. Entretanto, por muitos séculos ela se firmou no desejo de santidade que estava fincado na visão de mundo onde as pessoas tinham apenas dois destinos: céu ou inferno. Isto é, ou a pessoa vivia destinada para o céu, ou para o inferno. Muitos foram os jovens que ingressaram na VRC com a finalidade de ir para o céu. Isso requeria um radical esquecimento de si mesmo no total abandono na vontade de Deus expressa pelos superiores. Por séculos essa lógica céu e inferno regeu a sociedade e a VRC; no entanto, houve o esquecimento do sujeito. Com uma subordinação radical, a pessoa ao entrar na VRC abria gravemente mão de se colocar como sujeito no mundo. Era uma escolha que subordinava qualquer outra possibilidade, sustentada na maioria das vezes pela disputa entre céu e inferno.

As narrativas de visões de céu e inferno são inúmeras, especialmente entre os santos da Idade Média. Era uma visão de mundo regida pelo medo dos terrores do inferno, de suas chamas. Deus, juiz implacável, exigia sacrifícios dolorosos para que se alcançasse a sua misericórdia (haja vista o uso do cilício), e por outro lado estava a visão de um mundo repleto de tentações e pecados. A consciência estava povoada de inúmeras dificuldades para se chegar ao céu. A existência era um infeliz campo de batalha entre Deus e o diabo, e o homem no centro como elemento de disputa. Este mundo levou a religião no ocidente ao enrijecimento, a de-

envolver estruturas marcadas densamente pela obediência, até mesmo por rigorismo. O céu e o inferno prenderam a religião. O ambiente cristão do ocidente, por séculos, respirou este duelo, inclusive o ambiente da Reforma.

Com o advento da modernidade, o homem requer para si um distanciamento do duelo céu e inferno, e agora surge uma nova ordem de tensão: a vontade de Deus e a vontade do sujeito. Com os filósofos modernos, sejam empiristas, sejam idealistas<sup>2</sup>, o sujeito é o centro do universo; por sua razão, ele pode deliberar sobre sua própria vida. Cai assim a heteronomia, implicando que a ordem dos superiores, a vontade de Deus, que passava pelo poder sagrado de homens e mulheres eclesiásticos, entrava em crise. Agora o homem, recorrendo à sua própria razão, podia decidir sobre si, sobre a sociedade e sobre Deus. Com esse antropocentrismo, a vida deixa de estar destinada para o céu ou para o inferno, e passa a se destinar à felicidade, à realização do sujeito.

## O sujeito moderno e os desafios à VRC

O processo da modernidade, a ruptura com o duelo céu e inferno, já percorre cerca de cinco séculos. A consequência mais visível foi a secularização do Ocidente, mas ainda com lugar para a religião, mesmo que restrita ao ambiente privado; no entanto, com a modernidade avançada<sup>3</sup> o fenômeno religioso se amplia, mas distinto de um evento institucional. O fenômeno religioso do século XX e século XXI é caracteristicamente marcado pela centralidade do sujeito. É o mesmo sujeito moderno que delibera sobre a sua maneira de viver a religião, de viver sua relação com Deus. Parece que nestes cerca de cinco séculos o homem aprendeu a não abrir mão de si mesmo, nem que seja para Deus.

A experiência religiosa na modernidade avançada tem sido marca pelo individualismo, algo que fere profundamente a compreensão de vida comunitária, tão cara à VRC. As pessoas que ingressam nas comunidades são homens e mulheres vindos dessa religião marcada pelo subjetivo, pelo lugar do sujeito diante de Deus.

---

2 Os filósofos empiristas se caracterizam por fazerem o conhecimento da realidade se subordinar às sensações, aos sentidos; já os filósofos idealistas recorrem aos princípios fora da sensações, como sendo o conhecimento inerente ou a priori no homem.

3 Expressão assumida por J.B. Libanio para designar o que comumente é chamado de pós-modernidade ou hipermodernidade.

Sabe-se que há movimentos saudosistas dentro dos ambientes religiosos. Uma onda de ultraconservadorismo invade a religião de muitos jovens. Parece até mesmo uma verdadeira volta à “grande disciplina”, contudo, pelo enfrentamento com as instituições e sua hierarquia, eles possuem foto antiga, sustentada em molduras contemporâneas. Ou seja, também estão centradas na autonomia do sujeito, no que eles desejam e assumem para si, sendo a própria identidade a fonte de referência.

Diante desta realidade pode-se perguntar: o que é a Vida Religiosa Consagrada? Como manter a profecia dos votos religiosos? Será que aqueles que a deixam o fazem por não conseguirem uma vida autêntica? Como a VRC pode assimilar, depois de tantos séculos, a autonomia do sujeito?

## Vida Religiosa Consagrada e autonomia do sujeito: uma conciliação em construção

A VRC rege-se pelo princípio da vida fraterna, que inclusive o papa Francisco mencionou no discurso aos religiosos e religiosas, mas a inquietação é: como conciliar os princípios de vida fraterna, ter tudo em comum, com os projetos pessoais? Uma vez que o sujeito moderno quer ser feliz, quer se realizar: como pensar uma vida fraterna que edifique não só a instituição, mas também cada membro, cada pessoa? No pensamento ético, inclusive em algumas correntes do utilitarismo<sup>4</sup>, o princípio de conservação do bem comum é não incorrer em dano. Para esses pensadores a definição de dano é muito ampla e discutível, no entanto, no que toca à VRC o que se pode ter como dano é aquilo que fere os votos religiosos; então, o desafio entre a vida comunitária e a realização da pessoa deve passar pelo exame dos votos. Não de forma meramente externa, mas de uma consciência que tenha aderido aos votos e os tenha assumido para si, para vivê-los em comunidade.

Os votos religiosos possuem em nossos dias um valor profético que somente poderá resplandecer quando as pessoas que os vivem os façam de forma alegre e verdadeiramente contagiante. Algumas vezes, em especial, o voto da obediência se expressa de forma radicalmente heterônoma, como se cada batizado não tivesse a capacidade de discernimento,

---

4 Defendido pelo pensamento de Stuart Mill, pensador inglês do século XIX.

dada pelo próprio Espírito de Deus<sup>5</sup>. Em nome da vida fraterna, regida pela obediência, a individualidade está colada à institucionalidade, o que desafia a pessoa a se realizar somente naquilo que a instituição elege para ela, confrontando diretamente a pessoa e a comunidade.

É demasiado claro que atualmente a adesão aos votos não coincide, como no passado, com o total esquecimento de si, em vista do prêmio eterno. Por isso, diante dos votos, como valor inalienável, está a pessoa que quer se realizar, que quer encontrar um caminho para o sentido da vida. Sabendo que nem sempre o “realizar-se” indica uma vida fora da VRC, mas algumas vezes pode acontecer que a VRC se furte a valorizar os carismas individuais, ferindo assim a individualidade e os anseios de seus membros.

Diante dos números de dispensa de votos, muitas vezes a VRC cai numa estrada de única via: a culpa é dos que a deixaram. É bem verdade que múltiplas são as hipóteses e constatações de infidelidades e incoerências, contudo, é singular a pergunta que a VRC deve se fazer diante dessa “hemorragia”: será que conseguimos responder aos projetos de vida tão multifórmes que existem hoje? – Sim, porque se pode considerar que muitas infidelidades e até incoerências nascem não pela deficiência ou fraqueza unicamente da pessoa, mas pode haver toda uma visão de mundo que dilua o essencial em coisas secundárias, a ponto de se perder pelo caminho o primeiro amor. Hoje, com o auxílio das ciências humanas, em especial a psicologia, muito se pode ajudar os membros das comunidades religiosas, contudo, nada mais significativo que uma comunidade que cative, que aposte, que instrua e testemunhe. Esses elementos regam a cada dia o primeiro amor, através da oração, do apostolado, da caridade e da vida fraterna.

As pessoas que deixam a VRC nem sempre o fazem por não terem uma vida autêntica, mas, às vezes, pelo contrário, por a buscarem; assim, a autenticidade da comunidade ajudará sempre cada membro a se colocar no mundo, a se colocar como sujeito que fez uma escolha, que se sentiu chamado e elegeu determinado carisma e missão para se realizar como pessoa, dentro do projeto do Reino de Deus. Já para aqueles aos quais falta uma eleição consciente e orante, não haverá outro caminho senão a sensatez de se afastar ou a hipocrisia de permanecer.

5 Instrução: o serviço da autoridade e a obediência, n. 16, p. 36: “Se é verdade que não existem comunidades significativas sem amor fraterno, é igualmente verdade que uma correta visão da obediência e da autoridade pode oferecer um auxílio válido para viver, no dia-a-dia, o mandamento do amor, sobretudo quando se trata de enfrentar problemas concernentes à relação entre pessoa e comunidade.”

Parece que nos dias atuais a VRC está desafiada, não pelo secularismo ou pelo fideísmo, mas pela conciliação entre suas estruturas e a autonomia do sujeito, de sorte que o desafio é se reinventar, novamente encontrar o caminho de comunhão com Deus e com os irmãos. Aliás, toda instituição está imersa nesse desafio. Os grupos econômicos o assumem imprimindo uma dimensão progressivamente qualitativa em relação à empresa. O indivíduo é chamado a “vestir a camisa” em vista de um ganho promocional, crendo que o sucesso da empresa é também seu sucesso. A individualidade é condecorada com promoções e bonificações financeiras e mesmo que alguém possa pensar que seja somente ideologia, o fato é que o indivíduo se sente contemplado. O seu sonho de “crescimento” profissional e financeiro está sendo gradualmente atingido. Isso é tão concreto, que, apesar das dificuldades no mercado de trabalho, muitos, quando não se veem contemplados no crescimento profissional e financeiro, migram de empresa, ou saem mesmo sem perspectiva de outro emprego imediato. É o claro choque entre a individualidade e a institucionalidade. As pessoas vão buscar uma empresa que valorize seus talentos.

A VRC, por muitos séculos alinhada à bonificação do céu, às vezes se esqueceu de proporcionar essa valorização de seus membros e muitas vezes diante da saída de alguns se contentou pela frase: “apesar da saída de fulano, a Congregação continua, Deus sempre manda mais...”. No entanto, na emergente crise vocacional, o que se tem visto é que nem sempre Deus “manda”. Pode parecer que o pensamento contrário à “desimportância” de quem sai, coloque a instituição como refém dos indivíduos, mas pelo contrário, coloca a instituição como um elemento de realização do sujeito. A instituição tem também a oportunidade de ser o lugar de desenvolver os talentos (cf.: Mt 25,14-30). Na valorização da pessoa, a VRC dá um testemunho de valorização da vida humana sem a ver como uma mercadoria, tal como ocorre no mercado de trabalho comum. Essa valorização passa pela identificação do carisma e missão de cada comunidade religiosa, sabendo sempre do princípio de não causar dano à pessoa e aos votos, podendo, assim, conciliar o crescimento dos talentos e da instituição.

Há contexto em que a realização da pessoa está ameaçada pelas disputas internas nas comunidades. São situações nas quais as instituições religiosas não se diferenciam de muitos grupos políticos regidos por favores e clientelismo. Mas a profecia da VRC é convocada pela Palavra

de Deus a sempre atuar no âmbito interno, com o fim de gerar testemunho de fé e crescimento humano.

Para a VRC lidar com a sua institucionalidade e a autonomia do sujeito é sempre válida a formação humana, isto é, utilizar-se dos saberes universais para favorecer uma vida espiritual e afetiva num crescente de amadurecimento, proporcionando uma autonomia que humanize. Que faça se dar um humanismo do outro homem<sup>6</sup>, uma maturidade relacional que integre toda a pessoa e transborde até a sua comunidade.

## Conclusão

Os desafios dos tempos de hoje são fruto de um longo processo iniciado na Idade Média e robustecidos na Modernidade, assim, para respondê-los não se pode perder de vista esse percurso histórico, mesmo considerando que sejam desafios para hoje. Daí a importância de reflexões para além da defesa institucional e, do mesmo modo, para além da armadilha do subjetivismo, com o fim de se construir caminhos que estabeleçam encontros entre os anseios do sujeito autônomo e as instituições carismáticas. É um caminho frutuoso já testemunhado por muitos fundadores e fundadoras; no entanto, às vezes esquecido ao longo da história. É preciso guardar o tesouro, mas sem se fechar a novas belezas.

O céu continua sendo o desejo da alma de todo consagrado, mas ele, em nossa época, é antecipado por sinais concretos de realização da pessoa, de realização carismática da VRC, de modo que assimilar a autonomia do sujeito dentro da VRC é antecipar hoje os sinais do céu.

A Vida Religiosa Consagrada está desafiada a não só condenar o mundo moderno, mas perscrutar nele aquilo que a ajuda a ser mais profética e atraente para os jovens dessa época. Apesar de estruturas antigas, pode-se viver coisas novas sem perder o Espírito e sempre valorizando a individualidade em um plano carismático e institucional.

---

6 Expressão do filósofo lituano-francês Emmanuel Levinas (1906-1995), que considera o humanismo moderno como uma “ilusão”, pois volta-se para si, é um império do eu sobre todas as coisas, inclusive sobre o outro. Para ele é preciso um novo humanismo. Aquele humanismo que assuma a responsabilidade ética pelo outro.

## Questões para reflexão

1. Você entende que a formação humana e afetiva faz parte de um conjunto de elementos que contribui para o esclarecimento vocacional e com a vida comunitária?
2. A evasão de membros da Vida Religiosa Consagrada pode ser entendida como uma valiosa pauta de autoavaliação de nossas Comunidades?
3. Quais caminhos podem ser tomados rumo à conciliação entre os anseios do indivíduo e as necessidades de uma Comunidade religiosa?

## A ESCOLA DA EUCARISTIA PARA APRENDER A DISCERNIR, AMAR E ADERIR TOTALMENTE À VONTADE DO PAI

FREI PATRÍCIO SCIADINI, ITALIANO, SACERDOTE CARMELITA

### Eucaristia é fonte e alimento que nos leva a santidade

Há uma estreita relação entre Eucaristia e Santidade. A Eucaristia é o fim para o qual se encaminham as ações da Igreja e a fonte de onde deriva toda a sua força (Sacrosanctum Concilium 10). É Pão de vida, alimento necessário para fazer crescer em nós a semente da caridade depositada em nossos corações por obra do Espírito Santo. Graças a este dom de Deus, todo cristão é introduzido na trilha para caminhar rumo à santidade. Os Santos são evangelho vivente. Não existe na Igreja um século sem santos. Deus os suscita para que não percamos de vista a nossa vocação: “sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19,1-2). Os santos são aqueles que, amados por Deus, O amam com todas as forças e com total entrega de si; e é a Eucaristia que alimenta e aumenta a comunhão deles com Cristo. Assim, Cristo vive em nós e nós vivemos Dele, presença misteriosa que fascina e atrai todos aqueles que O buscam de coração sincero.

O século em que ela viveu foi um século rico e marcado pela misericórdia de Deus. Este século floresceu em seus santos – homens e mulheres – que, animados pela força do Espírito Santo, souberam dar profundas respostas às necessidades da sociedade e da Igreja. Catarina Comensoli, nome recebido no batismo, nasceu em Bienno, Valle Camônica, em 1847. Desde criança sentia uma forte atração por Jesus no sacramento da Eucaristia. Amava visitar as Igrejas mais próximas da sua casa e ali permanecia por longas horas em adoração, com os olhos fixos no tabernáculo. A vida de Catarina era simples, feita de amor a Deus e ao próximo. Como todos os jovens, também ela passou pela crise de fé. A vida de toda pessoa é formada por períodos de mudanças e transformações. Não tem como fugir das crises, porém, pode-se aprender a lidar com elas. E isso exige conhecimento, amadurecimento e domínio de si. Com os santos se aprende que não se deve temer as crises, pois elas nos edificam, nos fazem crescer. Catarina mesma descreve isto na sua autobiografia: *“Por volta dos 18 anos, comecei a me esfriar e a ser infiel ao meu Deus...”* (p. 15).

Bom e justo é o Senhor. Ele nos atrai, mostrando-nos seu caminho, conduzindo os humildes na justiça (Sl 25,8-9). Ele nos ama tanto e deseja que andemos com Ele seguros em suas mãos, sem nos soltar jamais. Deus quer que escalemos alturas, que atravessemos vales profundos com Ele, sem que nos percamos nos caminhos da vida. Catarina, confusa, mas com hábito de escuta, exercício praticado desde a sua infância, retorna lentamente ao seu objetivo, e o fervor se estabelece aos poucos, de forma que ela entende que entre ela e Cristo havia uma profunda intimidade em que ela vai percebendo que o Senhor a quer para Ele. E o sinal do seu amor é a cruz.

Certa manhã, depois da comunhão, Ele me disse: O que resta à alma quando quer se tornar semelhante a mim?... Tu deves ser crucificada comigo... o teu alimento, a minha vontade... filha, através de muitos combates, chegarás à minha semelhança” (p. 18).

Percorrendo os escritos de Catarina Comensoli, nos deparamos com uma experiência de busca da misericórdia de Deus, do amor apaixonado por Cristo Eucarístico que suscita nela o desejo sempre mais forte de Amá-lo e fazê-lo amado, por isso se dedica à missão de evangelizar os mais necessitados. Em meio aos desafios de uma sociedade industrializada, Catarina tinha uma grande preocupação: a tradicional sociedade camponesa da Itália de fins do século XIX se transformava em uma sociedade industrial. As famílias tinham de enfrentar novas exigências trabalhistas. O que mais

inquietava Catarina eram as excessivas horas de trabalho que não deixavam espaço às pessoas para se cultivarem espiritualmente e praticarem a vida cristã. Numa audiência especial, o Papa Leão XIII a alentou a que fizesse algo pela difícil situação social e moral que tanto estava afetando o mundo dos trabalhadores.

Catarina não pôde conter o clamor de seu coração: “*Era uma voz forte que me chamava*”, testemunha a santa em sua breve autobiografia. Com as graças do Senhor ela fundou o Instituto de Adoração e Educação em 15 de dezembro de 1882. Recebeu a colaboração e os conselhos do Pe. Francesco Spinelli, como também o apoio do bispo de Bérgamo, Dom Gaetano Camillo Guindani. Seu objetivo primeiro era o da adoração perpétua, entendendo-se assim, que, a partir da oração profunda e da intimidade com Jesus, suas religiosas pudessem projetar-se na ardente caridade para com os mais necessitados. Dois anos mais tarde, Catarina vestiu o hábito Religioso e recebeu o nome de Gertrudes Comensoli.

Gertrudes é uma apóstola que busca a sua força para ser presença viva de Cristo na oração e na adoração ao Santíssimo Sacramento. Ela se colocava na escola de Jesus Eucaristia, contemplando-O e escutando-O por longas horas, para imitá-lo na vida de todos os dias. Colocava-se “face a face” diante de Jesus Sacramentado, deixando-se plasmar por Ele. A adoração era uma verdadeira escola e escola de caridade, onde aprendia a amar da maneira como Jesus amava. A uma superiora ela recomendava:

Aproxima-te de Jesus, vai muitas vezes diante do tabernáculo e pede que te conceda aquela amabilidade, doçura e humildade da qual é pleno o seu amável coração”. (carta do 27/10/1902).

A uma outra ainda dizia: “No augustíssimo e SS.Sacramento, encontrarás um exemplar superior a todos os santos. Fixa-te Nele e procura com todo empenho recopiar a sua vida, as suas virtudes. Que sublime modelo”! (Carta do 14/10/1898).

Não é possível compreender a vida dos santos somente olhando seus últimos momentos de vida, eles e elas fazem um caminho de constante conversão. Percorrem um caminho onde não faltam as cruzes. Quando Deus entra na vida de uma pessoa, a chama, a transforma e a faz compreender o sentido do sacrifício e da cruz. Hoje nós vivemos num mundo de comodismo, de facilidade, vida voltada ao consumismo onde nos convencemos falsamente de que a felicidade está em ter tudo, poder tudo e experimentar tudo... não se pode falar em sofrimento, hoje não queremos vida de cruzes. Mas, “*se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e me siga*” (Lc 9,23) disse Jesus. A santidade se constrói no caminho do calvário, caminho estreito e muitas vezes de privações e de lutas.

Lendo as “Notas Íntimas” de Gertrudes Comensoli se compreende que para dominar a si mesma, para adquirir uma identidade crítica, para viver em solidariedade com os pobres, ela soube aceitar os sofrimentos inevitáveis da vida que são as cruzes de cada dia, e procurou ativamente se despojar de tudo e oferecer tudo ao Senhor. Sem esta força interior, a mortificação e o sacrifício seriam como justamente diz o mestre João da Cruz “*uma mortificação sem sentido*” (p. 36).

Podemos perceber nas palavras colocadas em evidência pela Comensoli que, nos dias atuais, se conhece muito bem a exegese crítica da Palavra de Deus, mas se vive com pouca intensidade. No passado, muitos santos quase analfabetos no conhecimento das escrituras, mas sedentos por possuí-las, guardavam no coração aquilo que podiam haurir dos momentos litúrgicos, fazendo delas seus objetivos, lemas, mantras, que orientavam e davam consistência às suas vidas, de forma a transformá-los em homens e mulheres novos. Na Comensoli, a palavra FIAT... FIAT... foi uma das jaculatórias que a purificou e santificou, fazendo-a dócil à vontade de Deus, atenta, pronta e decidida aos apelos do Senhor. Gertrudes decide-se a uma vida de sacrifício e mortificação, não numa visão masoquista da espiritualidade, e nem por ser intimista, mas porque quer se educar, fortalecer-se, para se ajudar no domínio da carne e deixar os frutos do espírito florescer de maneira plena” (Gal 5,13), e desta forma crescer mais no seu objetivo de ser toda de Jesus, amando-O e fazendo-O amado por todos.

A marca mais evidente de nossa época é o individualismo e o hedonismo. Por isso se faz necessário redescobrir à luz do evangelho e do testemunho dos santos o sentido do trabalho pessoal para uma maior integração de si, e conseguir assim “sair do domínio da centralidade do ego” para perceber mais as periferias dos sofrimentos da humanidade. Os santos faziam este trabalho jejuando e sacrificando. Enquanto hoje, observando a dor da humanidade e, sobretudo, o problema da fome em grande parte do mundo, constatamos que os pobres jejuam porque não têm o que comer. No Evangelho fala-se das “práticas” da oração, esmola e jejum, onde nossas relações são iluminadas e questionadas pelo modo de proceder de Jesus. Que sentido tem, para nossa cultura, hoje, estes gestos? São ainda propostas para uma vivência cristã fecunda? Embora nosso tempo não suporte tais assuntos, precisamos nos educar valorizando e evidenciando mais estes gestos bíblicos, pois são gestos e atitudes que condensam o sentido da vida cristã. A vida é um abrir-se aos demais! Eis o porquê do ser solidário, do manter-se no mistério de Deus, iluminado pela oração para ser capaz de ordenar e dirigir a própria existência, habilitando-se desta forma a exercícios que vão se externando e fortificando

o espírito e o corpo, no enfrentamento de realidades dramáticas do nosso tempo, com os mesmos sentimentos de Cristo.

A Comensoli teve a Virgem Maria como ponto referencial importante para a sua vida. Nela buscou o modo de abertura e escuta da vontade de Deus: FIAT... FIAT... em Maria ela contempla este fiat, como o momento em que o Verbo se fez carne. Maria, primeiro tabernáculo “ambulante” que leva consigo a pessoa de Cristo Jesus. A presença mariana sob a luz da Eucaristia foi o centro da espiritualidade de Gertrudes, podendo-se dizer que isto estava latente numa forma forte em toda sua vida. Ela teria saboreado intensamente as palavras do santo João Paulo II na sua encíclica, *Ecclesia de Eucharistia*, quando diz que “de certo modo Maria celebrou a primeira Eucaristia quando pronunciou o seu Fiat”.

Vós sereis a minha força, o vosso nome, o meu escudo, e a confiança que me inspirais, me tornará invulnerável ao inferno. Portanto, colocarei em vós as minhas inquietações, me abandonarei à vossa ternura, dormirei tranquila entre os vossos braços amorosos, repetindo com o coração ardendo de desejo de ser constante, fiel: Quem me poderá separar da caridade de Maria? Nada, nada... Não, jamais coisa alguma poderá separar-me da minha querida Mãe”! (pág. 37)

É forte na contemplação de Gertrudes o relacionamento de Maria com seu filho Jesus. Por isso sente no seu coração o grande desejo de adorar o Senhor Jesus “presente na Eucaristia” e fará d’Ele o centro de sua vida, onde encontra o seu repouso, o seu consolo, sentido para sua existência. É da Eucaristia que vem para ela a força para enfrentar as dificuldades nos vários momentos da sua trajetória. Uma leitura atenta das Notas Íntimas e das Cartas nos dão uma visão completa da espiritualidade da Madre Gertrudes preocupada com as coisas do alto e que suas irmãs pudessem viver uma vida espiritual de “qualidade” que as levariam a um apostolado frutuoso feito de amor e de atenção aos outros.

## Para Madre Gertrudes três são as fontes de sua espiritualidade.

### 01. Eucaristia

Para ela, uma comunidade que tem a presença de Jesus eucarístico *é um Paraíso na terra. E um dia sem eucaristia é como um dia sem sol.* São apenas afirmações que revelam toda uma espiritualidade bíblica, teológica. Uma comunidade não pode ter vida sem se alimentar da Palavra de Deus e da

fração do pão (Atos 2,42). A presença de Jesus na comunidade das Sacramentinas não é uma presença decorativa e nem somente devocional, mas uma presença amiga do Amigo ao qual elas devem recorrer para escutar e receber força para o apostolado. Há no coração da Madre Gertrudes um amor a Jesus eucarístico, missionário, apostólico. É através da oração a Jesus eucarístico que ela quer lançar a Igreja nas periferias do mundo, dos não crentes. Teresa d'Ávil, quando reformou o Carmelo, viu que era necessário rezar para que fosse superada a heresia que dividia a igreja. Jamais os santos, através da oração, se alienam dos problemas da humanidade, mas os levam diante de Deus com profundo amor abraçando assim a mesma humanidade sofrida. É claro que Gertrudes, ressentida, na sua espiritualidade, dos conceitos teológicos do tempo, não poderia ser diferente: Jesus “encerrado, prisioneiro no tabernáculo” estas frases são superadas quando ela mesma diz: *“Jesus encontra suas delicias em estar no meio de nós”* (pag. 996), e *redescobre Cristo presente entre nós, um Jesus amigo e companheiro de viagem*. O diálogo permanente com ele nos ajuda a viver uma vida apostólica intensa e atual, despojada de ideologias e rica de humanidade para com todos. A adoração ao santíssimo sacramento é para Gertrudes, e quer que seja também para suas filhas, uma “escola” onde se aprende a escutar, amar e servir consumindo-se totalmente para Deus e seu Reino.

## 02. O Apostolado.

Santa Gertrudes é uma contemplativa de olhos abertos para o mundo. Contempla o Cristo no sacrário e, baixando os olhos vê ao seu redor miséria, pobreza, sofrimento de todo tipo. Não pode ficar de braços cruzados, é necessário sair para levar conforto a todos, e especialmente como se dizia naquele tempo “salvar almas”. Há uma carta em que Gertrudes manifesta todo o seu zelo missionário à Irmã Concetta Pasini anunciando a abertura de duas casas onde ela coloca toda sua esperança. *“Almas, almas... eis o nosso grito, o nosso lema, o nosso objetivo em tudo e por toda parte”* (Carta 204). As sacramentinas sentem forte o apelo para evangelizar educando, sobretudo as crianças, os adolescentes e os jovens, consumindo a vida pelo Senhor, neste âmbito desafiante e fascinante da missão da Igreja. O empenho educativo é, para elas, uma vocação, uma escolha de vida, um caminho de santidade, uma forma de caridade fraterna. Assumindo com renovado entusiasmo esta apaixonante missão que tem suas raízes no patrimônio de sabedoria pedagógica do Instituto, reafirmam a convicção de poder contribuir na maturação das pessoas, ajudando-as a enfrentar os desafios da

sociedade de hoje, numa perspectiva de fé. Um desafio a ser acolhido com humildade e confiança, conscientes do quanto é árdua esta missão, num mundo em contínuas mudanças, carentes de referências estáveis e marcado por estilos de vida, muitas vezes, superficiais. É o momento de recriar na vida religiosa o entusiasmo missionário que nasce de uma visão completa do ser humano, visando a sua formação, seja humana, intelectual e espiritual. Esta carta podemos chamá-la de “manifesto” do coração missionário de madre Gertrudes. Uma oração sem um espírito missionário que abrace o mundo é estéril.

### 03. A pedagogia da misericórdia e do amor.

O papa Francisco nos tem lembrado que a porta da misericórdia nunca poderá fechar, está sempre aberta, especialmente para os mais fracos, os frágeis, as pessoas necessitadas. É próprio da misericórdia nunca se escandalizar e nunca perder a paciência. Hoje a psicologia se pergunta: de onde vem a nossa agressividade, a nossa impaciência e desejo de dominar os outros? E várias podem ser as respostas. Madre Gertrudes dá uma resposta acertada: vem da nossa “pouca oração” quer dizer, da falta de autoconhecimento e do desequilíbrio interior. Ela fez uma escolha, os pobres, os necessitados de amor, e entre eles as **<juventudes>**. Em vários momentos ela fala disto e chama a atenção das suas irmãs para que tenham muita paciência com os jovens. Há uma pequena carta que sintetiza um pouco esta pedagogia da misericórdia e do amor que Madre Gertrudes queria ver resplandecer nas suas filhas chamadas à santidade. À Irma Escolástica assevera:

“Não consegui responder antes à tua cartinha, mas não te esqueci nem um só instante, pois estou muito unida a ti no Santo vínculo da caridade, no amor do nosso Jesus. Mãe, irmã e tudo o que quiseres, eu sou para ti naquele que é o nosso tudo. Dele receberás a paciência para com as crianças, se lhe pedires de coração. Sabes de uma coisa? Eu temo que rezas pouco, pouco, por isso és nervosa, impaciente e também furiosa, grosseira. Não, filha, fica calma, não grites quando elas aprontam. O que se pode esperar dessas juvenzinhas? Fazem até demais em comparação conosco, que deveríamos ser santas. Se tivessem recebido as graças que nos foram concedidas! Eh! Humilhemo-nos e tratemos bem aquelas pobres almas a quem Jesus tanto ama”. (Carta 307)

Gertrudes não é “teóloga” da mesa de estudo e universidade, é uma mistagoga que ensina através de sua vida e de sua experiência. Nela há uma teologia e mística narrativa em que vai ensinando o caminho que devemos seguir para sermos totalmente de Deus e totalmente a serviço dos homens.

## Questões para reflexão

Agradecendo à revista *Convergência* pela oportunidade de apresentar a espiritualidade sacramentina de Bérghamo, gostaria de poder oferecer umas questões para uma reflexão pessoal ou comunitária.

1. Que lugar ocupa a Eucaristia em sua vida? Ela é para você escola de aprendizagem diária? O que se aprende nesta escola?
2. Quais experiências são feitas com esta fonte de vida e salvação em sua comunidade?
3. A pedagogia da misericórdia e do amor é praticada no seu apostolado? Ela tem seus fundamentos nos ensinamentos do evangelho, ou no desejo de aparecer e dominar?
4. Como criar comunidades que sejam espaços de escuta, partilha e crescimento que nos ajudem a aceitar com alegria as diferenças, criando uma unidade e vencendo o individualismo?
5. Como vida religiosa, estamos convencidos de que, para evangelizar, devemos antes abrimo-nos à evangelização? Que passos significativos darmos?

## Bibliografia

COMENSOLI, Gertrudes, Santa. 1882 – 1903- Cartas. Os Escritos / tradução das Irmãs Sacramentinas de Bérghamo. Belo Horizonte, Estrela da Manhã, Editora, 2016



CRB

